

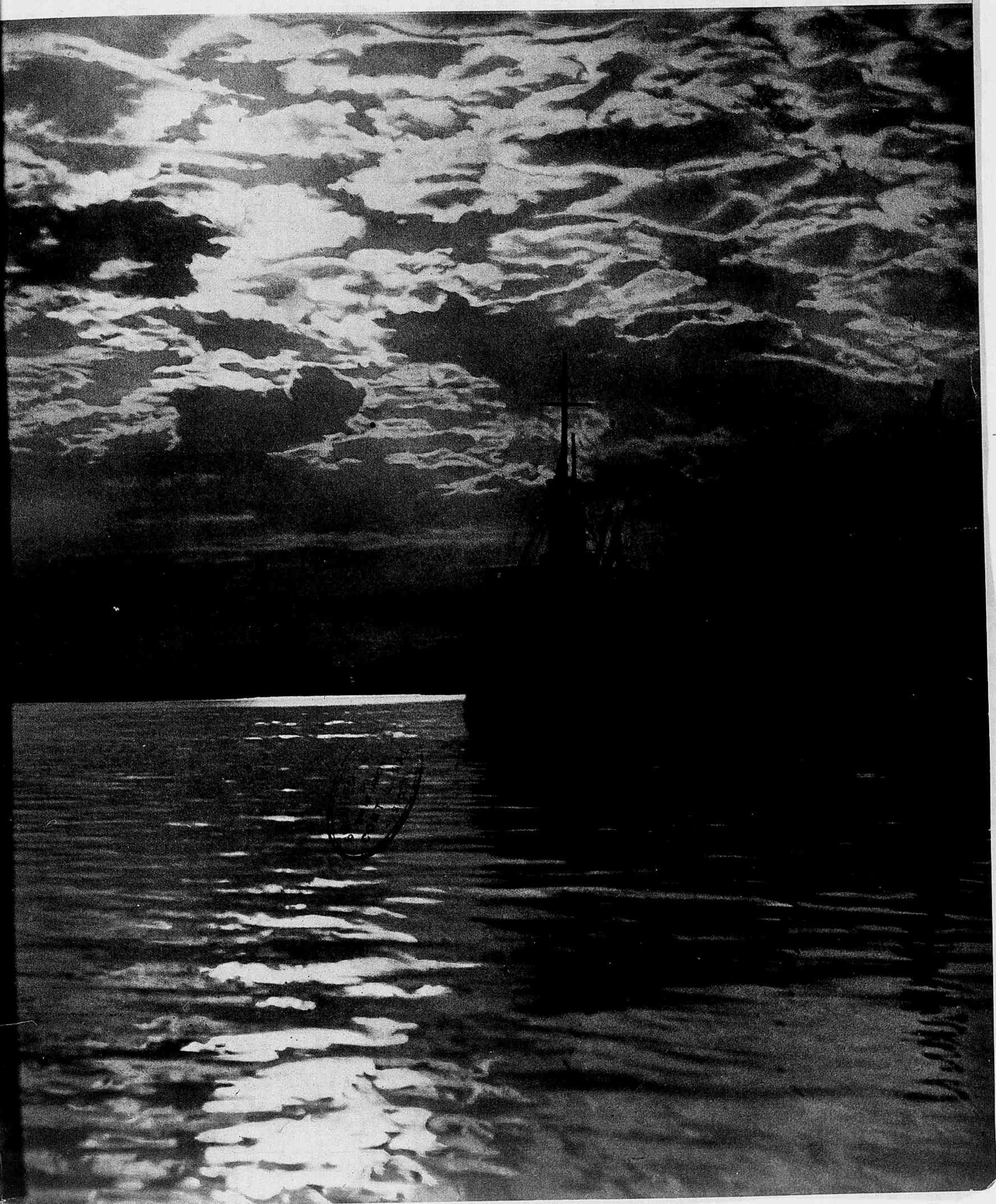
REFLEXOS
(Porto de Santos)

Photo de Boris
Kauffmann).

Revista da Semana

1\$500
em todo o
Brasil

ANO XLII == N.º 16 == 19 de Abril de 1941



SENSACIONAL *Estreia na* P.R.A.

Constituiu um espetáculo de rara beleza musical o aparecimento da orquestra "Lecuona Cuban Boys", nos luxuosos estúdios da Mayrink Veiga.

O público que lotava as suas dependências não economizou aplausos aos rapazes comandados por Orefiche, que souberam proporcionar um soberbo espetáculo para os olhos e para os ouvidos.

Os ritmos cubanos brotaram espontâneos e inevitáveis daqueles instrumentos sagrados de Havana, e contagiaram os ouvintes da P. R. A. 9 a ponto de serem bisados diversos números apresentados na noite de 2.^a feira.

A orquestra "Lecuona Cuban Boys" é, sem dúvida alguma, o maior "it" da temporada radiofônica deste ano.



Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A DECANA DAS REVISTAS NACIONAIS

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NA EXPOSIÇÃO DE TURIM DE 1911 E OS GRANDES PRÊMIOS NAS EXPOSIÇÕES DE SEVILHA E ANTUÉRIA EM 1930

E NA FEIRA INTERNACIONAL DE S. PAULO EM 1933.

PROPRIEDADE DA

COMPANHIA EDITORA AMERICANA S. A.

DIRETOR: GRATULIANO BRITO

REVISTA DA SEMANA

OS TRABALHOS ASSINADOS SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

SUCURSAL EM SÃO PAULO

Edifício Martinelli — 10.º andar — Sala G. Telefone 3-3885

Endereço Telegrafico: REVISTA

REPRESENTANTES

BAIA — Joaquim M. Cunha

Praça Castro Alves, 79 — São Salvador

PARANÁ — Gerson Gomes Lustosa (correspondente)

Rua Carlos de Carvalho n.º 237 — Curitiba

RIO GRANDE DO SUL

Ademar Lobato — (Agência Public)

Rua Siqueira Campos n.º 1169 - sala 6 — (PORTO ALEGRE)

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ASSINATURAS		REGISTRADA	
BRASIL E AS 3 AMERICAS			
Um ano.....	63\$000	Um ano.....	80\$000
6 mezes.....	32\$000	6 mezes.....	40\$000
EXTRANGEIRO		REGISTRADA	
Um ano.....	170\$000	6 mezes.....	90\$000
Avulso.....	1\$500	Atrasado.....	2\$000
15 — RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ — 15			
Telefones: Direção 22-2622 Gerência 22-2550 Secretaria 22-4447			
Redação e Publicidade 22-9570 Fotog. 22-1013 Portaria 22-5602			
Endereço Telegrafico: REVISTA — RIO DE JANEIRO			

TODOS OS ORIGINAIS ENVIADOS A



O ÚLTIMO feiticeiro

POR BÉRIO NEVES

Meu amigo:

Choremos, juntos, o fim de uma das mais velhas ilusões do gênero humano: a Feitiçaria.

Espírito luminoso de Nostradamus, curvai a fronte eterna e medita sobre o fragil destino das cousas humanas. Outrora, os reis vos buscavam para ouvir, de vossos lábios, os prognósticos da sua vida ou do seu reinado; hoje, aos que os seguem as pegadas, a Polícia os detém e a Lei os condena!

Quem hade chorar, no presídio, o triste fim dos feiticeiros? Os enfermos e os analfabetos. Uns e outros são doentes — do corpo ou da alma. A medicina de Pasteur, Koch e Banting não tem lugar para estes remanescentes de idades mortas... A ignorância é a mãe da feitiçaria — dizem os homens de ciência. Os psiquiatras atribuem-lhe 50 % dos casos de loucura que há no mundo. Os padres não vêem, ali, senão o rabo do Demônio e o cheiro acre do enxofre.

A feitiçaria é o respiráculo da angústia universal. Quem tem uma chaga incurável não se recusa de consultar o próprio Belzebut, si ele abrir um consultório na Cinelandia. Quem se vê contrariado nos seus negócios ou nos seus amores irá ao Inferno, em busca de um dinheiro esquivo ou de um beijo saboroso... A Feitiçaria é tão velha quanto o gênero humano. Nasceu no Egito, terra velhíssima onde nasceram, também, a Medicina, a Matemática e quasi todas as belas artes.

Os nigromantes abundavam nas margens fecundas do Grande Rio. A pirâmide de Cheops — a maior de todas — destinava-se á iniciação dos neófitos no culto atlântico. A construção desses monumentos de pedra nasceu do desejo de transmitir, aos porvindouros, um pouco da própria alma egípcia — hierática e misteriosa...

Também na Grécia desabrochou a flôr vermelha da Feitiçaria. Que era a sibila de Delfos senão uma feiticeira? Essa pitoniza oficial mascava folhas de loureiro sagrado e bebia água de um "regato profético", chamado Cassotis...

Que é que as separa das adivinhas de hoje senão o fato de estas mascarem fôlhas de fumo, em vez do loureiro clássico, e beberem — não a água profética do Cassotis — mas vulgaríssimas águas minerais?

Os métodos divinatórios pouco mudaram através dos tempos.

As "mesas giratórias", que tanto furor causaram no comêço deste século, já eram familiares aos sacerdotes egípcios. E' certo que lhes falta todo o esplendor da liturgia e que, em vez de sacerdotes revestidos de insígnias sagradas, são homens em mangas de camisa que se assentam em torno dela, enquanto digerem o bife e as batatas do jantar... O que falta ao nosso século é encenação e poesia. Hoje, a idéa de mesa só gera, em nós, apetites pantagruélicos e sórdidas idéias de comezainas... Outrora, a mesa era um altar, em que se oficiava ao Desconhecido...

Em Roma, cabeça do mundo antigo, pululavam igualmente feiticeiros e adivinhos. Quem ousaria pedir saúde aos deuses, sem sacrificar, antes, um galo a Esculápio? Todos os grandes espíritos da Cidade Eterna eram

mais ou nos supersticiosos: Petrónio, Cícero, o próprio Júlio

Cesar, vencedor das Gálias e de Pompeu...

A Idade Média está cheia de fantasmas alucinantes. Todos os nossos contos de fadas, com as suas bruxas malélicas e os seus prodígios estupendos, são reminiscências populares das credices medievais. O nosso *sacy-pererê* tem suas raízes atávicas no século XII ou XIII. O *caipora* das matas nordestinas é o gênio folgazão da Bretanha ou de alhures...

Ainda no Renascimento, quando o gênio de Dante já alumia a Europa, Nostradamus assombrava o mundo com o seu saber de médico e o seu engenho de feiticeiro... O prestígio da nigromancia continuou através da Cavalaria e das Cruzadas.

Todas, ou quasi todas, as predições de Nostradamus foram confirmadas pelos séculos em fóra. A Revolução Francesa é uma dessas confirmações sensacionais. A Guerra atual e a de 1914 também o são...

A Feitiçaria é pois, como a Alquimia, a água turva onde pode esconder-se a realidade de uma nova ciência. Combater os feiticeiros é como queimar os médicos, por se julgarem aptos a curar todas as doenças. Durante milhares de anos a Humanidade acreditou, piamente, que a Terra era fixa no espaço — como um prego metido numa parede... Galileu, por provar o contrário, quasi morreu no suplício a que não escaparia, mais tarde, o grande Lavoisier...

No Brasil, a feitiçaria é preta e cheira a ácido caproico. Chama-se *macumba* e ainda não fez, até agora, uma predição que se aproveitasse. Si ela tivesse, como Nostradamus, previsto a ascensão do trono de Francisco II, Carlos IX e Enrique III, a Polícia não teria varejado seus antros suspeitíssimos... O que distingue um feiticeiro de um sábio é o êxito: nada mais.

Os nossos macumbeiros limitam-se a matar uma galinha preta, a cozinhar um bôlo de milho (a que chamam *bozó*) e a ingerir a cachaça que pedem, como ingrediente essencial, aos infelizes que os consultam... Toda a matéria prima da feitiçaria nacional é comida ou bebida... Daí o desprestígio dessa gente, que enche a barriga de realidades antes de encher os consulentes de esperanças...

Ora, o milho, a cachaça e a galinha morta jamais obraram qualquer prodígio, neste mundo... Os nossos Nostradamus de carapinha mal sabem assinar o nome. A sua feitiçaria deixa de ser um capítulo da Ciência evolutiva para se transformar num refatório de infima classe... A Ciência requer jejuns longos e sacrifícios prolongados. Nostradamus era pálido, esguio e usava uma longa capa preta, onde havia brilhos de estrelas misteriosas...

Proponho que a Polícia, em vez de prender os feiticeiros indígenas, lhes dê um banho com sabão de enxofre, lhes cure a sífilis, a fome e a ignorância.

O último capítulo da feitiçaria cheira, no Brasil, a suor e a malandragem. O morro, que nos impingiu o samba, também nos fornece o *bozó* e a galinha preta.

Quando os profetas descurem os males dos povos, estes vingam-se metendo-os no xadrez. O mistério que deu ao mundo a pirâmide de Cheops rebaixou-se, entre nós, a simples caso de Polícia. Eis, amigo, a triste filosofia deste caso, que deploro com Você, em nome da História, da Tradição e da Crêndice Universal.

Creia, sempre, no inalterável afeto do seu

BÉRIO NEVES

AS TRÊS ESTATUETAS

conto de ALBERT-JEAN

Os três herdeiros ergueram ao mesmo tempo as cabeças e interrogaram ansiosamente:

— Mais nada?

O notário depôs o testamento sobre a pasta da sua escrivaninha e respondeu com toda a calma:

— Nada mais.

Os herdeiros olharam uns para os outros. Pedro Savournon empalidecera como se todo o sangue lhe houvesse fugido do rosto antipático; André Mérenil, ao contrário, ficara vermelho como um tomate e dir-se-ia que as faces lhe iam explodir; só Diniz Talence mantinha a sua figura normal, afável e sorridente.

Houve certa pausa e depois o notário propôs:

— Trata-se agora de combinarmos um dia para a entrega dos legados. Os termos do testamento do sr. Cocherin são o mais claros possível. Há três estatuetas de terra-cota, representando bailarinas antigas e destinadas cada qual a um dos senhores, conforme a escolha que diante de mim será feita. As estatuetas encontram-se, fechadas à chave, na vitrina que fica entre as duas janelas do salão. O sr. Mérenil será o primeiro a escolher; depois, escolherá o sr. Talence; e o sr. Savournon ficará com a estatueta restante.

Um ritus estranho retorceu a boca do homem que empalidecera:

— Logo vi! Fiquei para o fim! Como sempre!

— Não seja essa a dúvida! interveiu Talence. — Si isso lhe pode ser agradável, de bom grado lhe cedo a minha vez.

O notário, que acabava de consultar um registro de datas, propôs:

— Podíamos marcar a nossa reunião para quinta-feira próxima, às onze da manhã, no domicílio do falecido. Convém-lhes, aos senhores?

Todos concordaram.

Dalí a alguns minutos tomavam os três herdeiros o aperitivo num terraço próximo. Savournon foi o primeiro a voltar ao assunto que a todos três interessava:

— Havemos de reconhecer que Cocherin era um tipo de muita força e ao mesmo tempo um gracejador de bem mau gosto. Porque isto, afinal, é uma caçada. Uma caçada e uma espécie de logro. Pensar que esse pândego legou mais de dez milhões de francos a instituições de beneficência e nos deixou, a nós, umas figurinhas de terra-cota... A nós, seus velhos amigos, seus companheiros fieis e dedicados, que atravessávamos Paris duas vezes por semana, para o ir entreter jogando o bridge... Isto nem se comenta, senhores! E' simplesmente incrível!

— Com franqueza... declarou Mérenil — também te-

Arte de entabolar conversa

No tocante à conversação, o mais difícil, na opinião do escritor norte-americano Stephen Leacock, é entabolar-lá. E assim, em resumo, ele desenvolve o seu tema:

Onde principalmente se verifica a dificuldade em questão é nas reuniões mundanas, onde os convidados tantas vezes ficam de chicara de chá ou de sorvete na mão, sem saber o que dizer ao vizinho. E é justamente nesses momentos que em mais alto grau sentimos a importância da troca do colóquio como elemento da sociabilidade. E' forçoso falar — ou desaparecer. Haveria o recurso de se dedicar a pessoa inteiramente à bebida ou ao gelado que tivesse entre as mãos... Como, porém, o efeito desses expedientes seria de curta duração, lá voltava logo a necessidade absoluta de perguntar ou contar alguma coisa.

A principal dificuldade, repito, está em começar. Em certos países o problema se resolve com relativa simplicidade. Na China, por exemplo, a conversa entre estranhos se inicia com a pergunta: "Quanto anos tem?" pergunta que ninguém estranha, embora, a nós, nos pareça pouco apropriada ou razoável. E em verdade isto de se perguntar há quanto tempo as pessoas andam em peregrinação por esta vida é assunto que sempre interessa a ambas as partes, quer se trate de indivíduos poderosos ou humildes, ricos ou pobres.

Compare-se ao método chinês o sistema conciso mas tão significativo usado nos pátios das penitenciárias, em Saint Quentin, por exemplo, ou em Sing Sing: "Quanto trazes?, o que, naquele meio, quer dizer: "A quantos anos foste condenado?" E aqui se repete a condição humana da fórmula chinesa: a questão que interessa a ambos os interlocutores.

Na nossa sociedade ainda se não en-

controu meio melhor que o de empregar uma espécie de indagação médica: "Como está?", a qual, a bem dizer, não admite uma verdadeira resposta. Com efeito, os usos sociais nos impedem de responder circunstanciadamente, declarando, por exemplo, que nos sentimos pior do que na semana passada, mas, apesar de haver a nossa temperatura subido de trinta e três graus a trinta e três e dois décimos, a nossa respiração continua mais ou menos normal.

Peor ainda do que esse é o assunto do tempo, ou termina tão repentinamente como o diagnóstico médico ou conduz a uma discussão estúpida sobre o tempo que fez ontem, ante-hontem, o ano passado ou no correr dos últimos cinquenta anos.

Deve-se ter cautela com as conversas que parecem principiar com excessiva facilidade, por exemplo, quando a dona da casa apresenta duas pessoas, por saber ou julgar que são conterrâneas e assim existe entre elas um vínculo de entendimento ou simpatia, dos mais felizes...

— Vou ter o prazer de lhe apresentar o senhor Sedley... diz a excelente senhora. — Creio que hão da mesma cidade. — E, voltando-se para o apresentado: — Senhor Sedley, a senhora Smiles.

E os dois personagens, que assim ficam frente a frente, tratam de encaminhar o diálogo:

— Creia, minha senhora, que me sinto imensamente feliz com esta apresentação... começa o sr. Sedley — não só por ter a ventura de a ficar conhecendo pessoalmente, mas também pelo ensejo que se me oferece de falar um pouco da minha terra natal. (Si for homem com pretensões a espiroto, dirá "lugarejo" ou "aldeola").

— Posso lhe afirmar que não é menor



• As dores desesperam e amarguram a vida. Mas é absurdo soffrel-as pacientemente, quando se tem á mão um remedio de efficacia garantida como a Cafiaspirina. Cafiaspirina não somente allivia as dores, como reanima, restabelecendo o bem estar normal.

• Seja precavido: tenha sempre á mão Cafiaspirina.



CAFIASPIRINA

O REMEDIO DE CONFIANÇA
contra DORES E RESFRIADOS

inho a impressão de que ele nos quiz pregar uma partida. Tanto mais que, referindo-se às estatuetas, diz no testamento: "O pequenino tesouro que lego a cada um dos meus amigos"... Fresco tesouro, não há dúvida! Uma bonequinha dêste tamanho...

— Manda a verdade dizer... observou Diniz Talence — que as tais bonequinhas, como você lhes chama, são encantadoras...

— Ora, adeus! replicou Savournon, deveras irritado.

E, para evitar discussões, passaram a falar doutra coisa.

Uma bâtega repentina e impetuosa — chuva e granizo — fustigava os vidros das janelas quando o notário, tendo tirado uma chavinha do bolso, a introduziu na fechadura da vitrina, com toda a gravidade profissional. Depois, a seu convite, André Mérenil aproximou-se e tirou uma das estatuetas ao acaso. Seguiu-se Savournon que longamente escolheu entre as outras duas — embora realmente lhes não desse valor apreciável; e Diniz Talence, sempre com o seu ar suave e satisfeito, ficou com a terceira.

— Agora... pediu o notário, desatarrachando a sua caneta-tinteiro — queiram assinar o termo da entrega dos legados.

Mérenil, que colocara a figurinha sobre uma mesa ao lado, voltou-se de repente, já aborrecido com tanta formalidade e ansioso por acabar com aquilo. Deu-se um choque, seguido dum ruído metálico, tilintante. E o herdeiro soltou uma exclama-

a minha satisfação! responde com veemência a sra. Smiles. — Andava verdadeiramente ansiosa por falar com alguém de Winnipeg. Conhece a família McGowans? São os melhores amigos que ali temos.

— Perdão, que nome disse a senhora?

— Os McGowans, que moram na avenida do Selkirk.

— Um momento, a ver se me recordo... Não, creio que não os conheço. Na avenida de Selkirk conheço os Prices. Serão das suas relações?

— Os Prices? Não sei si algum dia ouvi falar neles... Não se tratará dos Pearsons? Esses, sim, são muito lá de casa.

— Não, minha senhora, referia-me aos Prices, cuja casa fica perto do aqueduto. Quem sabe si esta circunstância lhe avivará a memória?

— Não, decididamente... E quanto aos Pearsons moravam perto do Colégio.

— Perto do Colégio? Mas aí justamente mora William Kennedy!

A palestra prolonga-se, dêste teor, por bons dez minutos. Nessa altura, tanto o sr. Sedley como a sra. Smiles começam a desesperar. Vai-lhes desaparecendo dos semblantes a animação, o sorriso. O diálogo esmorece até ficar reduzido, pouco mais ou menos, ao seguinte:

— Conhece os Peterson?

— Não, senhora. E a senhora conhece Willie Johnson?

— Não, senhor.

Por fim, as nuvens deixam passar uma réstega de luz. Um dos interlocutores menciona Beverly Dixon e o outro exclama com entusiasmo:

— Beverly Dixon? Perfeitamente! Quero dizer: não o conheço pessoalmente, mas muitas vezes ouvi os Applebys falarem nele!

Então o primeiro, com igual satisfação:

— Eu também o não conheço muito bem, mas em casa de William Johnson constantemente se falava nele.

Estão ambos salvos. E ficam ainda muito tempo falando sobre Beverly Dixon.

Outro gênero de conversação que geralmente falha nas reuniões mundanas é aquele em que um dos personagens distraído, falso de educação ou demasiadamente convencido da sua importância, deixa de acompanhar o diálogo que o outro em vão se esforça por sustentar. O sr. Grunt, capitalista respeitável e rotundo, ficou perto duma dama esbelta, amabilíssima, que trata de palestrar com ele:

— Ah, senhor Grunt! diz a dama. — Que vida admirável deve ser a sua! Acabo de saber que é dono de todas as fábricas de calçado do Este da Pennsylvânia!

— Com efeito... resmunga o grande industrial.

— As máquinas de fazer calçado devem ser interessantíssimas!

— Assim, assim...

— Por mim, gostaria imensamente de visitar uma dessas fábricas.

— Ah, sim? resbuna Grunt que logo depois dá meia volta e se afasta definitivamente.

Invade o temor de que a tal senhora, uma vez dentro da fábrica e depois de a elogiar delirantemente, lhe apresentasse uma subscrição de caridade para assinar ou lhe pedisse para patrocinar com o seu nome qualquer empreendimento. Falta de espírito observador ou de prática mundana... Porque, do contrário, o sr. Grunt veria logo que a tal senhora absolutamente se não interessava pelas fábricas de calçado nem tencionava pôr os pés em qualquer delas. Aquilo era para entabular conversa e nada mais.

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por desarranjos e perturbações de certos importantes órgãos internos.

Para evitar e tratar tudo isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira evita e trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do utero, a asma nervosa, peso, dores e cólicas no ventre, as perturbações e doenças da menstruação, anemia, palidez, amarelidão e hemorragias provocadas pelos sofrimentos do utero, fraqueza geral e desânimo, a fraqueza do utero, tristezas subitas, palpitações, opressão no peito ou no coração, sufocação, falta de ar, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, dormência nas pernas, enjôos, certas coceiras, certas tosses, pontadas e dores no peito, dores nas costas e nas cadeiras, falta de animo para fazer qualquer trabalho, canções e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do utero.

Regulador Gesteira evita e trata estas congestões e inflamações desde o começo.

Regulador Gesteira evita e trata também as complicações internas, que são ainda mais perigosas do que as inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*

ção de surpresa. Com o cotovelo deitara abaixo a figurinha de terra-cota que se fizera em pedaços no pavimento de pórfiro; e uma quantidade de moedas de ouro se espalhara por entre os fragmentos da estatueta.

— Para estas coisas só mesmo o Cocherin! disse ele, ainda espantado mas começando já a achar graça ao caso. — Compreendo agora o que ele quiz dizer com o tal "pequeno tesouro". Mas que tipo!

Sem perda dum segundo, Savournon tomou a segunda estatueta e atirou-a com força ao chão.

— Nada! exclamou, cheio de indignação e despeito.

Acabou de pulverizar com os pés os restos da estatueta; e voltando-se, ainda furioso para Diniz Talence:

— E então? Que espera você para ver o que a sua tem dentro?

Mas o outro herdeiro, apertando contra o coração a figurinha intacta:

— Eu, quebrar um objeto tão gracioso? Nunca!

De terroso que era, o rosto de Savournon passou a verde por efeito da quantia que Mérenil acabava de lhe revelar.

— Que é que você me diz? Cento e cinquenta mil francos! Mas será possível? Oh, não! Numa estatueta daquele tamanho não caberia tanto dinheiro em ouro!

— Mas quem te fala em ouro? replicou Mérenil. — Nunca Talence quebraria a sua terra-cota. O que ele fez foi vendê-la a um colecionador americano, como você lhe poderia ter cedido a sua. Porque ambas eram autênticas e figuravam em lugar de honra nos catálogos dos especialistas. Só a minha era uma imitação; por isso Cocherin a encheu de moedas de ouro, para compensar... E afinal bem razão tinha o velhote ao escrever: "O pequenino tesouro que lego aos meus três amigos"...

D. Frei Antonio do Desterro Malheiro

De Jenny Dreyfus

D. Frei Antonio do Desterro Malheiro nasceu em Viana de Lima a 13 de janeiro de 1694. Foi monge beneditino, tendo professado aos 15 anos de idade. Formou-se em teologia, foi pregador notável e professor insigne.

Nomeado bispo de Angola, aportou ao Rio de Janeiro em 1740, hospedando-se no Mosteiro de S. Bento. Em 1745 foi nomeado bispo do Rio de Janeiro, transferindo-se para esta cidade assim que recebeu a bula de permutação; partiu logo após sendo esperado em 1746.

Chegando a notícia de que arribara às ilhas de Maricá o navio que conduzia o prelado, mandou imediatamente o governador Gomes Freire de Andrada um hiate a cujo bordo se encontrava o sargento-mór José Fernandes Pinto Alpoim com o fim de trazer o bispo até nós. Porém, dias depois, volta o navio, sem trazer o hóspede ilustre. Como era de esperar, houve inquietação e susto pela sorte do novo bispo. Finalmente, a 1.º de dezembro, depois de varios contratempos, a fortaleza de Santa Cruz anuncia a sua chegada.

Ainda a bordo, recebeu os cumprimentos de boas vindas do Governador, Clero, Ministros, Prelados e Nobreza.

Hospedou-se por alguns dias no Mosteiro de S. Bento. Como se achasse adoentado e desejasse descansar da fatigante viagem, mandou que tomasse posse, provisoriamente, do bispado o seu procurador, cônego Henrique Moreira Carvalho.

A chegada de D. Antonio trouxe júbilo geral, sendo organizadas varias festividades; entre elas deve ser destacada a representação da ópera "Felinto Exaltado" com a presença do S. Ex. Rev., Mestres de campo, Ministros e Nobreza.

Logo após foi marcada sua posse solene para o dia 1.º de janeiro de 1747, sendo erguidos sete belissimos arcos, partindo o primeiro do Mosteiro de S. Bento, chegando o último à Catedral, trajeto por onde deveria passar D. Antonio.

Teve início pelas 4 horas da tarde daquele dia a cerimônia do ritual romano seguindo D. Antonio para o altar-mór do Convento de S. Bento acompanhado pelo dr. Inácio José da Mota Leite.

Finda a cerimônia, s. ex. rev. era esperado à porta do convento pelo Senado da Câmara afim de receber a bênção de praxe. Logo depois seguiu processionalmente até a Catedral passando sob os sete vislhos arcos. O primeiro, ornamentado de custosas sedas, de onde partiam dois anjos que, descendendo até ao Pálio, tributaram a D. Antonio demonstrações de fé e amor. O segundo em bela arquitetura e muito bem proporcionado; o terceiro, armado no meio da rua Direita, em estilo corinto e junto ao qual se viam duas fontes e um belo jardim; o quarto, muito interessante pela sua ornamentação em fina cambraia matizada, dando a impressão de encrespadas espumas de onde pendiam preciosas peças de prata; o quinto era um símbolo geoglífico (sic) do prelado, todo em armi-

nho purpura; o sexto, formado por um céu cheio de estrelas onde dois anjos entoavam cânticos suaves. Fechava esta bela ornamentação o sétimo arco trazendo a divisa da Justiça; em estilo meio jônico meio dórico, rematado pela insignia mitral e as armas dos Malheyros Reimões, solar de s. ex. rev. em Vila do Viana.

Esperado à porta da Catedral pelo deão da Sé este lhe faz entrega do aspersório. Dirige-se, então, ao altar do Sacramento onde é entoado o *Te Deum Laudamus*, passando depois ao altar-mór, realizando-se as demais cerimônias da Igreja. Levado em seguida pelo mestre de cerimônias ao Arco do Cruzeiro, o bispo concede a bênção paternal e a osculação do anel.

Terminado todo o ritual, segue D. Antonio para o seu Palácio, findando assim festivamente esse ato de cristandade.

Nesse mesmo ano, é publicada uma memória feita pelo juiz de fora Antonio Rosado da Cunha, relatando a entrada solene de D. Antonio do Desterro. O interessante, é ser este trabalho o primeiro impresso no Brasil (tipografia de Antonio Izidoro da Fonseca).

Afonso de Taunay em seu trabalho "De Brasilis Rebus Pluribus" no capítulo: "O primeiro livro impresso no Brasil", refere-se a um exemplar muito interessante que se encontra na biblioteca do Palácio do Itamarati,

RELACÃO DA ENTRADA QUE FEZ O EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

D.F. ANTONIO DO DESTERRO MALHEYRO

Bispo do Rio de Janeiro... em o primeiro dia deste presente Anno de 1747
havendo sido feito Anno Bispo do Reyno de Angola... desde por nomeação de Sua Magestade e Bula Pontificia... foy promovido para esta Diocese.

COMPOSTA PELO DOUTOR LUIZ ANTONIO ROSADO DA CUNHA

Juiz de Fora, e Provedor dos defuntos, e auxilios, Capellas, e Refiduos do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO

No Segunda Officina de ANTONIO ISIDORO DA FONSECA.

Anno de M. CC. XLVII.

Com licenças do Senhor Bispo.

muito bem encadernado, e pertenceu à coleção do Barão do Rio Branco. Há na página de guarda a seguinte nota autógrafa do possuidor do Cimélio: "Primeiro livro impresso no Rio de Janeiro e no Brasil".

Durante muito tempo se supôz ter sido o primeiro livro impresso no Brasil o "Exame de Bombeiros", de Pinto Alpoim, mas há quem afirme ter sido este trabalho impresso em Madrid nos oficinas de Martinez Abad em 1748.

No mesmo trabalho, Taunay chama ainda a atenção para um curioso erro de impressão relacionado com a data. Em vez de MDCCXLVII (1747), data em que foi publicado, saiu MCCXLVII (1247), portanto dois séculos e meio antes da descoberta do Brasil.

Penso ser este exemplar único e rarissimo. Há na Biblioteca Nacional dois exemplares, um que pertenceu a Diogo Barbosa Machado e outro a J. M. Marques, ambos com data certa de 1747.

Após sua sagração, D. Antonio baixou várias ordens, entre elas uma pastoral, em 6 de março de 1755, ordenando que os professores de medicina e cirurgia obrigassem os doentes a receberem os sacramentos no começo da moléstia e desenganando-os, em caso necessário, para que tivessem tempo de tratar da salvação da alma e deliberar sobre o testamento.

Em 1756 e 1757 ocupou o púlpito do Mosteiro de S. Bento durante a quaresma, e na de 1759 orou no

Convento da Ajuda.

No Mosteiro de S. Bento edificou por conta própria a Capela da Conceição, ao lado do Salão das Conclusões, no qual se acha o seu retrato.

A capela da Conceição foi fundada em 1760; possui um oratório de prata, onde hoje se guarda a pequenina imagem da padroeira, que lhe pertencera. Doou mais ao Mosteiro de S. Bento muitas relíquias de santos, que são veneradas pelos diversos nichos ali existentes. Para o patrimônio daquela capela legou 3.000 cruzados, que serviram para comprar três propriedades.

Ainda debaixo do oratório da Conceição vê-se a imagem de S. Clemente martir, cujos ossos também se acham depositados no mesmo local.

Terminou as obras do Convento da Ajuda, hoje demolido, e de onde veio a pedra das armas que deu origem a esse estudo.

Tendo particular devoção por S. Francisco de Paula, resolveu fundar a Ordem dos Mínimos na cidade do Rio de Janeiro, conseguindo a competente licença em 9 de julho de 1756.

Não tendo a imagem do santo ermida própria, foi colocada na Igreja da Santa Cruz dos Militares e ali, em 22 de janeiro de 1757, professou como irmão da Ordem o bispo D. Antonio do Desterro, declarando-se o prelado protetor da mesma. Deu começo à construção de uma ermida própria em abril de 1757, a qual ficou concluída em fins de dezembro do mesmo ano, quando então foi para ali transportada a referida imagem.

Como a Ordem houvesse sido fundada por um bispo, tornava-se necessário transformar essa ermida em igreja. Para tanto, foi doado pelo bispo e por seu irmão, o mestre de campo João Malheiro Reimão, o terreno compreendendo não só o chão ocupado pela igreja e hospital (hoje demolido), mas também a parte que se estende para dentro da rua do Teatro (hoje Leopoldo Fróes).

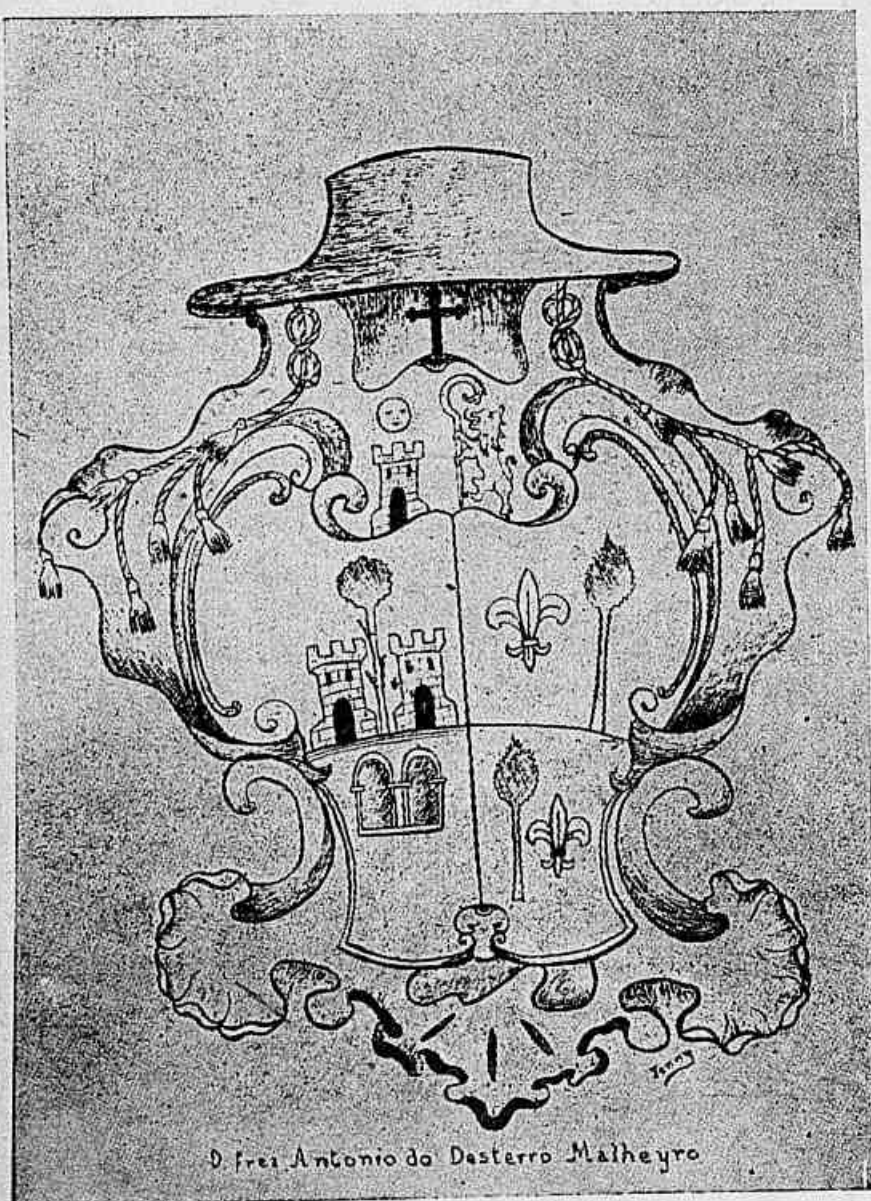
A 5 de janeiro de 1759 foi lançada a primeira pedra em presença de D. Antonio do Desterro e demais pessoas gradadas.

Foi colocada na cova da primeira pedra um pergaminho escrito em latim encerrando os nomes do papa Clemente XIII, do rei D. José I, do bispo D. Antonio, do governador Gomes Freire (Conde de Bobadela) etc.

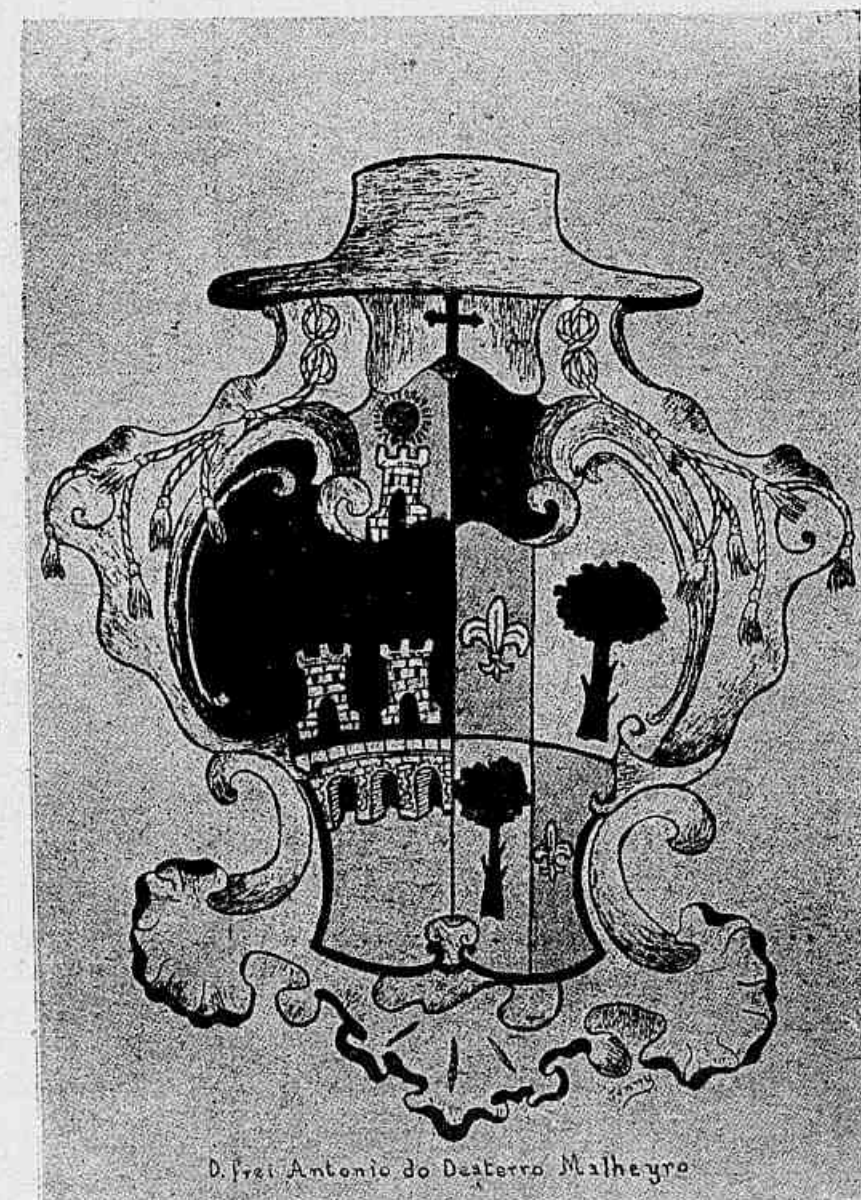
Em 1748 modificou os estatutos do Seminário S. José, fundado por D. frei Antonio de Guadalupe, sendo esta a melhor reforma entre todas por que passou.

A 7 de janeiro de 1763, em carta dirigida ao ministro Mendonça Furtado, comunica a perda da Colônia do Sacramento e a morte do Conde de Bobadela a 1.º de janeiro e que, em virtude de sucessão, assiste interinamente, juntamente com o brigadeiro J. P. Alpoim e o chanceler J. A. Castelo Branco, o governo das capitanias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas.

Adoecendo seriamente em 1759, deixou de ir à catedral; mas durante 10 anos de enfermidade nunca



(Errada)



(Certa)

Doente há varios anos, sentiu seus padecimentos agravados em 15 de agosto de 1773, quando então guardou o leito até os seus últimos dias. A 5 de dezembro do mesmo ano, com toda a piedade e resignação, faleceu D. Antonio do Destierro, homem de excelsas virtudes e que tanto trabalhou em prol da religião e da Ordem a que pertencia.

A lapide de seu túmulo é em mármore de lioz e, ali colocada mais tarde, tem a seguinte inscrição:

Além da inscrição acima, há ainda sobre seu túmulo um braço com suas armas, porém é muito imperfeito.

Foi o sexto bispo do Rio de Janeiro, que foi elevada a bispado pela bula de 1676, na mesma ocasião em que a Baía foi elevada a arcebispado.

A pedra das armas do antigo Convento da Ajuda, a que nos referimos por ocasião de sua demolição, foi para o Arquivo Nacional. Veiu para o Museu Histórico Nacional com a sua criação em 1922, e não trazia indicação precisa.

As armas que se acham nessa pedra deveriam ser as de D. Antonio, porém não correspondem, naturalmente por falta de indicação precisa, ao artista que as confeccionou.

Não é colorido, nem traz a representação heráldica das côres.

D. Antonio do Desterro era filho de d. Pascoa Pereira e de Ventura Malheiro Reimão e como tal usava, em um escudo tendo por chefe as armas de S. Bento, as de seu pai.

Em pala, de blau, com um castelo de prata encimado por um sol ao natural; o segundo de goles, carregado de um leão rompanite, de ouro, apoiado a um báculo na sua côr.

EU VIAJO
POR TODO O
BRASIL

PASTA DENTÍFICA
S.S. WHITE

Para uso de
crianças e adultos
Os melhores dentes sempre
com a melhor pasta
S.S. White D.M.S.P. do
Rio de Janeiro
74 de 33-48

E EM TODOS OS LUGARES
VEJO OS EXCELENTE
RESULTADOS DA PASTA
DENTÍFICA
S.S. WHITE

Além desta pedra d'armas que acabo de estudar, existe sobre o seu túmulo, no claustro do Mosteiro de S. Bento, o mesmo braço em baixo relevo, imperfeito e de difícil leitura.

BIBLIOGRAFIA:

O Rio de Janeiro — Moreira de Azevedo.
Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro — Vieira
Fazenda.
De Brasiliae rebus pluribus — Afonso de Taunay.
O Mosteiro de S. Bento do Rio de Janeiro — Ed.
de 1927.
Armorial português — Santos Ferreira.
Brasão de Portugal — Armando de Matos.

ABRIL

19

— **Santa Olivia.** — Virgem e mártir, morta no reinado de Aureliano, por se ter recusado a sacrificar aos deuses. Foi queimada viva em 129.

20

Santa Hildegunda — Virgem religiosa cisterciense, que entrou com vestes masculinas na abadia de Schonau, de regresso de uma viagem aos Santos Logares. Ahi viveu sob o nome de irmão José. Morreu em 1188.

21

— **Bemaventurada Clara Gambacorta.** — Filha do governador de Pisa, nascida em 1362. Fez-se religiosa dominicana, a despeito da oposição da família, que a reteve cativa durante cinco meses. Morreu em 1419, após uma vida cheia de provações.

22

— **Santa Oportuna.** — Abadessa de Montreuil, na diocese de Séz, no século VIII, pertencia a uma família rica. Cedo abandonou as frivolidades do mundo, para refugiar-se no seio das religiões. Morreu em 770, após haver dado exemplo das mais altas virtudes.

23

— **Santa A'gata da Cruz.** — Virgem, nascida perto de Toledo. Submeteu-se, desde a mocidade, ás mais rudes mortificações e soffreu as mais duras provações. Morreu em 1621.

24

— **Santa Madalena Angélica.** — Nascida em Valença (Espanha). Em 1549, entrou para um mosteiro onde maravilhou a todos que se lhe aproximavam por sua piedade e suas virtudes.

25

— **Veneravel Ozana.** — Jovem pastora, mal saída da infancia, retirou-se para uma cabana onde levou uma vida de anacorêta e morreu em 1565, aos 80 anos.

PAGINAS BRASILEIRAS

A AMAZONIA

A Amazônia é o capítulo fantástico da geografia brasileira. Os que nunca a vimos sonhamo-la como um abismo de raridades e prodígios; mas os que a perlustram acabam indefectivelmente encampando as mesmas fantasias. Desde a figuração do seu físico até a narração da permanente aventura em que transcorre ali a existência humana, tudo nos impele ao devanear subjetivíssimo, aguçado pela resistência do inextricável. Ela não é só o haschich dos temperamentos líricos. Nas suas varzeas rebalsadas, onde se elaboram os venenos palúdicos, a febre do entusiasmo acomete os espíritos mais lúcidos e positivos. O grande rio "evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido". Desses maravilhosos, o mais recente e brilhante exemplar foi o próprio escritor da "Terra sem história", cuja imaginação, posto que racionalizada pelos hábitos mentais do cientista, não pdeu forrar-se ao hiperbolismo dos símiles e conceitos. Em frase remontada, de surtos épicos, el-lo transportado a épocas geológicas imemoriais, recompondo na "terra mais nova do mundo", com espécimes de fetos arborescentes, monstros de fauna anfíbia e certas formas anacrônicas, reminiscências paleontológicas, semelhantes ao sáurio alado, a paisagem prehistórica onde a cada passo o assalta "uma impressão paleozóica" e o homem, "intruso impertinente", passa como um fantasma trôpego emergindo apenas do dilúvio terciário.

Entretanto, em meio de tais hipóteses, miragens e analogias mais ou menos alucinadas, um fato se contorna bem preciso em sua desoladora fatalidade: é a pequenez, é a debilidade do homem no seio daquela estupenda natureza. A terra-mãe submete os seus filhos a uma implacável seleção; esmaga-os no próprio gesto maternal com que os amamenta; devora-os a descuido, como Gargântua indiferentemente tragava salada com peregrinos de envolta. Ainda se está por saber qual o tipo humano fadado para triunfar, pela saúde e a longevidade, na luta com as intempéries do encharcado deserto, no longo e doloroso processo de adaptação ao seu clima. Os "aimaras" de peito largo, refere Kirchoff, descendo dos planaltos peruanos até à margem do rio, atim de trabalhar nas lavagens do ouro, morreram quasi todos, vítimas do ar muito denso das baixadas. Mas dos que sobreviveram, logo na segunda geração se verificava, pela estreiteza do tórax, um menor desenvolvimento dos pulmões, já apropriados à economia de esforço e à defesa do organismo. Os nossos heróicos cearenses e demais brasileiros do nordeste continuam, eles só, a suprir, à custa de miséria e tormentos infernais, a vida que foge espavorida dos plainos do Amazonas, flagelada pela agura das condições climáticas. Já Montesquieu pensava que os povos dos países quentes são tímidos como os velhos, e porque os seus nervos estão menos protegidos pelo tecido epidérmico as sensações se lhes tornam em regra violentas. Daí poderem-se distinguir os climas pelo grau de sensibilidade, da mesma sorte que são distinguidos pelos graus de latitude. Mas se de fato as influências climáticas são debilitantes para os seus naturais, no sombrio pantanal brasileiro, não menos certo é que o aparato da natureza exterior, as forças e os fenômenos com que ela se ostenta soberana e formidável, tem levado o alarma e o assombro aos mais fleugmáticos, aos mais acorados e impávidos exploradores oriundos da fria Europa. A pororóca, as terras caídas, a cheia, o desabar das florestas, o extravio dos rios, a submersão das ilhas, o paludismo, anunciam furores de um minotauro; perturbam, abalam e dobram os mais apurados ânimos, enquanto o solo alagadiço, inconsciente, sem feições definidas, repele o trato diuturno e todo o relevo de construção durável. Notou a propósito um daqueles visitantes estrangeiros da selva equatorial que a combinação do grande calor e abundante humidade, dando extraordinário viço à vida vegetal, parece com esse mesmo vigor rechassar os homens e os brutos. E observam todos que a fauna da Amazônia não está em relação com a pujança da sua flora. O homem evidentemente não o está, nem física nem moralmente. Sitado de perigos multiformes, ele tateia o seu futuro como em um quarto ato de "Macbeth", sob o mau signo de potências mágicas, com pesadelos e visões de florestas que o investem. A mutabilidade do cenário contagia-o. Condenado ao nomadismo estéril, à espreita sempre do mal, de um inimigo, de uma catástrofe, não conhece a volúpia de viver, nem o trabalho aturado, metódico, sedentário, em que se preparam e solidificam as civilizações. O lodaçal do Nilo, cujas águas se submeteram ao regime das

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS



TRANSPIROL

leis faraônicas, foi a matéria plástica de uma civilização que esculpiu na crôsta do planeta monumentos perenes, atestados do esforço secular de um povo que soube vencer o deserto bravo. O nascimento do Egito datam-no os historiadores do dia em que os seus habitantes conseguiram regular o curso do rio, calhar-lhe as aluviões e sanear-lhe as margens. Poderemos acaso sondar o futuro em que no limo do Amazonas cessem de perecer em germe aspirações vitais e se plasme a raça forte que o integre na economia nacional com a sua possível função civilizadora?

XAVIER MARQUES

(Do discurso com que ingressou na Academia Brasileira).

UMA INSINUAÇÃO

A Luizinha tivera licença para jantar à mesa, num certo dia de festa, mas na condição estrita de se portar muito bem e não pedir cousa alguma das que se estivessem servindo. Quando se chegou à sobremesa, todas as demais pessoas foram servidas, mas, logo por sorte, ela passou despercebida.

Luizinha conservou-se quieta, por um bocadinho, e toda descoroçada, mas de repente teve uma idéia brilhante. Exclamou em alta voz: — Quem é que quer um prato limpo?

CONSELHOS A TEMPO

Não detenhas, na rua, ao que vai com pressa.

Si fumas, traze cigarros; não os peças aos amigos.

Livro que queiras lêr, compra-o; não o peças emprestado.

Tem poucos amigos e nenhum inimigo. Não faças versos, si não és poeta.

Não mandes para os jornais elogios à tua pessoa.

Foge da notoriedade: vive só para ti e tua família.

MORTO PELO AMOR DOS LIVROS

O dr. William D. Crockett, latinista distinto, bibliófilo entusiasta, antigo professor no State College da Pennsylvania, morreu de esgotamento, quando tentava salvar os seus livros do incêndio que lhe destruiu a casa.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu figado deve derramar, diariamente, no estomago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estomago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Figado, para uma acção certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pillulas CARTERS para o Figado. Não aceite imitações. Preço 3\$000.

O dr. Crockett tinha sessenta e um anos. Os livros que ele juntara no decurso de uma vida inteira consagrada ao estudo, encontravam-se no terceiro andar. Compreendendo que os bombeiros não conseguiriam defender-lhe a biblioteca, o erudito professor empreendeu ele próprio o salvamento e lançou-se pela escada através das chamas e do fumo. Vinte vezes subiu até à biblioteca; vinte vezes tornou a descer trazendo nos braços tantos livros quantos lhe era possível. Os livros mais preciosos achavam-se já a salvo quando o dr. Crockett desmaiou. Morreu pouco depois sem ter recuperado os sentidos.

50:000\$000

DE PREMIO EM DINHEIRO!

Escreva-nos imediatamente, que lhe mandaremos pela volta do Correio as bases dos nossos facilimos e originalissimos Concursos LAVENIO, que lhe proporcionarão elevados prêmios em dinheiro.

TODAS AS CONCORRENTES TERÃO PELO MENOS UM PRÊMIO

Os concursos LAVENIO são os mais sensacionais de quantos têm aparecido!

Todas as concorrentes são premiadas. Escreva-nos hoje mesmo!

LABORATÓRIO PEQUIVEROL

Rua 13 de Maio, 903 — São Paulo

LAVENIO é insubstituível na higiene íntima da mulher.

Depois do **CASAMENTO**

UMA NOVA SURPREZA ESTAVA
RESERVADA À NOIVA

Sabes, querida, qual o segredo
que eu guardei para revelar-te
hoje? É que o nosso lar será
construído no JARDIM GUANA-
BARA, onde adquiri um terreno



Jardim Guanabara

ILHA DO
GOVERNADOR

OS MELHORES TERRENOS DO
RIO A MODICAS PRESTAÇÕES
MENSAIS

PEÇAM PROSPECTOS E INFORMAÇÕES À
AVENIDA RIO BRANCO, 138 — 1.º and. Tel. 22-6752 — RIO

(Legalizados e inscritos sob n.º 14, no 7.º Of.º de Imóveis, Lei 58)

PAZINA

das CRIANÇAS

Problemas infantis

A mentira infantil não é uma coisa tão séria ou assustadora como muitos pais parecem crer. A criança mente por três razões:

- a) excesso de imaginação;
- b) temor de ser castigada;
- c) para fazer alguma maldade ou vingança.

Os dois primeiros casos são bem mais comuns.

Geralmente a criança de dois ou quatro anos gosta de contar histórias, que às vezes ela mesma não distingue da realidade. Os pais não devem rispidamente dizer que o que ela está contando é mentira, pois, além doutros perigos, afeta a faculdade de imaginação do futuro adulto.

Deve-se escutar o que a criança conta com muita simpatia, notando no final que é uma história tão bem pensada que até parece verdadeira ou, doutra forma, no início perguntar à criança si a história é para distrair ou si é verdadeira.

O temor de ser castigado leva instintivamente o menino ou a menina a afirmar não ter feito nada. Mas isso só acontece nos lares em que os castigos são violentos e físicos. Todavia, caso a criança saiba que o castigo será pequeno e menor que o da mentira o caso será diferente.

O melhor é acostumar a criança a falar

a verdade mesmo nessas situações difíceis; para isso os pais devem realçar a atitude digna e nobre de quem procede assim e explicar sempre as razões, os motivos pelos quais não deveria ter cometido a falta confessada. Por exemplo: V. não devia ter comido os doces porque eram para levar de presente à sua tia. Agora vão muito menos e ela pensará que nós não nos incomodamos — e assim por diante. Nunca castigar sem explicar os motivos.



Murilton, filho do sr. José Murillo Nunes e d. Elza Barroso Nunes.



Maria Carmen, filha do sr. Paulo Petra de Barros e neta do sr. Armando Petra de Barros, chefe da Imprensa Militar, fantasiada de bahiana no carnaval de 1941. (Victoria - Espírito Santo)

tempo passa... Mas as cabeças que usam "ASO" não o sentem passar... Não envelhecem...

ASO é a mocidade dos seus cabelos...

Como eles eram, ficarão de novo...

Não é um milagre. É a ação segura e bemfazeja de um Azeite, produto de vegetais que fortificam os cabelos, restituindo-lhes a cor natural.

Dê nova vida aos seus cabelos, com o infalível Azeite Vegetal Perfumado

ASO não é tintura. É alimento, é força, é vida para os cabelos que não querem envelhecer e querem voltar ao que eram.

ASO é mocidade



Dilma e Hamilton, galantes filhinhos do casal Zilda e Angelo Sbarra.



Marcos e Ernesto, filhos do dr. Onildo Leal e d. Ligia Falcão Leal.

A terceira forma de mentira infantil é a única séria. A maneira de solucioná-la exige primeiramente muita calma dos pais, e em segundo lugar um especialista infantil para tratar da saúde da criança, pois na maioria absoluta das vezes são crianças nervosas, magras, atacadas do fígado, do intestino ou de timidez.

A calma paterna é necessária para não aplicar castigos violentos ou mesmo de qualquer outra forma. A criança deve ser chamada para uma palestra íntima e amiga na qual se chame a atenção para a inutilidade do que fez e a dignidade de um procedimento belo e correto. Sem a criança saber deve ser exercida uma certa vigilância e suas afirmações devem ser postas em "test" no mesmo momento, para que ela compreenda por si mesma a inutilidade da mentira. Mas com estes processos não devem ser usados muitos conselhos e referências ao defeito, porque prejudicarão a criança.

As aventuras de Totó

Certo dia Totó foi passear pelo campo. Andou, andou, passou por Cascadura, Jacarépaguá e foi até a praia do Recreio dos Bandeirantes.



Sonia Maria, filha do casal Raquel Velho Tito — dr. José Velho Tito, que completou um ano ontem, dia 18.

Resolveu então tomar banho de mar e brincar à vontade na areia. Dava gosto ver como furava as ondas e nadava no nado de "cachorrinho". Era o único que conhecia, mas tinha nascido com ele e o sabia tão bem que até lhe dava o seu nome.

As ondas vinham altas, fortes, mas nada: Totó zombava delas sem medo nenhum. Boiava, revirava-se todo contente, e continuava impávido e vencedor.

De vez em quando fazia um "jacaré". Parecia até um molequinho afiado. Saía deslizando na frente da onda e ia até a areia. Ele dizia: — Au, au, au, au! que quer dizer: — E' gostoso mesmo!

Depois foi para a areia. Pulou, mexeu, remexeu, caiu, saltou, brincou de todo jeito, até cansar. Mas foi ficando tarde e



Maria Léa, filha do dr. Celso Mello e d. Almerinda Pires de Mello.

resolveu voltar para casa, afim de jantar.

Dito e feito. Mergulhou na água do mar pela última vez afim de se limpar e, pela estrada, foi voltando para o seu bairro.

Já começava a ficar escuro. Mas Totó não tem medo do escuro, pois é corajoso como todo cachorrinho digno.

De repente, escutou alguns pedidos de socorro. Era uma pobre velha que estava sendo atacada por ladrões, que queriam tirar o dinheiro da sua bolsa. Totó olhou e viu que eram três ladrões. Pensou um pouco e disse para consigo mesmo: — "preciso dar um jeito de salvar essa velhinha, mas são três homens e vai ser



Maria do Céu, filha do sr. Alvaro Tolentino de Souza Junior e de sua esposa d. Carmen Tolentino de Souza. (Florianópolis — Sta. Catarina).

difícil". Nesse momento Totó reparou que estava molhado e resolveu deitar-se em cima dum as folhas secas que existiam pelo chão. Ficou com uma aparência feia de verdade.

Correu então para os ladrões e começou a fazer barulho com a voz mais diferente possível:

— Uúúú! Au! Uúúú!

Os ladrões, vendo aquele bicho estranho, ficaram com medo e saíram a correr. Totó foi no encalço deles dando dentadas ora num, ora noutro. E assim fez mais uma ação bonita.



Liliam, filha do dr. Carlos Sudá de Andrade e d. Yolanda Luz de Andrade.

A sedução feminina se completa e se valoriza com o suave colorido das faces e o acento prodigioso dos lábios! Aumente o fulgor de sua beleza usando o

ROUGE e o BATON
Lalaque

Com "LALAQUE" sua boca ficará maravilhosa, seus olhos fulgirão com mais harmonia, aumentando a fascinação do seu rosto.

ROUGE e BATON
Lalaque

A' VENDA EM
TODO O BRASIL

T. TARQUINO

Nº 1411
Nº 1410
Nº 1460

Cautelas especiaes

Todos os órgãos da nossa economia merecem idênticos cuidados de higiene para que funcionem regularmente. Os órgãos gastro-intestinais, por certos motivos, exigem cuidados especiais, por estarem expostos a certos imprevistos e abusos de várias ordens. Convém, pois, ter sempre a maior atenção quanto ao estado dos alimentos a ingerir, bem assim evitar a todo transe os alimentos expostos à poeira, às moscas e os deteriorados pelo calor. Não se deixe enganar pela boa aparência que às vezes apresenta. Apesar do bom aspecto podem encerrar perigosos tóxicos oriundos de decomposição. Combata a tentação de ingerir guloseimas fora de horas. O estômago precisa de repouso entre as principais refeições. Os que comem a toda hora tornam-se dispepticos e sujeitos a crises periódicas de diarreias. Para combater estas aconselham-se dieta hídrica por 12 a 16 horas e o uso dos comprimidos Bayer de Eldoformio, que corrigem as dejeções líquidas ou semi-líquidas, combatem as fermentações e defendem as mucosas intestinais das irritações.

UM BEIJO COM CONSEQUÊNCIAS

O célebre escritor Edmundo de Amicis recebeu um dia uma carta em que uma jovem lhe suplicava acesse em visitá-la em sua casa, onde se encontrava à morte, pois não queria ir-se deste mundo sem antes beijar a mão do autor das páginas que tiveram o condão de emocioná-la profundamente.

De Amicis apresentou-se logo à cabeceira da enferma e conseguiu com seu beijo o que os médicos não haviam obtido: provocar uma reação na paciente.

Um ano depois desse beijo, o escritor contraía nupcias com a sua admiradora.



O artista

Por mais habituado que esteja a exhibir-se em publico, o artista de teatro experimenta um certo nervosismo sempre que tem de estreiar uma peça ou apresentar-se diante de uma platéia desconhecida. O remédio é simples: um ou dois comprimidos de ADALINA, tomados alguns minutos antes de entrar em cena, bastam para acalmar os nervos excitados, evitando o "trac", como denominam o medo do artista diante do publico. ADALINA não oferece perigo a órgão algum.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

Variações do «côque»



O carrapito avoengo



A' portuguesa



Com bandós



De cucurúto



Com topete



Descalido



Tapa-orelha



Enroscado



Entestado



Rabiósca



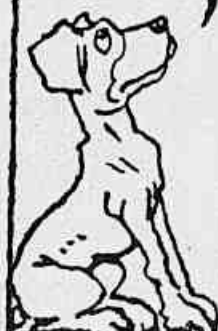
Em trunfa



Sovina



Actual



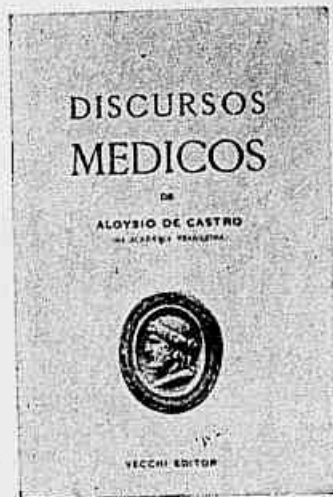
PAUL

LIVROS

NOVOS

DISCURSOS MEDICOS, de Aloysio de Castro, da Academia Brasileira — Vecchi, editor, Rio de Janeiro, 1941.

Livro de alto pensamento, livro de sentimento peregrino, livro por todos os títulos digno de ser guardado em lugar bem à vista para, de vez em quando, o tirarmos da estante e regalarmos o espírito e o coração nas suas páginas privilegiadas.



Destes discursos se não deve, se não pode realmente dizer que só outros médicos ou outros oradores devidamente os compreenderão. A velha sentença "poetas por poetas sejam lidos" não se aplica a este caso, em qualquer variante ou modalidade razoável. A nosso entender, não assenta sequer na obra dos rimadores verdadeiramente inspirados e senhores da divina arte. Quando a poesia é grande e é perfeita, os mais humildes a sentem e os mais rudes lhe adivinham o segredo genial. Assim os discursos do médico e mestre de médicos Aloysio de Castro se não destinam apenas à inteligência dos seus colegas ou dos seus discípulos. Vêm directamente à sensibilidade de todos nós. Trazem consigo idéias e emoções que igualmente nos penetram e tomam conta de nós — pela harmonia em que sempre as nobres concepções e as palavras esmeradas se correspondem e se completam. Formam-se de conceitos puros e de imagens espontaneamente felizes. Dizem tudo e ainda nos fazem, a nós, simples leitores, imaginar, através daqueles períodos, outros esplendores e outras perfeições. Encerram o dom da eloquência universal.

Falando na inauguração da estátua de seu pai, o insigne e inolvidável Francisco de Castro; celebrando o lançamento da pedra fundamental da Faculdade de Medicina; louvando a obra e enaltecendo a memória de Oswaldo Cruz, Miguel Couto, Moura Brasil, Miguel Pereira, Arnaldo Vieira de Carvalho, tantos outros vultos da ciência brasileira; fazendo-se ouvir nos congressos internacionais; fraternizando com os seus colegas das Academias ou dos hospitais; ensinando a mocidade das suas aulas — em qualquer parte e em qualquer circunstância — ouvimos o verbo sagradamente hereditário, a que ele ainda consegue dar novas entonações e novo lustre. As excelências do seu talento infalivelmente se fazem acompanhar das graças da bondade. A sua cultura poderosa a cada momento se acusa — a nobreza do seu carácter e a doçura do seu sentimento. Em todas estas páginas se acusa — por mais que ele tente e obtenha uma singeleza em virtude da qual nos consideremos a seu lado, quasi iguais a ele — uma íntima, natural, essencial superioridade. Assim se nos oferecem as verdadeiras criações do engenho humano. Tal o novo livro de Aloysio de Castro, sábio, poeta e artista.

CIUME, romance de René-Albert Guzman, tradução de Gastão Cruls — Livraria José Olympio, Editora, Rio de Janeiro, 1941.

Este romance, que foi apresentado no original pela Condessa de Noailles, traz, na tradução do sr. Gastão Cruls, um prefácio do sr. Gilberto Amado. E ambos os padrinhos assumem a responsabilidade de declarar perante o público que se trata duma obra-prima.

Não como romance, de certo, do ponto de vista da inventiva ou perante as regras clássicas do desenvolvimento da acção... O autor desprezou processos e tradições, para fazer sobretudo obra sincera. Estudando um caso passionai, gradativamente levado à ansiedade, à obsessão, ao desvairamento, ao desespero supremo, entregou-se exclusivamente a detalhar e analisar a marcha do fenómeno terrível. O ciúme vai invadindo e possuindo o protagonista como a evolução duma moléstia incombustível que por força tem de acabar na morte. E o poder descritivo de René-Albert Guzman — a que o sr. Gastão Cruls, apesar de algumas irregularidades ou vulgaridades de expressão, conservou a singular veemência — substitue bem os recursos cativantes, empolgantes do geral dos outros romances.

Estas páginas nos prendem e nos levam, numa crescente vibração dos nervos, de principio a fim. Tudo está contado de maneira tão concisa e tão eloquente que se tem a impressão de não ser possível, sem prejuízo da obra, acrescentar-lhe ou retirar-lhe uma só linha. Obra rara, com efeito, de observação, de interpretação e de estilo.



emprega o legítimo
RETROZ GUTERMANN
marca "Xadrez"



O retroz GUTERMANN,
sendo fabricado de
PURA SEDA
é resistente e elástico.

Exija
GUTERMANN
com o "Xadrez"

À venda em todas as
boas lojas.

OS SETE MISTERIOS DA EUROPA, narrativas e opiniões de Jules Romain, tradução de Emil Farhat — Livraria José Olympio, editora, Rio de Janeiro, 1941.

Jules Romain foi sempre homem de teatro. No estrangeiro, no Brasil pelo menos, quasi se não conhecia outro gênero de produções suas. O seu nome nos chegou por meio da *Illustration Théâtrale* e das *Oeuvres Libres*, assinando obras de êxito variável mas sempre fortes, sempre corajosas na sua feição de comentário ou de sátira. Assim nos foi dado conhecer *Le mariage de Mr. Le Trouhadec*, *Mr. Le Trouhadec saisi par la débauche*, *Musse ou l'Ecole de l'hypocrisie*, outras peças que, logo se notava, haviam sido escritas, não para lisonjear



o gosto do publico e conquistar mais ou menos comodamente os seus aplausos, mas para servir de veículo a idéias independentes e tanto quanto possível originais. Jules Romain buscava realmente temas e processos novos, sacrificando embora o destino do seu trabalho àquela ansiedade e àquele orgulho de inéditismo. E mais lhe importava realizar uma obra sincera, bem sentida, bem sua, do que obter os "sucessos" que garantem o inverno inteiro no cartaz e se estendem pela temporada seguinte ou se multiplicam em traduções numa porção de idiomas.

Agora, ao ler *Os sete mistérios da Europa*, estamos vendo ora o comediógrafo ora o dramaturgo a animar em lances vivos e diálogos de nítido recorte as suas recordações e as suas impressões do período internacional que imediatamente antecedeu a guerra de hoje. Não deixa de se acentuar nestes capítulos o carácter da alta reportagem: uma série de vultos franceses ou europeus, apanhados flagrantemente nas suas atitudes, nos seus feitos dum momento ou dum época, nas suas responsabilidades, para sempre. Em algumas páginas se tem a impressão perfeita de episódios de teatro. Distingue-se o cenário, sente-se o ambiente, adivinha-se a voz e o acionado das personagens. E em verdade o sr. Emil Farhat transportou para o português a prosa pitoresca e sensacional de Jules Romain com uma desenvoltura, uma aparente facilidade bem pouco comuns, hoje em dia, na torrente de traduções que está alagando a nossa industria editora.

A CHEGANÇA, estudo de folclore por Antônio Osmar Gomes — Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1941.

Representa este livro um estudo profundo e minucioso da cerimônia tradicional do baixo S. Francisco, denominada *Chegança*.

Cerimônia lhe chamamos, porque se não trata propriamente dum canto regional nem duma dança característica, mas duma prática tradicional em forma de entremês e que inclui ruoimentalmente a musica e o bailado, acomodando-os a uma espécie de acção mais ou menos heroica. Também o *Bumba, meu boi* e todos os *Reisados* comportam o chamado "enredo" que os cordões carnavalescos do Rio reduziram à expressão mais simples e, em geral, mais idiota. Em certos reisados de Pernambuco, por exemplo, a Diana, a Libertina e outras personagens obrigatórias desempenham, pelo menos modernamente, uma farsa simplória por entre canções, duetos ou côros tirados das novidades que por ali chegam do repertório popular carioca de cada ano. *A Chegança*, porém, conforme o sr. Osmar Gomes no-la mostra, obedece a um plano mais amplo e mais definido. Compreende a viagem aventureira duma nau, com tempestades, motins a bordo, combates e abordagem, submissão e conversão de herejes vencidos — além, está claro, das trovas de amor e de saudade que a raça jamais dispensará.

O sr. Osmar Gomes chega a comparar a *Chegança*, pela inspiração, pela intenção, aos *Lusiadas*; e em verdade, se bem procurarmos, encontraremos nos seus versos rudes imagens e frases da epopeia. Como bons autores teatraes, de certo, aqueles que se sucederam na composição e arranjo desta peça afinal anônima, seguiram o tão consagrado e tão observado preceito molieresco: *Je prends mon bien où je le trouve*. Assim a velha *Nau Catarineta* não pouco contribuiu para os lances angustiosos em que se espera, quasi sem esperança, a voz do "gagreiro" anunciando terra à vista. E na quadra cantada pelo patrão de bordo

O amor do marinheiro
Não dura nem meia hora;
Vem o vento e dá nas velas,
Adeus, adeus, vou-me embora.

...há sem duvida aquilo a que os plagiários chamam "encontro de idéias" para quem recordar a velha quadra das raparigas de Coimbra:

O amor dos estudantes
Não dura mais que uma hora;
Toca o sino, vão-pr'a aula,
Vem as férias, vão-se embora.

A obra do sr. Antônio Osmar Gomes merece exame muito mais longo que o permitido pela natureza e as dimensões desta secção. O esforço da pesquisa, a riqueza documental, a clareza da exposição e da narrativa, a lógica das deduções e dos comentários, tudo recomenda este livro — que conta cerca de duzentas páginas e é enriquecido por um apêndice musical — á simpatia das autoridades do folclore e á atenção dos estudiosos em geral.

J. L.



BRASIL



— O senhor é casado?
— Não, senhor juiz.
— Felizmente para sua mulher!...

CARTA PARA O CÉU

Meu querido Avôzinho.

Escrevo-lhe de muito longe... Daquelle mesmo lugar onde, á hora de sua despedida, o Vovô achou que ao deixá-lo teria de empreender uma longa viagem.

Espero em Deus que su'alma já tenha chegado ao seu destino. Porisso remetto estas linhas em sentido ascensional e convicto, para o céu.

O sonho que tive, vendo-o ansioso, a pedir-me notícias de seus negocios, impressionou-me vivamente...

A servir de correio está incumbido o nosso amigo o tempo e da interpretação dos assumptos, a eternidade.

O primeiro é ligeiro como os reflexos da luz solar. A outra é fixa e sem fim como os resplendores da luz eterna. Forçoso é que se transportem minhas narrativas nas asas do tempo, para serem transfiguradas sob um aspecto espiritual, em um breve momento: em que o Vovô ficará sabedor das cousas que se têm passado aqui na terra, desde que nos separámos.

A mim, parece-me tarefa difficil relatar minuciosamente fatos e acontecimentos, pois muitas vezes o que a mente registra com cuidado não passa de preocupação vã e desprezível; e o que o espirito observa é tão profundo que as palavras são poucas para concretizar tudo!

Esta não será escripta como as demais cartas, em que as ideias são construídas pelo pensamento. Mas tudo quanto tenho para dizer já está archivado pela minha consciencia: acredito que não irá uma circumstancia a mais nem a menos.

O Vovô sempre me compreendeu nas menores phrases!... Porisso, restringil-as-ei duma forma absolutamente necessaria, afim de apresentar contas do que me é dado usar, por direito. Todos os meus interesses são os seus também, Avôzinho.

Tenho saudades daquelle tempo em que eu corria para exibir diante de seus olhos e á sua apreciação todas as minhas "produções artisticas"... Como era ingenua aquella minha pretenciosa vaidade, de querer demonstrar minhas aptidões para receber seus elogios... E' verdade que eles me alegravam os ouvidos e deleitavam meu amor proprio... E suas palavras eram um incentivo que me faziam desenhar tudo que eu via. Hoje, embora não o tendo ao meu lado, aprendi a executar outra especie de trabalho, bem mais aproveitavel: estudar a mim mesma, cuidadosamente, observando se todos os detalhes dos caracteres firmes e verdadeiramente christãos são os mesmos que possuo.

Efemérides da semana

19 de Abril. — Nasce em Sobral (Ceará) Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1809). — Morre em Porto Alegre (R. G. do Sul) Manoel Joaquim de Souza Junqueira, figura saliente na guerra com a Argentina (1870). — Morre em Niterói Joaquim Antunes de Figueiredo Junior, Ministro do Supremo Tribunal Federal (1917). — Morre em Petrópolis Luiz Guimarães Filho, diplomata, poeta, da Academia Brasileira (1940).

20 de Abril. — Nasce em Alagôas Aureliano Candido Tavares Bastos, patrono da cadeira 35 da Academia Brasileira (1839). — Nasce no Rio o Barão do Rio Branco, historiador e diplomata notável (1845). — Falece no Rio João Evangelista Negreiros de Savão Lobato, Visconde de Sabará, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1894).

21 de Abril. — Falece no Rio o astrônomo Antônio Pires da Silva Pontes (1805). — Falece Mariano Pinto no Passo de Ibiçuí (1828). — Nasce no Lagarto (Sergipe) Silvio Romero, professor, poeta, filósofo, crítico, da Academia Brasileira (1851).

22 de Abril. — Nasce no Maranhão Francisco Sotero dos Reis, gramático notável (1800). — Falece no Rio o tenente-general Manoel Marques de Souza, ancestral de gloriosos militares do mesmo nome, como o Conde de Porto Alegre (1822). — Falece no Rio Joaquim de Toledo Piza e Almeida, que foi Ministro do Supremo Tribunal Federal (1908). — Falece no Rio Manoel Joaquim Murtinho, Ministro do Supremo Tribunal Federal (1917).

23 de Abril. — Falece em Lisboa o grande naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira (1815). — Falece no Rio Gregório da Fonseca, engenheiro-militar, escritor, da Academia Brasileira (1934). — Falece no Rio Joaquim Francisco de Faria, Ministro do Supremo Tribunal de Justiça (1902).

24 de Abril. — Falece no Rio o escultor francês Augusto Taunay, da Missão Francesa de Arte contratada em 1815 por D. João VI (1824). — Inaugura-se a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Academia de Medicina (1830).

25 de Abril. — Nasce no Rio o literato e teólogo cônego Luiz Gonçalves dos Santos — O "Padre Pereréca" (1767). — Morre o senador do Império, Visconde de Macaé (1850). — Morre no Rio Manoel Antônio Alvares de Azevedo, poeta, patrono da cadeira n.º 2 da Academia Brasileira (1852).



Michel UM PASSAPORTE IRRESISTIVEL

A beleza abre todas as portas... com o passaporte de labios que sorriam... Faça dos seus, uns labios assim. Cada uma das côres de Michel é mais sugestiva do que a outra. Não existe fórmula alguma de aperfeiçoar o encanto de seus labios além da que Michel lhe oferece e não ha outra melhor para protegê-los em todos os climas. Ha uma tonalidade também para você.

4 modelos: DE LUXO, GRANDE, MÉDIO E PEQUENO

BATON Michel

Torne seus olhos mais brilhantes com o COSMETICO INDELEVEL MICHEL.

Para um perfeito "maquillage" escolha o tom de ROUGE MICHEL que se case bem com o "seu" baton Michel.

MICHEL COSMETICS INC. — NEW YORK

Como vê, não podia ter escolhido melhor ideal do que este. Confesso que tenho tido algum trabalho para conseguir uma correção nos traços que em mim mesma me desagradam. Porem sem isto não chegaria ao termo de minhas aspirações. Tem-se operado uma transformação muito grande em minha personalidade; se não fôra o tempo passado (nove annos!) eu mesma seria capaz de não me reconhecer, comparando o meu antigo eu commigo mesma dagora. Pareço outra. (Incapaz de dizer como eu lhe disse outrora: "estou entediada de viver...") O que lhe causou surpresa e provocou uma grande gargalhada, pois naquella época o Vovô achava que eu havia começado apenas! Muçei muito... Não porque encontre no mundo maiores atrativos; ao contrario! Mas desejo viver, trabalhar, eu que me julgava absolutamente desnecessaria. Ha em tudo uma forte razão que me impele a desejar isto — fazer parte integrante da "Acção Catolica", embora os meus trabalhos sejam minimos como grãos de areia, em comparação aos que se têm realizado para recristianizar as almas, talvez multidões paginizadas. E' tal o subjetivismo por estas ultimas praticado que se encontram em varios sectores opiniões explosivas como verdadeiras tropas aparelhadas para malbaratar qualquer manifestação contraria, no que diz respeito áqueles ideias tradicionalistas.

Esta conflagração de ideias e expressões, aparentemente pacificas, é bem penosa. Todavia é mil vezes mais honesta que qualquer outra especie de peleja verdadeiramente belica. Porque, onde quer que haja debates, a mentira pode ser rechaçada, como também as propagandas injustas, o prosseguimento de calunias, ardis, etc. E a verdade permanecer de pé, intacta, sem ser assassinada.

Sob o ponto de vista religioso, penso nunca ter existido na terra, depois das éras civilizadas, um egoismo tão avassalador, como este a que assisto presentemente. De onde terá origem esta falta de ordem, de caridade e de disposições ás praticas cristãs? Do amor desordenado a nós mesmos? Não. A causa é outra: é o respeito humano que ha entre os proprios cristãos, diante dos que já não o são... Muitos catolicos têm vergonha de praticar tudo que crêem a respeito da doutrina e leis de Jesus Christo, Nosso Senhor. Nem nas lendas, nem nos romances, nem na propria historia se ha verificado tão cega desobediencia aos mandamentos da lei de Deus! Enquanto isto, os cétricos e materialistas ganham terreno, discursando contra os canones sagrados, ensinados pelo proprio Cristo!...



Luizinha (chorosa): — Maneco partiu minha boneca.
A mãe: — Que maldade! E como foi que elle a partiu?
Luizinha: — Eu bati com ella na cabeça delle.

Considerando esta situação, recorro sempre com saudades seus discursos, Avôzinho, alguns tenho-os até colecionados como verdadeiros tesouros. E tudo por que?... Porque neles brilha ainda, de maneira scintilante, o real tradicionalismo de um principio solidamente cristão!

Espiritualmente revejo o tempo em que eram ainda deste mundo o Avô, seus irmãos, meus tios e todos os meus primos que se estimavam como verdadeiros irmãos. Eramos uma grande familia! Mas os caminhos da vida pouco a pouco nos obrigaram a dispensar uns aos outros.

Quando nos reunimos agora (raramente conseguimos nos reunir todos) lamentamos intimamente a falta dos que se foram para não mais voltar e, ao bebermos á saúde á mesa, não esquecemos nunca os ausentes.

Tenho saudades das festas familiares, que foram comemoradas antigamente...

Manuseando um livro seu, Avôzinho, detive-me neste pensamento de Ruy Barbosa: "A Patria é a familia ampliada. E a familia, devidamente constituída, tem por elementos organicos a honra, a disciplina, a fidelidade, a bemquerença, o sacrificio. E' uma harmonia instintiva de vontades, uma desestudada permuta de abnegações, um tecido vivente de almas entrelaçadas. Multiplicae a célula e tendes o organismo. Multiplicae a familia e tereis a patria".

Fiquei de certo modo confortada, porque os seus exemplos se multiplicaram em nossa gente. Todos nós, felizmente, conservamos os mesmos habitos e condutas de vida. O Vovô pode sentir-se feliz de ter sido o tronco de sua prole: todos os seus filhos, noras, sobrinhos, netos e bisnetos continuam dignos de usar com todo orgulho a herança que lhes coube... Graças a Deus, nenhum deixou de observar todas as tradições — o respeito filial infundido pelo amor materno e paterno, a compreensão fraternal, a solididade aos mais velhos, aos fracos ou necessitados. Somos ainda dos que consideram o respeito filial e outros deveres sublimes como um sagrado officio do patriotismo. (Pois melhor é perder o officio e a vida que reter o officio e perder a consciencia!)

Quando frisei as palavras **somos ainda**, é porque tenho de lhe contar o seguinte: ha muita gente (familias grandes) que já não se lembra ou se esqueceu propositadamente de que foi designada aos exercicios do dever.

Tenho muito medo de que se desviem do bom caminho, tantos que possuem preciosas faculdades de trabalhar bastante. Antes de Cristo, os antigos acharam que a unica solução de libertar os povos era escravizá-los ás leis para torná-los completamente livres no cumprimento de seus destinos; mais tarde Jesus, apontando para uma moeda em que havia gravada a effigie do imperador, designou dois rumos a seguir: dar ao imperador o que era do imperador e a Deus o que era de Deus, isto é todas as almas em geral.

O proprio Cezar nunca chegou a compreender a supremacia do governo Divino; porisso cometeu toda sorte de monstruosidades, principalmente com referencia á perseguição ao cristianismo. O seu fim não podia ter sido mais tragico; trahido pelos proprios sectarios.

E o fim dos apostolos, apesar de ter sido dolorosamente tragico, serviu pelo proprio sangue dos mártires para multiplicar os designios de Deus sobre a terra e dilatar as menses!...

Os homens bons e máos andam por ahi como o trigo e a cigarra de que nos falam os Santos Evangelhos!... Precisamos muitos operarios e que haja também muita clarividencia na distribuição dos trabalhos.

Eis por que vivo rezando por todos os meus compatriotas, afim de que todos eles compreendam as suas responsabilidades.

Se Vovô tem certeza de que estou com a razão, seja su'alma também do numero das que rogam a Deus, Todo-Poderoso, pelo regresso da paz de Cristo no reino de Cristo.

E' tudo quanto necessita e quanto pede a neta que muito o estima.

Yara Guedes de Mello



Senhoras!
CAPSULAS
MENAGOL
PARA FALTA DE MENSTRUACÃO
APR. PELA CENS. SANIT. N. 56-J-14

IDÉIAS E FRASES

Todo o financeiro tem uma cadeia no seu passado: ou aquella a que escapou ou aquella de que se escapou. — **Henry Rabusson.**

Não há govêrno popular: governar é discontentar. — **Anatole France.**

Aos dezesseis anos a mulher se desenha; aos trinta, pinta-se; e aos quarenta, tinge-se.

A mulher que escreve comete dois erros: aumenta o numero dos livros e diminue o numero das mulheres.

E' o amor que nos inspira as grandes ações e nos impede de as praticar.

O marido é um livro enfadonho, com um belo prefácio.

Há vícios e virtudes de emergência.

Si pudéssemos comprar todas as consciências pelo que valem, e vendê-las pelo que julgam valer, que excelente negócio fariamos! — **Gavarni.**

T. TARQUINÓ

Reve-Rose

DE GALLY

COLEÇÃO REVEROSE de GALLY

sonho rosado dos perfumes que se tornou realidade!

EXTRACTO Nº 1330 C/CX. Nº 1317 C/CX. PO' Nº 1350 Nº 1313 OLEO Nº 1320 Nº 1321 Nº 1322 LOÇÃO Nº 1300 Nº 1301 COLÔNIA Nº 1300-F Nº 1301-F Nº 1302-F BRILHANTINA Nº 1312 EXTRACTO Nº 1332 C/CX. Nº 1332 S/CX. Nº 1332-M

A VENDA EM TODO O BRASIL

MÚSICA - Temporada oficial de 1941

Realizou-se no dia 5 do corrente, no Teatro Municipal, o primeiro concerto sinfônico da série oficial do ano, cujo programa constou da Overture do "Roi D'ys", de Eduardo Saló; da Sinfonia em Ré menor, de Cesar Frank; do poema sinfônico "No Sertão", de Francisco Mignone; da Suite do Ballet, "Le Festin de L'Araignée", de "L'Apprenti Sorcier", de Paul Dukas.

A orquestra foi dirigida pelo célebre maestro francês, Albert Woeff, que se apresentou ao público carioca pela primeira vez. A interpretação que deu a todas as peças do programa foi magistral.

Albert Woeff é realmente um grande chefe de orquestra. Já o conhecíamos através dos discos e das Revistas musicais estrangeiras, sendo considerado um dos maiores intérpretes da música francesa moderna.

A pequena amostra que nos deu com o concerto inaugural da temporada da Prefeitura, em que (com exceção de Francisco Mignone), só figuraram autores franceses, foi a prova evidente.

A Orquestra Municipal teve de ser aumentada, como já o foi na temporada do ano passado, sob a direção de Eugen Szenkar, o que vem provar a urgência da medida de modo efetivo.

Por que a Orquestra da Municipalidade deve ser composta de 70 músicos, quando necessita de 90?

O prefeito Dodsworth, que tem demonstrado grande interesse pela música sinfônica, bem poderia resolver definitivamente essa situação!

Cremos que a necessidade do aumento é a prova evidente da urgência da medida e por que não pode fazê-lo de uma vez para sempre?

Com relação à execução, a orquestra se houve bem, principalmente os instrumentos de arco e os harpas.

Os instrumentos de sopro, salvo ligeiras exceções, destoaram um pouco do conjunto.

Contudo, foi um belo concerto.

—oOo—

PRO' - MU'SICA

A Sociedade Propagadora da Música sinfônica e de Camera, já deu início às suas atividades artísticas, fazendo realizar, no Salão Nobre da Escola Nacional de Música, um concerto sinfônico dedicado a Mozart.

Ao contrário do que acontecia nos anos anteriores, a orquestra apresentou-se muito bem. Não sei se atribuir ao fato de ter sido dirigida por um maestro de maior prática, ou se devido a terem sido feitos os ensaios necessários à perfeita execução das obras do programa. O fato é que a orquestra se apresentou com maior garbo e os seus componentes com uma consciência de conjunto muito mais viva. Ouviase uma orquestra, cuja sonoridade correspondia ao número dos componentes. O que quer dizer que todos tocavam.

Serenata para instrumentos de arco, concerto para Harpa e Flauta, com acompanhamento de Orquestra e a Sinfonia em Sol menor, foram as obras ouvidas na noite de 29 de Março próximo passado.

Os solistas do concerto foram: Elisa Guarnieri, harpista e Ary Ferreira, flautis-

ta. Ambos souberam corresponder às dificuldades interpretativas da obra notadamente o sr. Ari Ferreira, cujo mérito, como flautista, é incontestável.

Embora fugindo um pouco às finalidades que ditaram a organização da Sociedade, a Pró-Música apresentou-se no concerto inaugural da estação, dirigido pelo maestro, Eduardo Guarnieri, de modo a contentar os mais exigentes espectadores.

Estão de parabéns os diretores da Sociedade pela significação e pelo esplendor do programa.

—oOo—

MISSA DE REQUIEM

Tivemos ocasião de ouvir, na quinta-feira santa, a Missa de Requiem, do célebre compositor italiano G. Verdi. Esse acontecimento artístico-religioso, um dos mais notáveis dos últimos tempos, não foi bem compreendido pelo grande público. O Teatro Municipal, onde teve lugar a execução da obra, estava semi-vazio. É uma pena! Não se sabe a que atribuir tal fato, algo comprometedor para a cultura artística do povo carioca, pois que, em S. Paulo, a Missa foi executada cinco vezes, todas com o teatro super-lotado.

Deixemos de lado essa parte, para fazer uma ligeira apreciação sobre a Missa de Requiem, por muitos considerada a obra máxima de Verdi. Antes de emitir qualquer conceito a respeito, tive o cuidado de assistir ao ensaio geral, estudar a partitura e ouvir a execução, por isso posso afirmar: não é exato seja o Requiem a obra máxima de Verdi; falta-lhe o caráter religioso, em primeiro lugar, o que constitui grande defeito. A parte polifônica é fraquíssima. Algumas imitações e nada mais. A orquestração ocupa na obra papel secundário, havendo muitos trechos em que a infantilidade é de pasmar.

Ora, se não possui o estilo sacro; se o contraponto que deveria predominar, pois este é um dos gêneros a que mais se coaduna, quase que não existe; se a orquestração não corresponde à longa experiência, e aos méritos do compositor, por que considerá-la obra máxima? E "Aida", e "Otello", e "Falstaff"?

E', contudo, uma obra coral de primeira grandeza, magnificamente escrita para as vozes.

Pode-se afirmar sem exagero: a Missa de Requiem de Verdi é sacra pelo texto, profana pela concepção e lírica pela realização.

Verdi não podia escrever esse gênero de música; ele era operista por excelência. Suas melodias encantadoras, cheias de lirismo e de paixão, (de que a "Missa de Requiem" está repleta), não se ajustam bem ao estilo em questão. Mesmo no Agnus Dei, quando pretendeu usar o canto-chão, logo se afasta, introduzindo na frase alterações impróprias ao gênero.

Para mim a obra máxima de Verdi é a "Aida"; nessa ópera, sim, o notável operista italiano deu mostra de seu saber e de suas faculdades criadoras.

Já dissemos muito da obra do mestre, passemos agora ao modo por que foi executada.

a) O CORO

Numa união digna de todos os encômios, foi-nos dado ouvir os coros do Teatro Municipal de São Paulo e do Rio, formando um todo aproximadamente de 250

Conclui na pag. 38

◆◆◆◆

ESCRAGNOLLE DORIA

Calouros de 1848

TRES academicos, poetas de poste-
ridade, não concluíram curso
juridico na Faculdade de S.
Paulo: Alvares de Azevedo,
Castro Alves, Fagundes Varela.
De receber grão a morte física impedio
o primeiro, o amor bastante o tolheu ao
segundo, a morte moral ao ultimo.

Por pouco Alvares de Azevedo não
tocou a meta, chorando-se no punente
Se Eu Morresse Amanhã, versos nos quaes ainda
parece pulsar coração no despedaçar de **Lyra dos
Vinte Annos**.

Alvares de Azevedo votou-se a saber, estudante
estudioso; Castro Alves e Varella não foram o que
se revelaram na imaginação. Desde curso primario e
secundario Alvares de Azevedo prezou os livros lidos.
Não imitou os que, vestindo obras com encadernações
luxuosas, as conservam nas estantes em perfilados bata-
lhões sem marcha para consulta.

Em 1847 Alvares de Azevedo era graduado pelo
educandario do **Pedro Segundo**. Assimilando bem cul-
tura classica podia distinguir-se em qualquer carreira.
Escolheu a do pae, a do Direito, sem fundamento darem
o filho por nascido em sala do Curso Juridico de S.
Paulo onde depois puzeram biblioteca. E' conceder
a criança mal vinda ao mundo demasiado amor a livros.

Em idade de transição partio Alvares de Azevedo
para a terra natal paulista, que sem côres roseas pin-
taria em verso e prosa. A 12 de Setembro de 1848
completaria o calouro Alvares de Azevedo dezesseis
anos de vida.

Visando o adolescente, copiamos os termos da
matricula da 1.ª série no Curso Juridico em 1848.

Serão reproduzidos com breve
indicação do destino da ca-
lourada da época, segundo
informações de Almeida No-
gueira por nós completadas.

"Ao 1.º de Março de
1848 na conformidade dos
Estatutos abrio-se a matricula
do 1.º anno. Para constar fiz
este termo. M. el Francisco da
Costa Silveira official G. da
servindo de secretario.

N. 1 Sebastião Lira da
Silva, 18 annos, natural do
Rio de Janeiro (advogado e
magistrado)

N. 2 Ildefonso Simões
Lopes, 19 annos, natural do
Rio Grande do Sul (agricul-
tor em Barra Mansa)

N. 3 Antonio Luiz Sayão,
19 annos, natural do Rio de
Janeiro (advogado, grande
propagandista do espiritismo)

N. 4 Firmo de Albu-
querque Diniz, 20 annos,
natural do Rio de Janeiro
(advogado)

N. 5 Joaquim Mendes
Malheiros, 18 annos, natural
de Matto Grosso (professor
no Pedro II, nas Escolas Mili-
tar e Naval, deputado no Im-
perio).

N. 6 Bernardo Guilher-
me Carneiro, 22 annos natu-
ral do Rio de Janeiro (advog-
ado)

N. 7 Manoel Antonio
Alvares de Azevedo, "natu-
ral de S. Paulo, idade..."
filho do Dr. Ignacio Manoel
Alvares de Azevedo, apresen-
tou os documentos precisos,
matriculou-se e assignou commigo. Costa Silveira. Ma-
noel Antonio Alvz d'Azevedo."

N. 8 Manoel Victor de Souza Monteiro, 17 annos,
natural do Rio de Janeiro (advogado, formado em
Olinda).

N. 9 José Caetano dos Santos, 18 annos, natural
do Rio de Janeiro (ahi chefe politico e magistrado)

N. 10 José Martins Vieira, 17 annos, natural
do Rio de Janeiro (advogado, formou-se no Curso Ju-
ridico de Olinda)

N. 11 José Carlos da Cruz Paula, 26 annos, natural
do Rio de Janeiro (conego secretario do bispado de
S. Paulo, no Rio reitor do seminario episcopal)

N. 12 José Manoel Duarte de Lima, 21 annos,
natural do Rio de Janeiro (advogado, formado em
Olinda)

N. 13 Joaquim Roiz de Oliveira, 20 annos, natural
da Bahia (advogado, formado em Olinda)

N. 14 Baptista Caetano de Almeida Nogueira,
21 annos, natural de Minas (o afamado indianologo,
retirado do Curso Juridico após ruidoso incidente)

N. 15 Antonio José Leite Lobo, 23 annos, natural
do Rio de Janeiro (advogado, fallecido logo depois
de formado)

N. 16 Francisco de Mascarenhas Camelo, 21 annos,
natural de S. Paulo (sem terminar curso morreu de febre
amarella em Olinda)

N. 17 Antonio de Aguiar Barros, 24 annos, natu-
ral de S. Paulo (capitalista)

N. 18 José Pires da Silva, 23 annos, natural do
Rio de Janeiro (advogado).

19 Francisco Baptista d'Escobar, 20 annos, natural
de S. Paulo (magistrado)

N. 19 A) Joaquim Russell, 28 annos, natural do
Rio Grande do Sul (professor e advogado)

N. 20 João Baptista d'Escobar, 19 annos, natural
do Rio de Janeiro (morreu ainda estudante)

N. 21 José Feliciano de Gouvêa, 22 annos, natural
de Minas (magistrado em Minas)

N. 22 Joaquim Ferreira Carneiro, 18 annos, na-
tural de Minas (magistrado e deputado provincial em
Minas)

N. 23 Bernardo Augusto Roiz da Silva, 20 annos,
natural de S. Paulo (magistrado, de 1892 a 1895 senador
estadual em S. Paulo)

N. 24 Frederico Augusto Alvares da Silva, 20
annos, natural de Minas (magistrado em Minas)

N. 25 José Fernandes Moreira, 18 annos, na-
tural de Minas (secretario de banco e deputado pro-
vincial fluminense)

N. 26 Antonio Augusto da Silva Canedo, 19
annos, natural de Minas (magistrado e deputado pro-
vincial em Minas, formado em 1853, em Olinda)

N. 27 Simeão Estellita de Paula e Silva, 21 annos,
natural do Rio de Janeiro (advogado, formado em
Olinda).



Casa onde em 1831 nasceu Alvares de Azevedo, na esquina da então Rua da Cruz Preta ou do Principe, esquina da rua da Freira ou do Jogo da Bola. Fotografia de 1919 devida ao dr. Vicente de Azevedo.

N. 28 Joaquim da Silva Cruz, 22 annos, natural
de S. Paulo (deixou o Curso Juridico no 5.º anno, le-
vado a muitas desditas)

N. 29 Antonio Gonçalves Gomide, 22 annos,
natural de S. Paulo (magistrado, desembargador presi-
dente da Relação de Mato Grosso)

N. 30 José Manoel Duarte de Lima, 17 annos,
natural do Rio de Janeiro (advogado, formado em
Olinda)

N. 31 Gonçalo Vieira de Mello, natural de Ser-
gipe (formado no Recife só em 1872)

A matricula n. 31 é acompanhada por esta nota:
"A 31 de Março fecha-se a matricula. Depois, a
15 de Abril, matricula-se Gonçalo Vieira de Mello,
natural de Sergipe, sujeito ao aviso de 23 de Março
de 1848.

A 11 de Outubro de 1848 se abrio a 2.ª matri-
cula do 1.º anno e para constar abri este termo. J. M.
de Avellar Brotero. Fechou-se a 2.ª matricula a 16
de Outubro. Joaquim Russell matriculou-se na casa
de residencia por enfermo." Segunda matricula equi-
valia a inscrição para exame.

Referente a Alvares de Azevedo o documento
por nós copiado e transcrito se pôde parecer longo a
um qualquer util é a estudiosos. Dão eles valor a mi-
nucias na vida das notabilidades, mormente se, como
na vida do nosso poeta, os dias lhes correram fugazes.

Ha documentos de substancia ao primeiro lance
de olhos. Demandam outros comprehensão pausada para
proveito, subsidio ou inferencia. A matricula do 1.º
anno leva-nos a saber os calouros de 1848 em idade
propria de curso superior, um calouro, Joaquim Russell,
quasi com seis lustros, gratificado por isso com o titulo
pilherico de Vovô outorgado pela colegada.

Na turma de 1848 surgia Alvares de Azevedo

qual meninote precoce, entre maioria de
fluminenses, paulistas e mineiros. O Cur-
so Juridico tinha então por director o
padre dr. Amal Gurgel, leccionados os
calouros de 1848 em cadeira unica, a de
Direito Natural, das Gentes e Publico
pelo dr. Avellar Brotero. Exerceria este
quasi meio seculo de magisterio tendo
por colega da Congregação um filho, o
dr. Dabney Brotero, o Broterinho como

o tratavam estudantes na intimidade. O pae choraria
o esperançoso genito morto na flôr de idade, quando
a nomeada lhe abria espaço.

Conforme Almeida Nogueira, da turma de calouros
de 1848 formar-se-iam em S. Paulo dezoito dos seus
componentes. Aos que unidos o tinham feito curso
ajuntaram-se para grão dous academicos de estudos ini-
ciados em Olinda e um vindo de série superior.

A turma formada em 1848 chegou transformada
em 1852. Registrou Almeida Nogueira terem falecido
alguns participantes da turma, outros passando a
Olinda, ainda outros largando livros para anteciparem
via pratica.

Entre os graduandos de 1852 devia figurar Alvares
de Azevedo. Por decisão de destino não pisaria mais
o poeta no Curso Juridico para receber borla vermelha.
Negra seria a côr de sua sorte.

Prestado exame da 4.ª serie com a nota plenamente,
a que obteve sempre, Alvares de Azevedo veio a cos-
tumadas férias no Rio de Janeiro, cidade do seu apreço
e onde residia a familia dele.

Em geral Alvares de Azevedo vinha de S. Paulo
mais refeito, com melhor côr. Nas férias de 1851 não.

Processava-se cavernoso o
mal que o devia vitimar. Tal-
vez a conselho medico, o com-
balido mudou de ares. Passou
Dezembro de 1851 em fazen-
da do interior fluminense. Nela,
a Domingos Jacy Monteiro e
a outro amigo, Alvares de
Azevedo abrio alma. Externou
presentimento. Não desejava
ir a S. Paulo para finalizar
curso em 1852. Afigurava-se-
lhe que morreria. E por que?
Referio Alvares de Azevedo
que em S. Paulo "por tres
ou quatro annos consecutivos
morrera um estudante de cada
quinto anno". Em parede da
casa onde morava Alvares de
Azevedo viam-se os nomes
dos quinto-annistas com a era
concernente á sua morte,
achando-se em branco á era de
1852, o lugar do nome que o
devia occupar, com a declara-
ção do quinto-annista."

— Parece-me — observava
Alvares de Azevedo a amigos
— "que o meu nome é o que
se ha de escrever no lugar
branco..."

No Rio de Janeiro, já em
1852, repetio aos mesmos ami-
gos a idéa agoureira:

— Não! isto nada vale, irei
para Pernambuco.

Provavelmente no diminuir
da resistencia organica, Alva-
res de Azevedo sentia, para
nos servirmos de palavras do
poeta, "desbotar-se a argilla
da existencia" á qual Byron
poeticamente aludira.

A parede funeraria da república em S. Paulo não
sahia da mente do enfermo. Lá estava com o seu espaço
em branco, á espera...

A transferencia para Olinda sorria ao sobresaltado,
ao que, com sacrificio da Historia, exaltára Pedro Ivo.

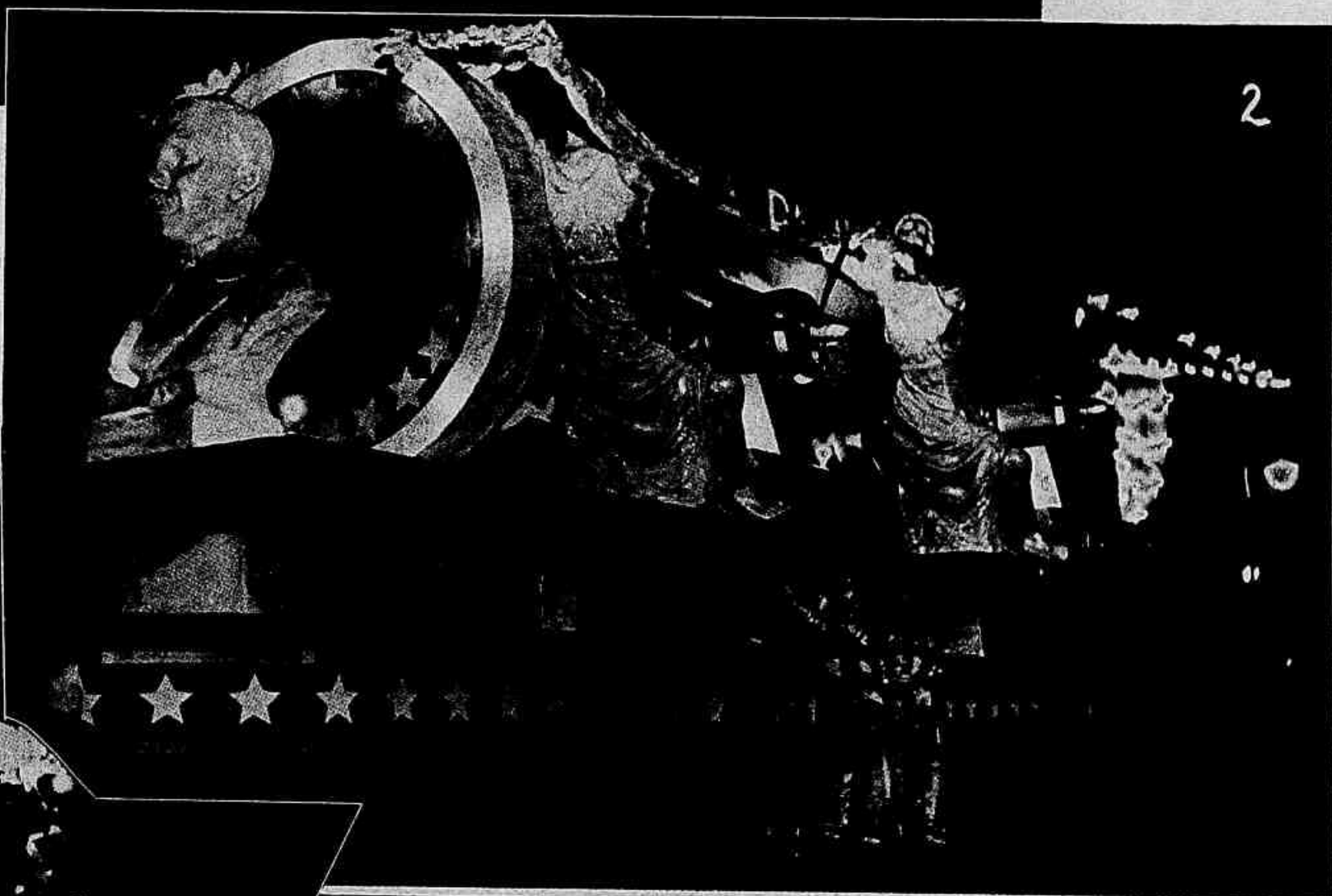
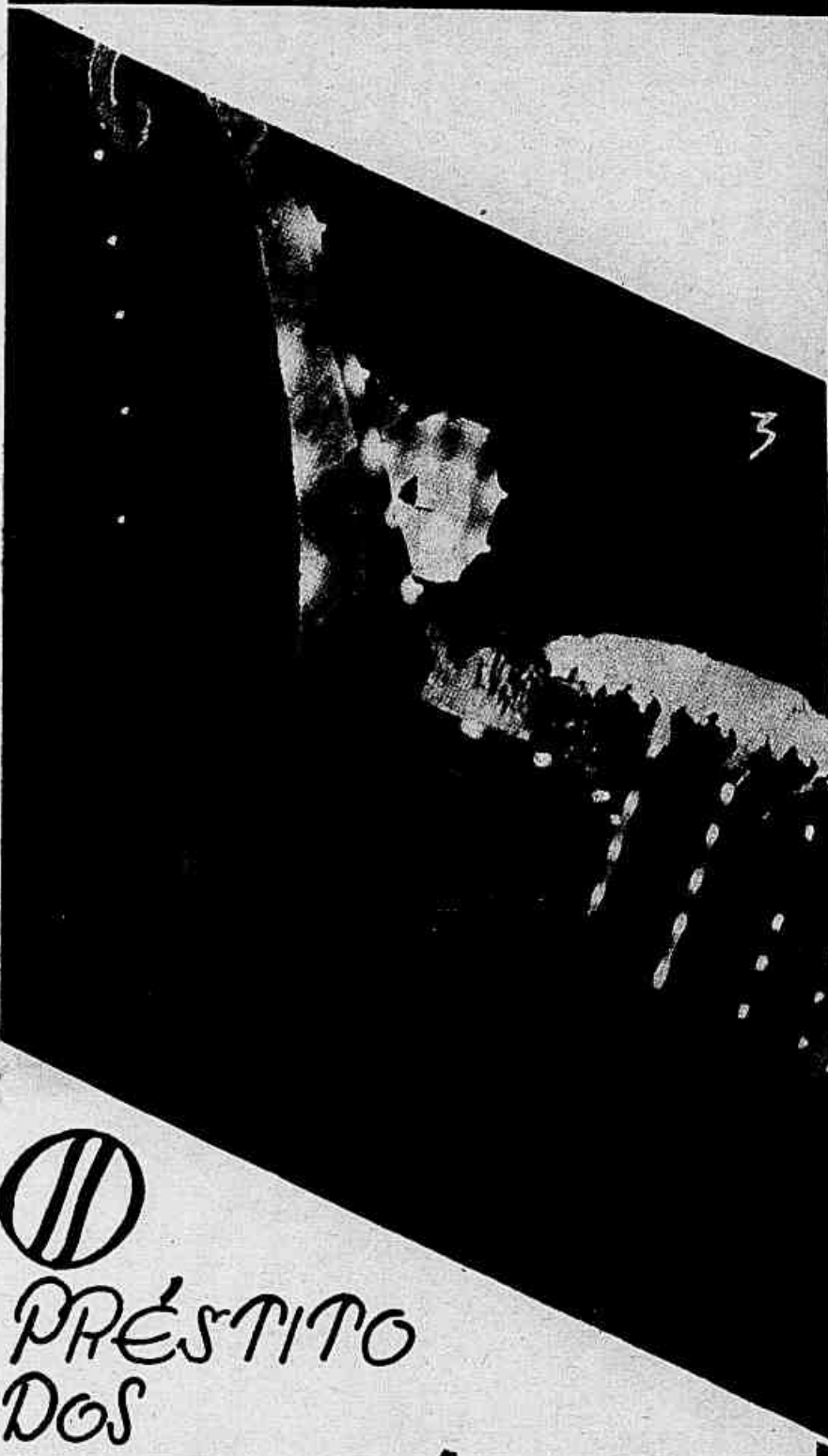
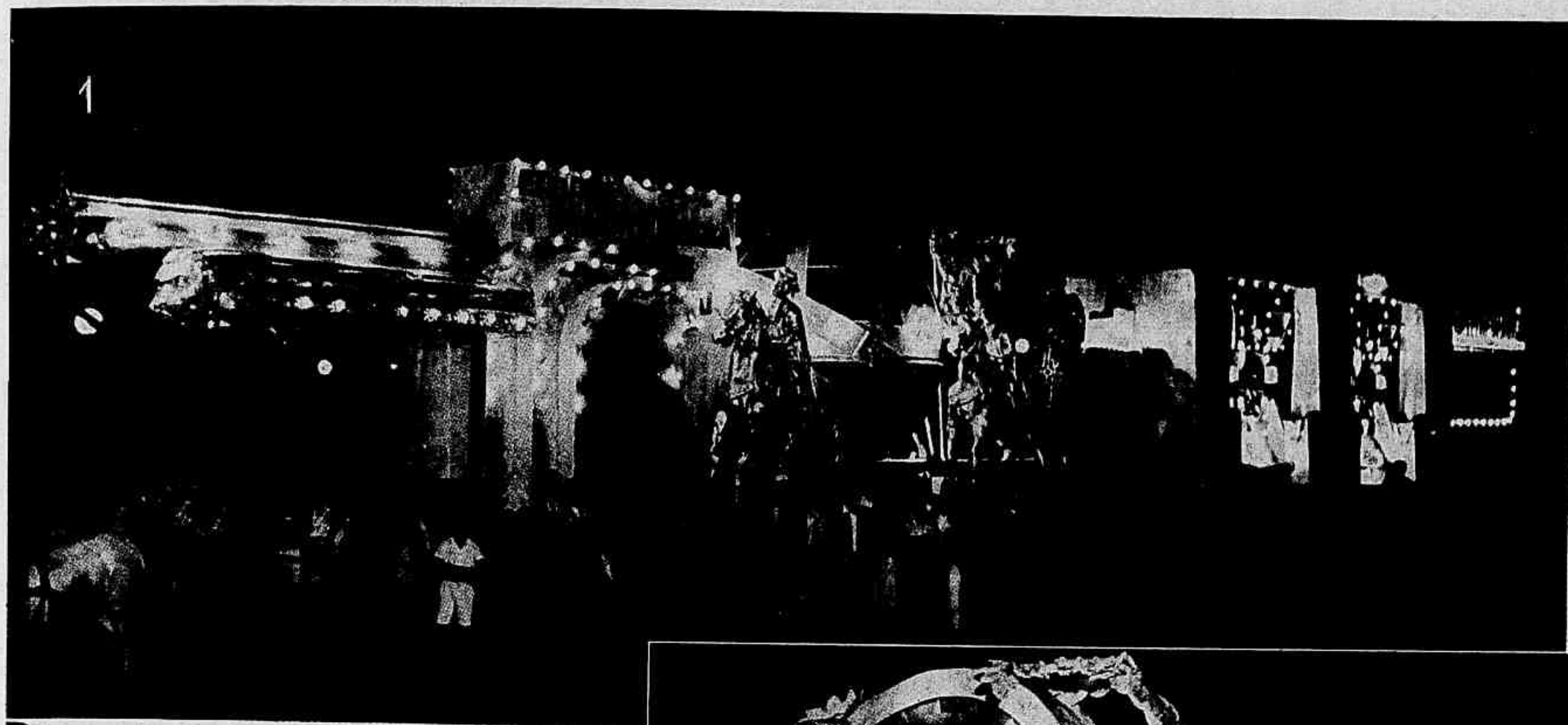
Alvares de Azevedo sabia estudando em Olinda
colegas de 1848, assim Martins Vieira, Duarte de Lima,
Rodrigues de Oliveira, Simeão Estellita. Não iria a S.
Paulo ouvir lições de Carneiro de Campos e do seu
parente Silveira da Motta, trocadas pelas de Autran e
Paula Baptista em Pernambuco.

Fosse adiante a transferencia para Olinda, Alvares
de Azevedo teria por companheiros de grão, em 1852,
tres futuros ministros de Estado no Imperio, José Libe-
rato Barroso, Theodoro Machado e João Ferreira de
Moura.

Alvares de Azevedo não escaparia porém á terrivel
anankê. Não se alistaria na turma dos oitenta e dous
bachareis de Olinda em 1852. O nome do que em S.
Paulo dera epitafio a João Baptista da Silva Pereira
Junior e palavras á beira tumulo a Feliciano Coelho
Duarte, era o nome fadado a figurar no espaço hiante
na parede funeraria na república da Paulicêa.

Ninguém foge á sua sina, conceito popular. E a
filosofia da massa nasce da dôr. O aviso não falhou.
Manoel Antonio Alvares de Azevedo curtiu sina agravada
por elle proprio. Uma cousa não lhe arrebatou a tras-
vista sina ao ceifar-lhe mocidade quando esta tanto
florescia. Não conseguiu tirar o poeta da memoria que
coevos legaram a vindouros, em geral esquecidos do
passado. Ainda agora sôa a **Lyra dos Vinte Annos**.

Escragnolle Doria



PRÉSTITO DOS DEMOCRÁTICOS



Os Democraticos, cujo prestito não se apresentou na terça-feira de Carnaval, devido ao aguaceiro que caiu sobre a cidade, deram no sábado de Aleluia, ao povo carioca, a visão dos seus carros.

1 — "Epopéia Portuguesa" — carro-chefe, bem imaginado e confeccionado, que mereceu bastantes aplausos da massa popular. 2 — "O Pae da Aviação" — esplendida homenagem a Santos Dumont, um dos maiores brasileiros. 3 — "Efêmera sedução" — carro alegorico de efeito. 4 — "Êxtase Oriental", delicada e bela alegoria. 5 — Um dos carros de crítica do prestito, alusão á taxa que quasi todas as casas comerciais cobram dos que se servem dos seus telefones.



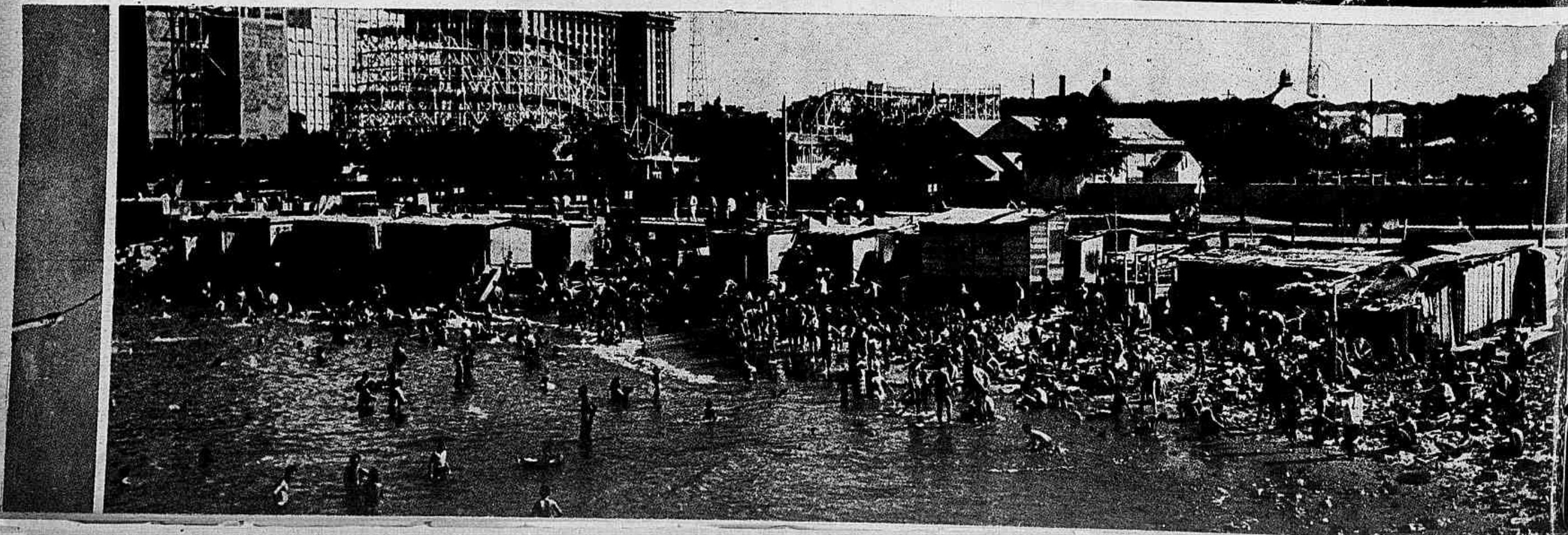
QUE nossos olhos estão vendo? Que significa esta praia na qual ao invés de areia existem tijolos, lajrilhos e pedregulhos? E essas barracas de banhistas, amontoadas umas em cima das outras e construídas por arquitetos empíricos? Levantemos um pouco mais nossos olhos e repararemos nesses arranha-céus monumentais e modernos. Não resta a menor dúvida que estamos na Avenida Beira Mar. A plaquinha da esquina nos indica e as edificações o asseveram.

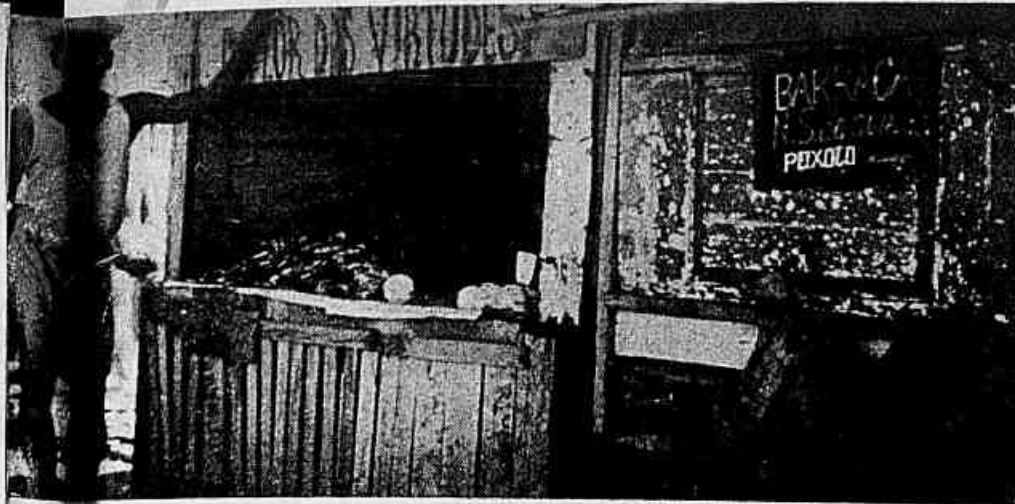
Custa-nos acreditar que duas coisas tão diferentes estejam tão próximas uma da outra, formando o maior e o mais paradoxal contraste do Rio de Janeiro. De um lado da avenida, arranha-céus — do outro lado uma coisa diferente, pitoresca, oisforme, que se chama Praia das Virtudes.

Não são somente os homens que possuem destino. As praias também o têm e a Praia das Virtudes acima de todas as outras. Nascida pequenina, cresceu e tornou-se surpreendentemente larga, voltando depois a ser uma restea de areia até que se transformou num lamaçal boiando sobre tijolos.

Ela viveu sempre sob o signo da instabilidade, herança decerto das praias que já existiram nas proximidades. Por ali houve no passado a falada Santa Luzia e a tradicional D. Manuel, ambas desaparecidas devido à voracidade do Rio, cada vez mais invejoso da área pertencente à Guanabara. Aterros e aterros sucessivos terminaram os dias daquelas praias em que se banharam nossos avós. E também a ansia de espaço que vai matar a praia das Virtudes. Como as suas antecessoras ela vai deixar lugar para as construções humanas.

Mas o mais interessante foi a emigração que essa





praia realizou nos últimos anos: é a única praia movediça do mundo. Das proximidades do atual edifício da Panair, ela foi indo para os lados da ilha de Villegagnon e depois caminhou lentamente na direção da Praça Paris.

— A praia veio andando, disse-nos um dos empresários das barracas, sintetizando o fenômeno.

Dentro de sua efêmera vida a praia das Virtudes teve um momento de esplendor. Foi quando estava terminando o aterro da área destinada ao aeroporto, com a areia extraída do mar por bombas fortíssimas. Então a praia parecia o Sáara e naquela imensidão, mais branca e mais larga que a de Copacabana, multidões de rapazes e moças jogavam bola, peteca, banhavam-se e pescavam.

Mas veio a decadência. A Prefeitura começou a enviar caminhões com terra, lixo e detritos que a pouco e pouco foram cobrindo a limpa areia. Uma cerca de arame farpado limitou o trecho pequeno deixado aos banhistas.

Com o passar dos meses nem esse pedaço foi res-

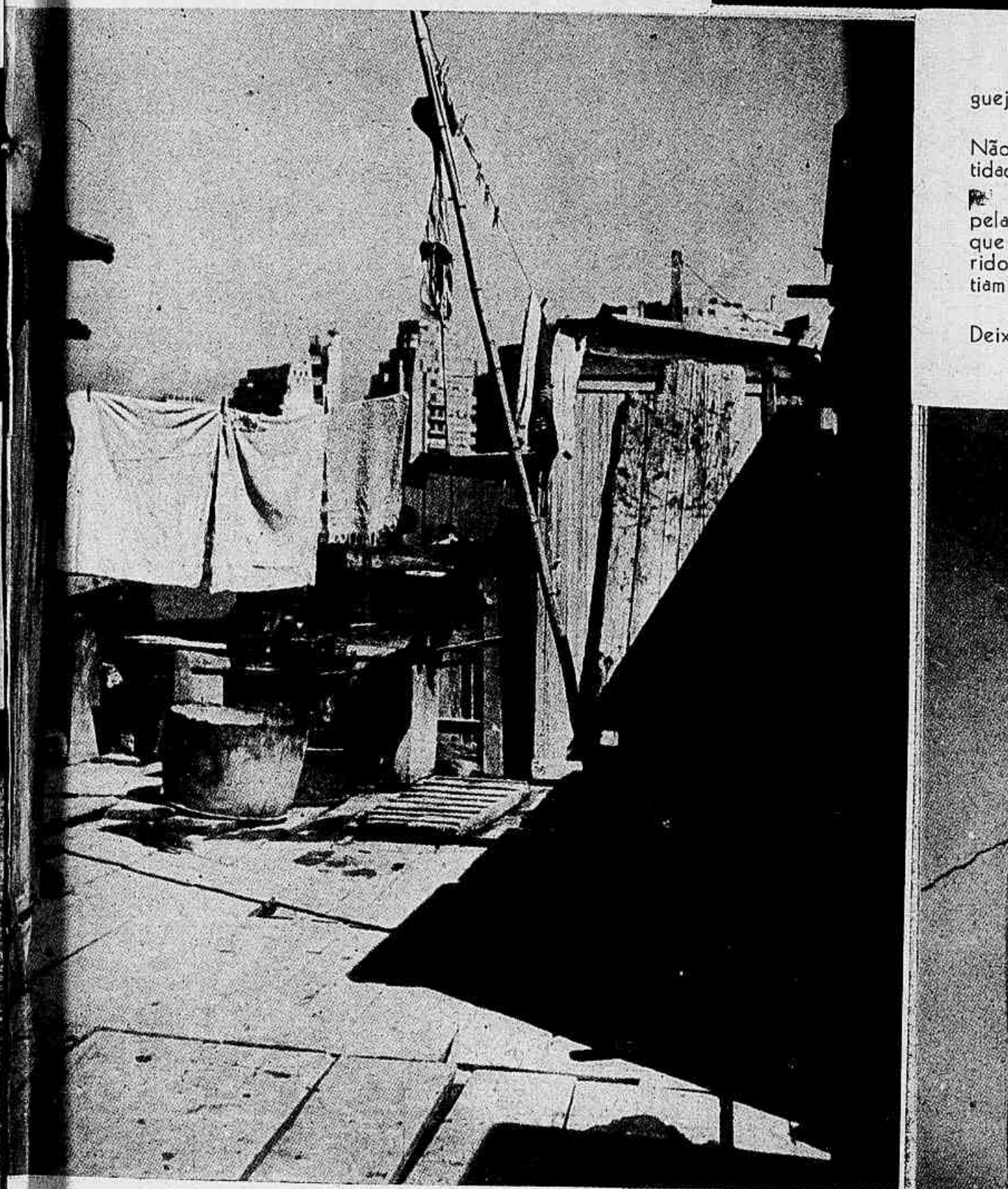


Num extremo da praia está a "Flôr das Virtudes" — o restaurante local, com laranjas e caranguejos pescados nas cercanias.

Observamos em muitos pontos da praia roupas de pessoas que não necessitam das barracas. Não se sabe como elas mudam as vestes e admira-se a confiança absoluta que depositam na honestidade ou no temor alheio.

Existe também um posto de salvamento. Nos velhos tempos as "Virtudes" ficaram célebres pelas mortes frequentes que ali ocorreram. Muitas e muitas vezes apareciam mães e esposas, que nela ficavam tardes inteiras chorando a esperar que aparecesse o corpo de algum ente querido. Eram cenas tocantes que entristeciam e comoviam aos que tomavam banho, mas não lhes incutiam maior prudência e cautela. Enfim a vida é assim mesmo...

A praia das Virtudes já conseguiu escapar diversas vezes da morte. Mas talvez agora não escape. Deixará algumas histórias na tradição carioca, mas também deixará nossa cidade com um ar mais civilizado.



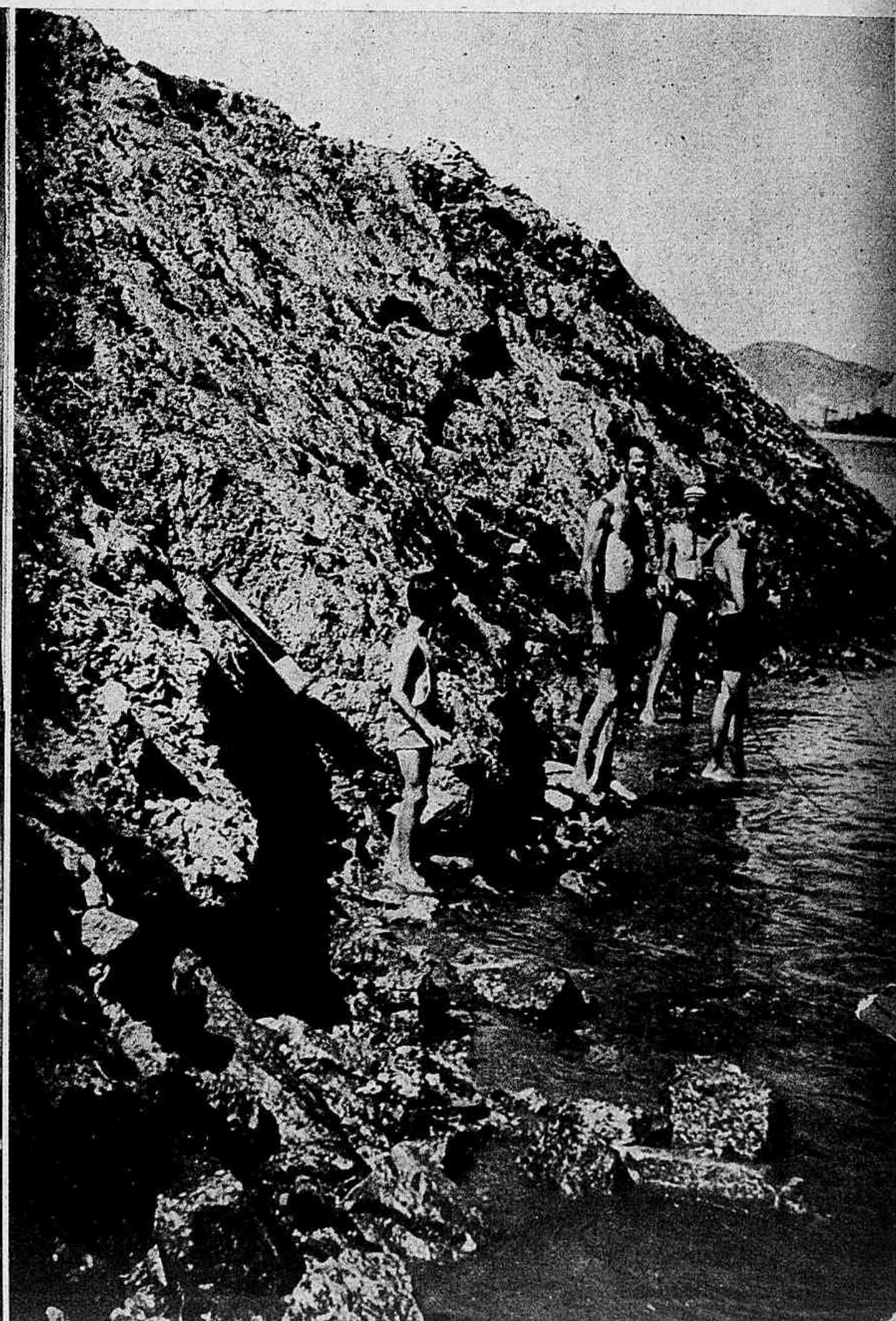
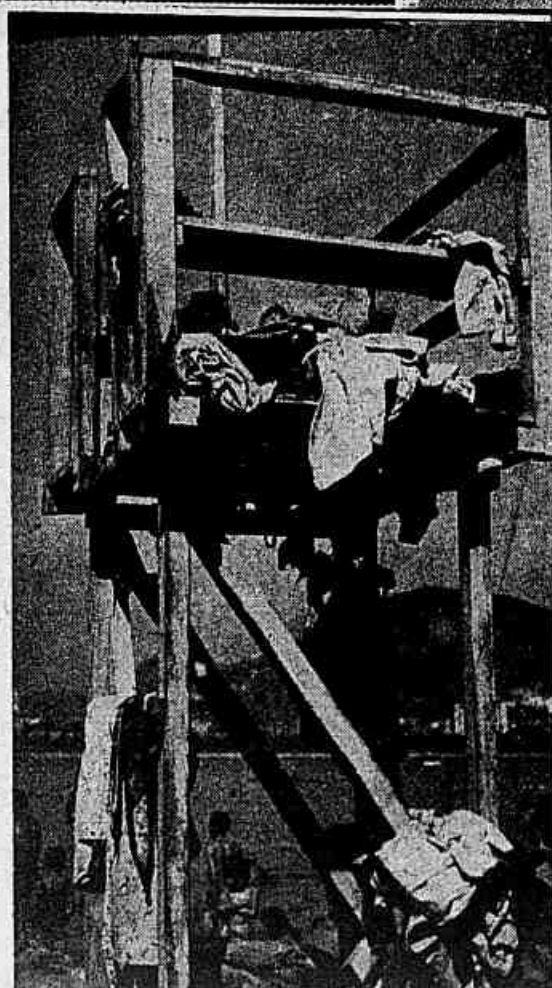
peitado. Massas e massas de terra e barro foram sendo jogadas ali. Quando a maré enche, a água revolve e puxa tudo, saindo lamacenta. Entre os últimos frequentadores da praia correm pilhérias de que muitos vêm a mandado do médico, afim de tomar banhos medicinaes. Não precisam ir a Poços de Caldas...

Há dias atrás fizemos uma visita às Virtudes. As barracas em cima das pedras dão um ar estranho e pitoresco ao que resta de praia. Perguntamos a um barraqueiro:

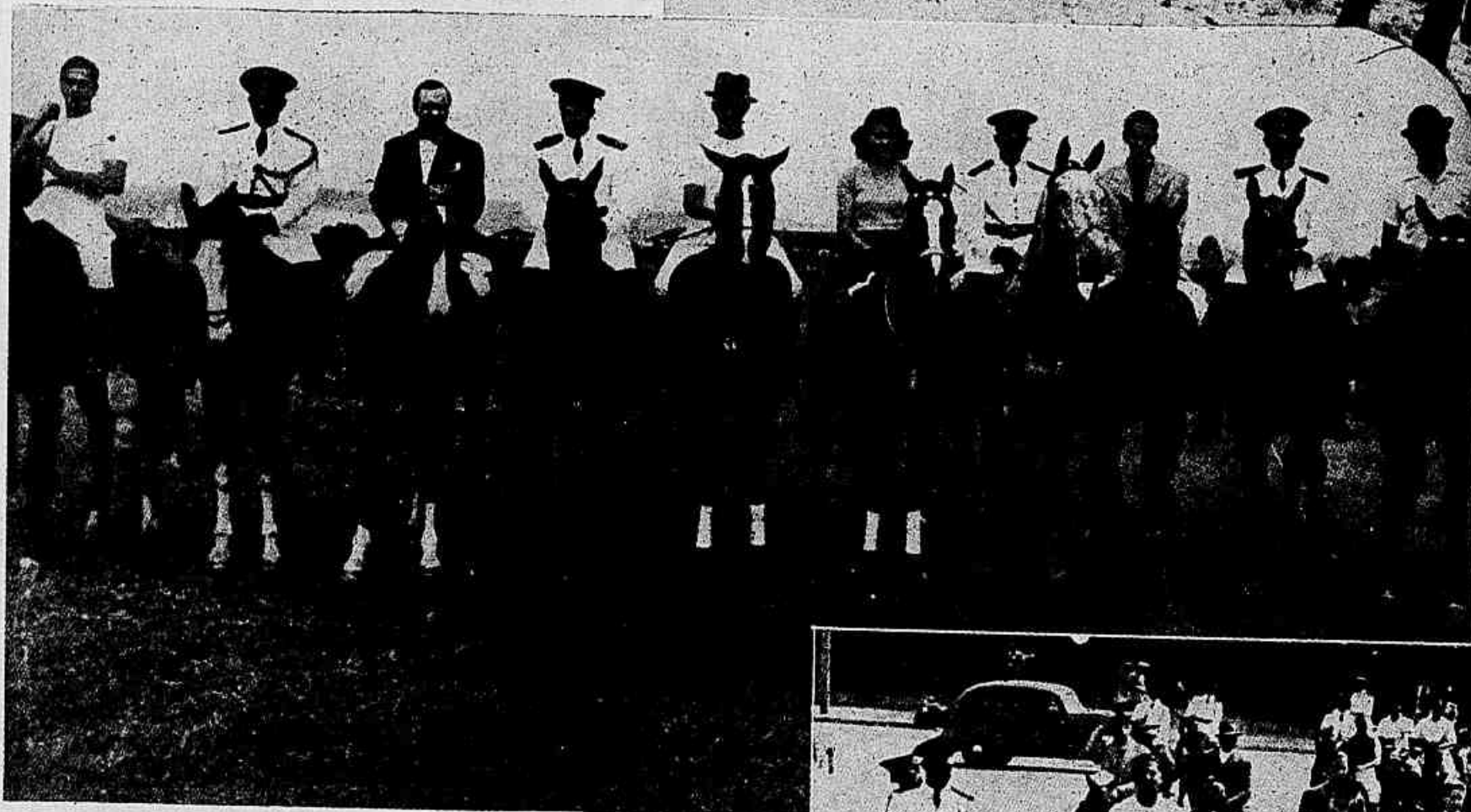
— Quando vocês se instalaram sobre as pedras?

— Foi em 1939. Nós anteriormente estávamos em cima nos terrenos destinados aos clubes de regatas. Nesse ano tivemos ordens de retirar-nos e viemos para aqui. Agora estamos com prazo até o dia 30 de Abril, pois a praia vai acabar. Mas a turma vai recorrer.

Saimos das barracas e fizemos um rápido passeio pela praia, que está ameaçada de terminar sua existência ainda este mês. Não há mais areia: o chão é todo de tijolos e pedras. Isso impossibilita o banho de sol comodamente deitado, tendo o frequentador de ficar de pé ou sentado.



JORNAL DE S. PAULO



no "Brooklin" Paulista, onde foi servido um "cock-tail" aos presentes. Compareceram cavalheiros e senhoritas da alta sociedade paulista, que deram um tom de distinção e elegância á excursão.



**Quando for
a São Paulo**

... não deixe V.S.
de incluir em seu
programa de pas-
seios ou digressões
uma visita aos

**Maiores
Estabelecimentos
de Modas do Brasil**

★
• Restaurante • Salão de Chá •
American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succadora da
MAPPIN STORES
RAMOS DE AZEVEDO S. PAULO



ORCHIDEA-SCHMIDT

São Paulo, rua Augusta, 2786
TEL. 8-3697

O maior e melhor sortimento em
ORCHIDEAS NACIONALES E
ESTRANGEIRAS!

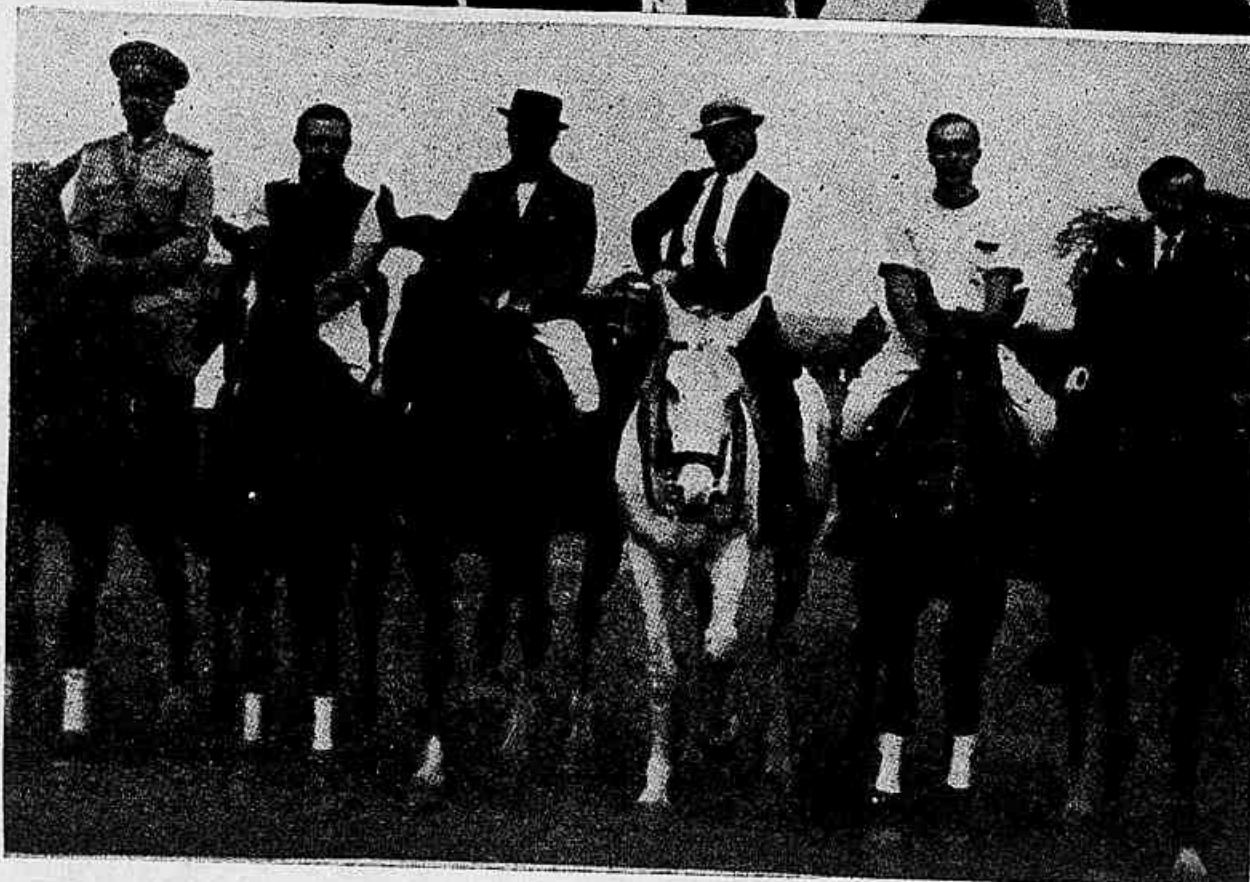
Peçam catalogo

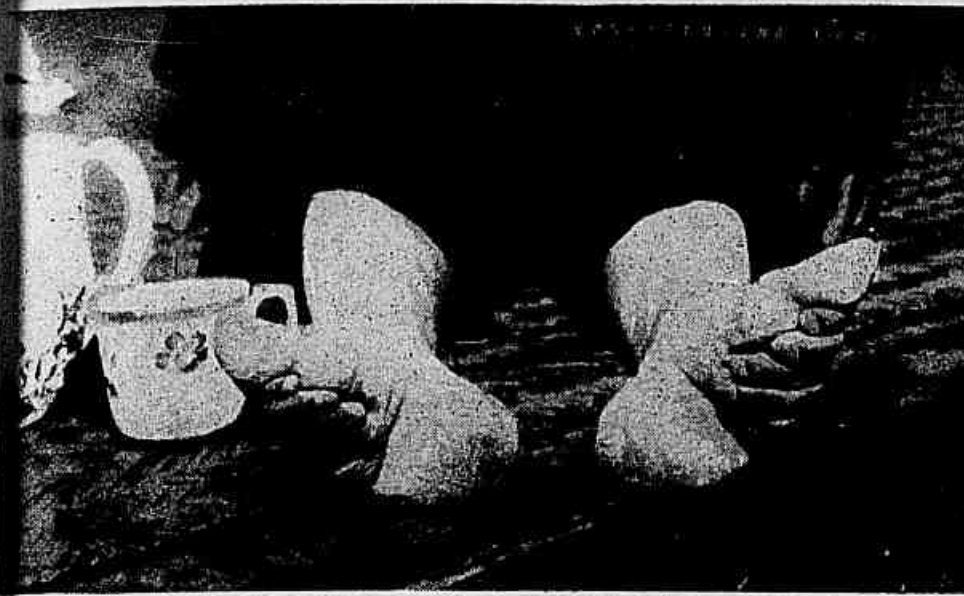
VISEM O MEU ORCHIDEARIO
EM PIRAQUARA.

FOTO

Lerra

Praça do Patriarcha, 96 — 6.º andar. Phone: 2-4349





Aspecto grotesco de pés deformados da chinesa, vistos de frente.



A "beleza" de pés deformados da chinesa. Amarrados os pés com pano de algodão, calçam uma espécie de meia chamada "wadzu", que é depois coberta pelo sapato.



"Kinren" é o sapato especial para pés deformados.

Através de todos os tempos a mulher jamais mediu sacrifícios em benefício da beleza. O belo nada tem de padronizado. E' como a moral: varia com as coordenadas geográficas — cada povo o observa por um prisma diferente. Negros africanos gostam de ver as companheiras com os corpos tatuados e os lábios grandemente alargados em forma de avantajadas castanholas, mercê dos batiques que neles são introduzidos. Os ameríndios apreciam suas Evas com os beijos furados e as pernas deformadas pelas ligas de tucum. As brancas, ao invés das deformações permanentes, lançaram mão de um ardil variando como desejarem seus semblantes, lançando mão do "make-up" — qualquer coisa em que entram variadas tintas, óleos, cremes, pinceis, lápis... As japonesas alongam o corpo e atrofiam o busto pelo uso do *obi* — larga e longa faixa, que usam desde a infância. Finalmente as chinesas encarquilhavam os pés, empregando processos horríveis, afim de que pudessem adquirir "it" — elegância e graça, diante os seus futuros admiradores.



Na China há quem acredite que ser fotografado dá azar. Esta quase se defendeu.

OS PÉS DAS CHINESAS

por LIMA FIGUEIRÊDO

O suplício das filhas do Celeste Império começava desde tenra idade. Ao completar quatro ou cinco anos, tinha início o martírio dos pés das meninas chinesas com o *paw-chow*, que consiste em dobrar quatro artelhos sobre a planta do pé, amarrando-os com fortes bandagens de algodão. O grande artelho permanece na posição normal e o mínimo atingirá quase o calcanhar.

O chim via nas filhas uma fonte de renda, já pelo casamento, já pela venda por bom dinheiro em dias das espigas magras, quando a desgraça lhe batia á porta. Deformando-lhes os pés, o pai tinha a certeza de que sua filha não iria longe. Assim havia o imperativo da segurança, além do "aperfeiçoamento" físico.

As bandagens eram privilégio da classe que possuía algum recurso. Os da classe média mercadejavam as infelizes, frutos dos seus amores, nas casas de prazer. Os camponeses geralmente deixavam suas filhas com os pés normais, afim de que melhormente pudessem labutar nas lides rudes do campo. Aqueles que, já casados, conseguiam prosperar iam adquirir a péso de boa prata, num bordel de luxo, uma mulher de pés pequenos para ser sua segunda esposa, com direito a viver no mesmo lar com a primeira de pés chatos e de feições duras pelo sol e pela faina diária.

A mulher de pés deformados vive geralmente muito tempo assentada, resultando ficar bem fornida de ancas, o que lhe traz mais um encanto aos olhos dos homens.

O *shi-chow* é uma operação complicada que é feita secretamente pela chinesa. Consiste em retirar a massa fétida que se acumula entre os artelhos e as solas dos pés que são lavados em seguida. Para isso a executante se assenta no chão e coloca os pés dentro duma bacia d'agua. Nenhum homem, mesmo o marido, jamais poderá assistir a esse ato de higiene feminina.

Após enrolar as bandagens, a chinesa calça uma espécie de meias conhecida por "wadzu" e enfia, por último, o "kinren", sapatinho pequenino, tra-

balhado com esmero, de sola fina e do tamanho duma luva de menina.

Com a república foi encetada a campanha contra a bárbara usança que há milênios era seguida. O calçado ocidental foi introduzido na gleba dos deuses. E o elemento feminino da nossa geração desprezou o mimoso e martirizante "kinren" para adotar o elegante e incomodativo sapato de salto alto, que tanta impenhência empresta ás nossas mulheres.

E' difícil encontrar-se atualmente uma rapariga com os pés deformados, nas grandes cidades da China. No "hinterland" onde os costumes se arraigam, ainda se topam mocinhas saltitando sobre os minúsculos pesinhos para gaudio dos chins que vêm nesse modo de andar algo que lembra uma flôr ba-

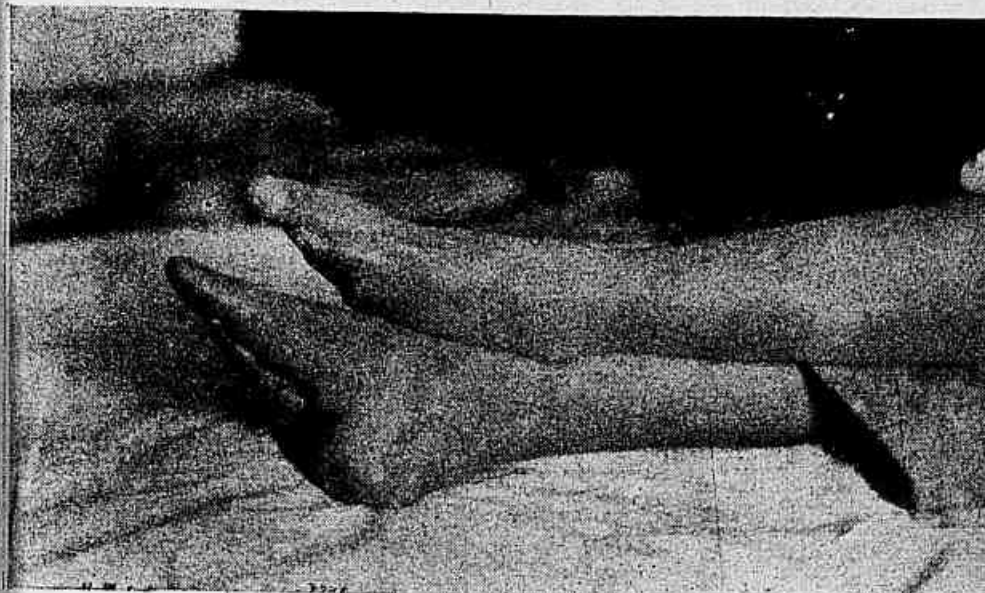
lançando-se pela brisa na extremidade de sua haste. A comparação não é muito feliz, mas no pensamento do chinês ela assim se apresenta.

Muitas pessoas imaginavam que a um sapatinho de metal deviam as chinesas a pequenês dos seus pés. Segundo a crença geral, os tais sapatos-fôrmas poucas vezes eram descalçados, afim de não permitir o crescimento da parte do corpo feminino que os chins mais adoravam — os pés. Pelo que vimos de descrever, mostramos quanto andavam errados os que desta forma pensavam.

Hodiernamente a chinesa mantém ainda a vestimenta nacional — um gracioso camisolão de mangas curtas, com uma gola artisticamente abotoada ao pescoço e uma abertura do lado esquerdo para exibir uma bôa parte da perna — porém adotaram unanimemente os sapatos e a moda do penteado das ocidentais. Houve mudança apenas nas extremidades. No meio está a virtude...



Cabelo e sapatos á ocidental. Vestido cem por cento chinês.



Vista lateral de pés deformados da chinesa.



Um par de "kinren", sapato especial para pés deformados, que cabe numa das mãos. Por ahi podemos deduzir o tamanho de um pé deformado.



"Shi-chow" ou lavagem dos pés, feita secretamente, nunca a fazendo diante de um homem, ainda que este seja da família. — A beleza de pés deformados da chinesa,

O SONHO BÚLGARO

Por DE MATOS PINTO

A entrada das tropas alemãs em Sofia, na sua marcha para as fronteiras da Jugoslávia, Grécia e Turquia, põe em atualidade as irreconciliáveis reivindicações das raças balcânicas. Descendo dos Carpatos, os Búlgaros emigraram durante duzentos anos, do século III ao século V, pelo Danúbio, entre Cítas, Sérvios e Eslovenos, infiltraram-se entre outras tribus migratórias da Europa Central, perdendo os caracteres originais e mudando de costumes. Movendo-se na península balcânica pelo século VI, quando se chocaram com populações antagônicas, bateram-se em guerras eventuais, recuaram em certos desfiladeiros e avançaram em outros vales. Atravessaram a zona inferior do Danúbio, durante o ano de 679, invadindo o território da Dobrudja; subjogaram grupos eslavos e fixaram-se temporariamente em Varna. Afastados por muito tempo dos Carpatos, o meio étnico absorveu a infiltração búlgara, impondo-lhe o eslavismo na língua e nos costumes, sem perda de sua independência entre os outros povos. Lutando contra Bizâncio e os neo-gregos, repelindo ora os Croatas, ora os Eslovenos, dominaram grande extensão territorial entre os anos de 893 e 927, fixando-se de preferência nas montanhas orientais da península. O avanço estacionou, quando veio a invasão muçulmana, da Ásia para a Europa. Depois das vitórias de Trnovo e de Nicópolis, em 1394 e 1396, os invasores asiáticos ocuparam a maior parte do território búlgaro e penetraram na Macedônia. A ocupação total da Bulgária deu-se no fim do século XIV, correndo os Turcos para as terras do Oeste, onde esmagaram os Eslovenos e os Croatas. Invadindo Brankovic em 1459, apoderaram-se da Bósnia em 1463, entraram na Herzegovina em 1483, venceram a Zeta no ano de 1496. Marchavam contra a Polónia; mas, derrotados e contidos na sua corrida fanática, os turcos se fixaram no território búlgaro, iniciando a colonização sob o fogo e o massacre. Todas as vezes que as cidades se revoltavam, os dominadores operavam represálias, infligiam atrocidades sobre atrocidades, ignorantes de qualquer sistema político, ou método diplomático. Deslocamentos migratórios impossibilitavam o progresso das instituições búlgaras, oprimiam o pensamento e a cultura. A invasão otomana fez os camponeses dos vales se retirarem para os desfiladeiros e os alcantil, em cujos recessos mantinham a independência. No século XVIII, os Búlgaros removeram-se em massa para Banat, Pemesvar, Vinga, Benosow, Gagauz, sob o terror das pilhagens do Império Otomano. Faltam aos povos a unidade política e o nível social, de cuja permanência resulta o equilíbrio do Estado. As infiltrações começam a formar o problema das minorias, que enfurece os teóricos da raça pura. A Bessarábia, esse território disputado pelos Soviets e pela Rumania, recebeu, de 1801 a 1812, as primeiras vagas búlgaras, açoitadas pelas guerras peninsulares. Em 1821, havia trinta e oito mil habitantes dessa raça. O número cresce para duzentos e setenta mil Búlgaros, em 1829, sucedendo-se um período de certo repouso. Em 1833, abandonam a Bessarábia, para as regiões de Burgaz, Kavakali, Derkos, Rustchuk, Iambol, Dobrudja, Andrinopla e Constantinopla. Essa aparente paz durou quarenta e dois anos, para ser perturbada em 1875, com a insurreição da Bósnia e da Herzegovina, contra o domínio do Sultão. Os Búlgaros acompanham o movimento de independência nacional, atacando os soldados muçulmanos em Gabrovo, Panagurichta, Drenovo, Koprivichitsa, com verdadeiro ímpeto guerreiro. A vingança não se fez esperar, os massacres sucedendo-se uns aos outros, o incêndio desolando as povoações. A Rússia saiu da sua indiferença e decidiu fazer a guerra contra a Porta, em auxílio dos

Búlgaros, vítimas dos morticínios. No dia 3 de Julho de 1877, o exército imperial do Tzar atravessou o Danúbio, depois de grande resistência, enquanto os camponeses búlgaros se afastavam de Glopsa, Stara Zagora, Kazanlyk e Zlatitsa. Vitoriosas no princípio e destroçadas mais tarde, em Pievna e Chipka, as tropas muçulmanas evacuaram o território búlgaro, depois de uma ocupação de quatrocentos e oitenta e dois anos. O Tratado de San Stefano, assinado em Março de 1878, pôs fim à guerra turco-russa e formou a grande Bulgária, incluindo territórios entre o Danúbio, o Mar Negro, o Mar Egeu e a Albânia. Tal plano alarmou o Império Alemão, que viu um ardil expansionista do Tzar, para fortalecer o pan-eslavismo nos Balcãs. A diplomacia provocou o Congresso de Berlim, reunido no mês de Julho de 1878 e onde se decepcionou a Grande Bulgária, cedendo a maioria de Dobrudja à Rumania, entregando a Rumélia Oriental e a Macedônia à Turquia, oferecendo Vrama, Piroto e Nich à Sérvia. Vendo ruir a sua estratégia política de San-Stefano, os Russos anexaram os departamentos da Bessarábia. Animados pela sua nova posição nos Balcãs, os Búlgaros que habitavam a Macedônia e a Rumélia dirigiram-se como uma mole humana para o território nacional. E mais cinco mil Turcos desertaram de Sofia, a capital do novo Estado. Quando se passaram seis anos, em 1884, cem mil súditos da Porta se transferiram do território libertado pela Rússia. De Táurida, da Bessarábia, da Rumania, precipitaram-se outros agrupamentos migratórios. Os estrangeiros pululam na Bulgária, mais do que em qualquer um outro país dos Balcãs. Os fatores etnográficos deixam perplexo o classificador, o viajante, o historiador e o estadista, quando se evadem da teoria das migrações eslavas e examinam os fatos vivos. Há Búlgaros com sangue dos Godos, Avaros, Cumans, Russos, Oguzos, Otomanos, Rumenos, Gre-



Camponeses búlgaros, nos costumes regionaes dos Balcãs.

gos. A diplomacia russa procurou atenuar os efeitos do Tratado de Berlim, enviando o príncipe Alexandre de Battenberg para governar o principado da Bulgária, sob a influência de Petrogrado. Povo belicoso e apertado pelas fronteiras gregas, sérvias, rumenas, turcas, sacudido por aspirações adversárias dos outros Estados Balcânicos e das Grandes Potências, a nacionalidade búlgara não se resigna a viver dentro dos limites impostos no Tratado de Berlim. Em 1885, os Búlgaros se revoltaram e anexaram a Rumélia Oriental, sem consultar nem o



Mussolini, cuja campanha na Grécia levou os alemães à Bulgária.

Império Alemão, nem a Turquia, nem o Império Russo. A Sérvia e a Grécia protestaram contra a conquista, mobilizando os exércitos e intimando a manutenção do Tratado de Berlim. A balbúrdia reinou e os acontecimentos multiplicaram-se, quando os Gregos exigiam Creta, o Epiro e a Macedônia. O exército sérvio trespassou a fronteira, para anexar terras do Noroeste da Bulgária, dando-se as batalhas de Tsaribrod, Dragoman e Slivnista. Temerosas de uma guerra generalizada nos Balcãs, intervieram as Grandes Potências e impuseram a paz, reunindo-se a Conferência de Constantinopla em 1886, pela qual os Búlgaros ficaram com a Rumélia Oriental.

A Bulgária teve uma fase de oscilação, tanto na sua política interior como no seu jogo internacional. Abdica o príncipe russo Alexandre de Battenberg e domina o nacionalista Stambuloff, que sonha com a Grande Bulgária. O advento do tzar Fernando, obtendo o seu reconhecimento no trono em 1896, distanciou os Búlgaros do Império Russo. Antigo oficial do exército austríaco, apoiou-se nos Habsburgos, para realizar o projeto de hegemonia nacional. Em 1908, o Império Austro-Hungaro anexou a Bósnia e a Herzegovina e, nesse golpe contra os Sérvios, a Bulgária se conduziu malevolamente. Preparava-se para reivindicar Dibra e uma fronteira com a Albânia, repelindo o Tratado de Berlim, cuja política abandonara os búlgaros macedônios ao poder da Porta. Os nacionalistas sonham com a bulgarização das raças balcânicas, que devem gravitar em torno de Sofia. Quando o príncipe Fernando toma ostensivamente o título de Tzar, os Croatas, os Sérvios, os Gregos, os Rumenos estremecem sob o receio do expansionismo. Para dissimular o seu jogo anexionista, a Bulgária firmou com a Sérvia, no dia 29 de Fevereiro de 1912, o Tratado de Amizade e de Aliança, baseado sobre a comunidade de interesses dos seus destinos. Esse documento, assinado por Fernando I e Pedro I, estipulava a garantia recíproca de independência política e integridade territorial, bem como o mútuo auxílio no caso de uma potência tentar anexar ou ocupar temporariamente qualquer zona. Na mesma data vinha um anexo secreto, pelo qual a Bulgária e a Sérvia se reconheciam direitos sobre certos territórios litigiosos. Uma Convenção Militar, datada de 19 de Junho de 1912, seguiu-se entre Sérvios e Búlgaros, prevenindo a ação bélica. Quando os Rumenos invadiram a Bulgária, os Sérvios declararam guerra e mobilizaram cem mil homens, marchando sobre a frente de batalha, no Danúbio e na Dobrudja. Os Turcos poderiam transpor a fronteira e nessa eventualidade, um exército sérvio de cem mil homens penetraria no território otomano, em Vardar. Partindo a ofensiva da Áustria-Hungria, duzentos mil soldados búlgaros se aliariam com o exército sérvio. A Convenção Militar, assinada pelos generais R. Putnik e Pitcheff, previa também uma campanha contra a Turquia. Veio depois o Tratado de Aliança Defensiva, entre Búlgaros e Gregos, assinado em 16 de Maio de 1912, contra o Império Otomano, para proteger o território, o direito das gentes e os interesses nacionais. O segundo pacto, firmado por I. E. Guechoff e D. Panas, deveria ser mantido secreto e não se comunicaria a terceira potência. D. Panas e J. P. Me'axas assinaram a Convenção Militar pela qual os dois exércitos cooperariam juntos, os Gregos com 120 mil homens e os Búlgaros com trezentos mil infantess. Pouco depois irrompeu a Guerra Balcânica de 1912-1913, contra a Turquia e, vitoriosa a Triplex Aliança, os Búlgaros traíram os convênios e, num golpe de audácia militar, assaltaram os seus aliados, tentando reconstruir o sonho da Grande Bulgária. Dando passagem às tropas germanicas, a política de Sofia preparava o advento das suas futuras anexações, contra a Jugoslávia, Grécia e Turquia, avançando para a hegemonia dos Balcãs.



Hitler conversa com oficiais do exército alemão, agora acampado na Península Balcânica.

Ao chegar Otávio á rua com outros companheiros da escola, ouviu um deles exclamar com alegria:

- O poeta Aureo Vital!
- E' poeta de verdade? indagou o menino Otávio.
- Sim. De verdade e dos bons, afirmou o outro.
- Não sabia...
- Pois nunca ouviu falar em Aureo Vital?
- Muito. Muito. Porém não ligava o nome á pessoa. Ele mora no mesmo hotel em que moro; mas, nesse hábito de o tratarem lá por Doutor Vital, nunca pensei que fôsse o grande Aureo Vital.
- Neste interim, passava o jovem aêdo, a cumprimentar familiarmente:
 - Otavinho! Como vai, seu vadio?
 - Sentiu-se o menino envidado com a distinção.
 - Bem. Muito obrigado. Depois, quero perguntar-lhe uma coisa.
 - Que é?
 - Em casa ajustaremos contas.
 - Então, até lá.
 - Até logo.

A' tardinha bateu Otávio á porta do apartamento de Doutor Vital.

- Entre, meu amiguinho. Vem ajustar as contas comigo?
- Responda-me, por favor: não é você o poeta Aureo Vital?
- Em carne e ôsso.
- Ora! E eu não sabia! Penso que mamãe também não sabe, senão ela me diria...
- Que lhe adiantava dar-lhe a saber isso?
- Ha muito tempo, preciso de uma poesia oferecida á minha professora, para declamar na escola, e não sabia como conseguir...
- Ah! Quer então que escreva eu uns versos para você declamar na escola?
- Se você quizer fazer-me este grande favor... mas eu quero uma coisa bem bonita!
- Sim. Está bem.
- Vai fazer mesmo?
- Vou. Procure amanhã.
- Ela faz anos daqui a oito dias.
- Então vai você ter tempo de decorar os versos.

No dia seguinte, muito cedo, estava Otávio á porta de Doutor Vital.

- Os versos?
- Aqui os tem você. Veja se mamãe vai gostar. Agradeceu muitas vezes o favor, saiu a correr e entrou no apartamento em que morava:
- Pronto, mamãe! Eu não disse que o homem é poeta?
- Disso sabia eu; não acreditava era em que fôsse ele perder tempo com você.
- Não é bonita a poesia, mamãe?
- Muito mimosa. Muito simples. Gostei.
- Inimigo do pedantismo que era, o mavioso cantor escreveu algumas quadrinhas em redondilhas, um poemeto familiar, gracioso, alegre e, sobremaneira, inspirado, porquanto o comovera o pedido do menino.

A' senhorita Eimar, filha de rica viuva, moradora havia muito no mesmo hotel, mostrou a mãe de Otávio o lindo poemeto.

A jovem, comquanto curiosa da arte apolinea, não gostava de ler versos; entretanto as quadrinhas, estas lhe alegravam a alma.

Ao passar, em certa ocasião, pelo apartamento de Doutor Vital, observou-o a escrever, chamou por ele e exprimiu-se com encantadora singeleza de ânimo:

- Quer fazer-me um favor? Posso fazer-lhe um pedido?
- Pois não.
- Eu desejava que o senhor fizesse uma poesia para mim.
- Tão facil... A senhorita já é a própria poesia que adeja em volta de todos nós!
- Obrigada. Quando pode entregar-me o seu trabalho?
- Meu trabalho... Só trabalho com paga. A senhorita sabe: a vida está difícil, está caríssima; e não posso trabalhar de graça.
- Quanto é?
- Pode não ser por dinheiro, para não mercantilizar a minha arte...
- Que deseja então de mim? Diga.
- Um sorriso apenas, proseguiu ele. Nunca sorri a senhorita com os lábios; só e simplesmente a vejo sorrir com os olhos maravilhosos.
- Riu ao de leve, com delicadeza, silenciosamente, encantadoramente a mimosa criaturinha, e pediu-lhe mil desculpas:
- Não se pode conversar com poetas... A linguagem é tão elevada... Desculpe-me.
- Estamos quites. Pagou o trabalho com antecipação.

Entre os hóspedes, era Eimar conhecida por princezinha, como a apelidara o poeta, sem que tivesse ela descoberto o autor do apelido.

Para a mais bela, agora mesmo, compuzera Aureo Vital lindo poemeto sob conceito engenhoso, com delicados decassílabos a exprimirem sentimentos cheios de grande ternura.

No dia seguinte lhe entregou o trabalho encomendado. E ela, com muito enlevo, o leu e, com generosidade, lho pagou.

Ficaram bons amigos.

Mais tarde, porém, veio o menino alado perturbar-lhes a serenidade: e viu o jovem na flor dos lábios dela a seta do travesso filho de Venus, que lhe deixou o

coração ferido; e viu a jovem nos olhos dele a angustia, o desejo veemente da alma apaixonada.

Havia um solteirão muito rico, amigo da família de Eimar, o qual uma vez lhe pediu a mão, solicitando-lhe ela a fineza de espaçar um pouco o prazo, visto se achar ainda muito nova, e conseguindo a aquiescência d'este pretendente que ainda continuava a esperar com paciência.

Sabia disso o bardo mavioso. Por esse motivo sofria o seu martírio. Um dia, porém, não se conteve e a interpelou.

Confessou-lhe ser verdade. Discutiram com veemência o caso. Zangou-se a jovem. Mostrou o poeta a sua fraqueza e chorou-lhe aos pés.

Amava de boa fé a sua princezinha; ela, porém, gostava escassamente do seu cantor.

E nunca mais souberam o que era a felicidade tranquila.

A' vista do acontecido, ficou Eimar em situação superior a Aureo Vital, que lhe havia chorado aos pés como tãla criança. Governava-o com os olhos, com um gesto. Era uma ditadora impenitente.

Ele, após grandes humilhações, se cansou de a seguir, de só lhe escutar os caprichos; meditou acêrca

Organizava-se certa vez artistica festa de caridade e, entre os numeros diversos, figurava o nome do poeta Aureo Vital como declamador de inédita poesia sua.

A' solenidade compareceu Eimar com o ininteligente e abastado espôso.

Aureo foi o ultimo a dizer de cór os seus versos.

Todo o mimoso poema, composto dias antes, era-lhe a história verdadeira da paixão pela formosa senhora, contando episodios, detalhando fatos que só ela conhecia, unicamente ela poderia compreender. E acabou por exprimir que, depois de velho, ao ler outras vezes aqueles versos, se recordará do seu triste romance e ainda ha de deplorar, cheio de saudades, a felicidade perdida.

Terminada a declamação do poema, ouviu-se o



do caso; quiz sair daquela condição de inferioridade; num esforço sobrehumano, reagiu com viva energia. Na primeira desinteligência entre eles, exercitou o poeta uma cena brutal.

Ficou a senhorita pasmada á vista daquele carater enérgico. Passou ele a dominá-la. Ela em tudo o atendia com ansiosos cuidados e, muitas vezes, falava com voz submissa.

Assustada a mãe da senhorita com o que se passava, ocorreu-lhe á memória uma viagem á Europa, pois se não conformava com a substituição do abastado pretendente da filha pelo poeta pobrete; e, de boa habilidade, deu execução ao intento.

Dias depois da partida de Eimar, seguiu o solteirão rico até á Europa, em visita á família desta. Lá contrataram casamento. De lá voltaram casados, após dois anos.

Entretanto continuava solteiro o Doutor Vital. Solteiro e hóspede do mesmo hotel onde se hospedaram de novo os recém-vindos.

aplausos do auditório com a saudação das palmas.

E, entusiasmado, levantou-se o espôso de Eimar e felicitou o poeta e abraçou-o efusivamente e não cansava de lhe elogiar a bela composição poética.

Ela, entretanto, não o felicitou, não dirigiu a vista para êle; mas, em chegando ao apartamento, caiu em pranto convulsivo.

— Que é isso, querida? comovido, perguntou-lhe o espôso

— Nada. Não se aflija. Estou com o nervoso.

E, ao saber o bardo, pelo próprio espôso, da crise de nervos da encantadora senhora, sentiu-se orgulhoso de haver deveras comovido alguém... E, inspirado por esse orgulho, aguardou com sutil malícia o primeiro encontro.

Discreta, ao cruzar-se com Aureo a vez primeira após a festa, saudou-o com singular distinção sem ao menos a troca de um olhar que êle, agora, ansiava com submissa insolência.

E no breve saudar, em que ela sorriu com prudência e recato, findou este romance.



AMÉRICA F.C.

Os bailes de



FLUMINENSE F.C.

C.R. FLAMENGO





TIJUCA TENIS CLUBE



C. SÃO CRISTÓVÃO

BOTAFOGO F.C. ↘



O teatro da Guerra nos Balcanos



As ocupações da Rumania e da Bulgária pela Alemanha, realizadas há muito, não deixaram dúvidas sobre a possível intromissão das forças do Reich na guerra italo-grega. Procurando assenhorear-se dos países vizinhos da Grécia, para uma ofensiva em larga escala por todos os lados possíveis, a Alemanha levou a revolução à Iugoslávia, o que determinou a ascensão do jovem rei Pedro ao trono e a denúncia do tratado que fora concluído dias antes com o regente, príncipe Paulo. Daí, a invasão da Iugoslávia e da Grécia pelos exércitos nazistas, em combinação com as forças italianas, até então derrotadas seguidamente em território da Albânia.

O mapa que aqui publicamos reflete, quanto possível e presumível, a situação das forças antagonistas na grande península balcânica, até a manhã da quarta-

feira última. A linha grossa representa a posição dos alemães; a grossa, interrompida, a dos italianos; a linha em cerca, a das forças anglo-gregas, e a em cerca, trancada, a dos iugoslavos.

Pelas últimas notícias, os gregos e ingleses, que se retiraram, estão em posição consolidada numa forte linha montanhosa. Os sérvios teriam reconquistado Prikluplje, Hareka e Nish e estariam em violenta contra-ofensiva na linha Nish-Kragujevac, às margens do rio Morávia e atacando nos desfiladeiros de Kanacnik. Dizia-se, ao mesmo tempo, que os iugoslavos haviam cessado as resistências organizadas, passando ao sistema de guerrilhas.

Berlim informou haver ocupado Sarajevo, a localidade onde surgiu o germen da guerra de 1914.

Na Grécia, os alemães teriam ocupado as localidades de Vlaje e Klisur. Na Albânia, os gregos estariam contendo os italianos que, tendo retomado Koritza, procurariam avançar na direção do monte Pindo.

Também se afirmou — em comunicação de Sofia — que a Bulgária havia rompido com a Iugoslávia, que assim se veria atacada, simultaneamente, por alemães, italianos, húngaros, búlgaros e — quem sabe? — românicos, tentando obter contacto com os exércitos anglo-gregos.

Entretanto, as notícias são imensamente contraditórias, não sendo possível um juízo exato da situação no agitado teatro da guerra.

AS MARAVILHAS "EMILIO GOELDI"

e das samambaias... E as gaiolas da macaca africana, dos coatis, dos camaleões, jacuarus e jacuruxys!

E as jaulas dos pumas ou sussuaranas, maracajás e onças, portentosos, soberbos, a caminhar cerrando os olhos nostálgicos à luz vivida do sol! E as gaiolas dos gaviões reaes e das corujas!

Entre cacauzeiros e bambus, um grupo cerrado de mais de cem palmeirinhas, de nome desconhecido, formam como que uma só touceira! E ao redor dellas umas cotias brincam "de pegar", correndo às vezes até ao viveiro das gaivotas, tetéus (o nosso quero-quero do Sul), perupérus, uratauás, ananahys, sabiás, pavõesinhos do Pará e gallos da serra cõr de abobora!

Mais pro canto, 11 lagos e 94 tanques para cultura de pirarucús e outros peixes, um cercado de sementeiras e um majestoso aquário com variadíssimas espécies de peixinhos ornamentaes.

Deixa-me cansada de olhar para cima uma sumaumeira enorme (pequena, todavia, diante das que vi no Amazonas), que foi plantada em 1896, floresceu pela primeira vez em 1932 e frutificou em 1940! É menina ainda, pois tem sómente 45 annos de vida!

Que gritaria da macacada! São gaiolas de macacos-barriguãos, de macacos-da-noite e sahuyns, de cuatás e caiararas! E mais o viveiro dos arapapés, lindos, brancos e azuis marinhos, taquirys, cauauans (cegonhas do Amazonas), maguaries, socós-bois, passarões e, cousa mimosa! garças de cabeça preta e bico azul me cumprimentam abaixando o pescoço e fazendo-ah! ah! ah!

Esse viveiro tem uma particularidade notavel: de noite, por fóra, fica branquinho de garças (mais de cem!), que são ensinadas e saem alta madrugada para fóra, em busca de alimento e regressam à noite, dormindo sobre elle e alli chocando os seus ovos.

Quasi junto, o viveiro dos aracuans, jacus, mutuns de bico amarello e mutuns de bico vermelho. Cercam-no, mamoranas de frutos parecidos com o cupuassu, e pavões e galinhas de Angola dizendo: tã-fraco, tã-fraco, soltos, catam bichinhos na terra.

O ambiente agora é outro; as galerias dos canideos — rapozas, furões, guaxinins, as dos roedores — pacas, cotias, coelhos do matto e porquinhos da India, os cercados dos veados, capivaras, caetetus e queixadas; e o grande cercado onde passeiam jabotis, entre duas gordas antas. Vejo-as, de longe, de pernas para o ar, quietas, parecendo mortas. Mas quando me aproximo, solto uma gargalhada! Uns quarenta urubús se acham encarrapitados sobre as granfinas, catando-as! Quando me vêem, fogem e ellas, zangadas, levantam-se e se encaminham para o lado do filho, um antinho listado como uma zebra.

Logo após a saída do ovo, estas gentís tartaruguinhas nascidas no Museu saem a "conhecer o mundo"...

— "Entre, moça, entre, que ahi vem chuva grossa!" — é a phrase carinhosa do guarda-portão Fernandes, falando-me de dentro da sua "casa de comando".

— "Por mim pôde até chover canivete, porque não desistirei da minha visita, respondo. Hei de ver os milhares de animaes do Jardim Zoologico, hei de ver tudo direitinho! — E, olhando ao longe a Avenida Independencia, penetro no Jardim...

Estou acostumada a ver Museus em varios Estados do Brasil, mas não sei porque a minha curiosidade aumenta por esse famoso "Museu Goeldi", idealizado por Agassiz, fundado por Ferreira Penna e reorganizado por Emilio Goeldi, pelo qual passaram sabios da estirpe de Huber, Goeldi, Emilia Sneath, Neimuendaju e Ducke, e cuja Bibliotheca encerra, já catalogados, 18.000 volumes scientificos!

Logo á entrada, á direita, que quadro maravilhoso! Sabugueiros, açucenas, sapotizeiros vergados de fructos, assahizeiros, taiás, centenas de maranthaceas e acanthaceas verdes e brancas, palmeiras jarinas, amapazeiros e uma leguminosa chovendo florinhas alvas... e mais um grupo de gemneparanas de fructos adoraveis, tacacazeiros, altas palmeiras typo levistonas, babassus, inajaranas de fructos doirados, guayubas colossaes, cedros, palmeiras jacys, pândanos com raizes tentaculares, tarumãs de fructos negros... e uma porção de bolsas de dinheiro, junto das quaes duas cotias olham para uns veadinhos e lambem as pequeninas patas...

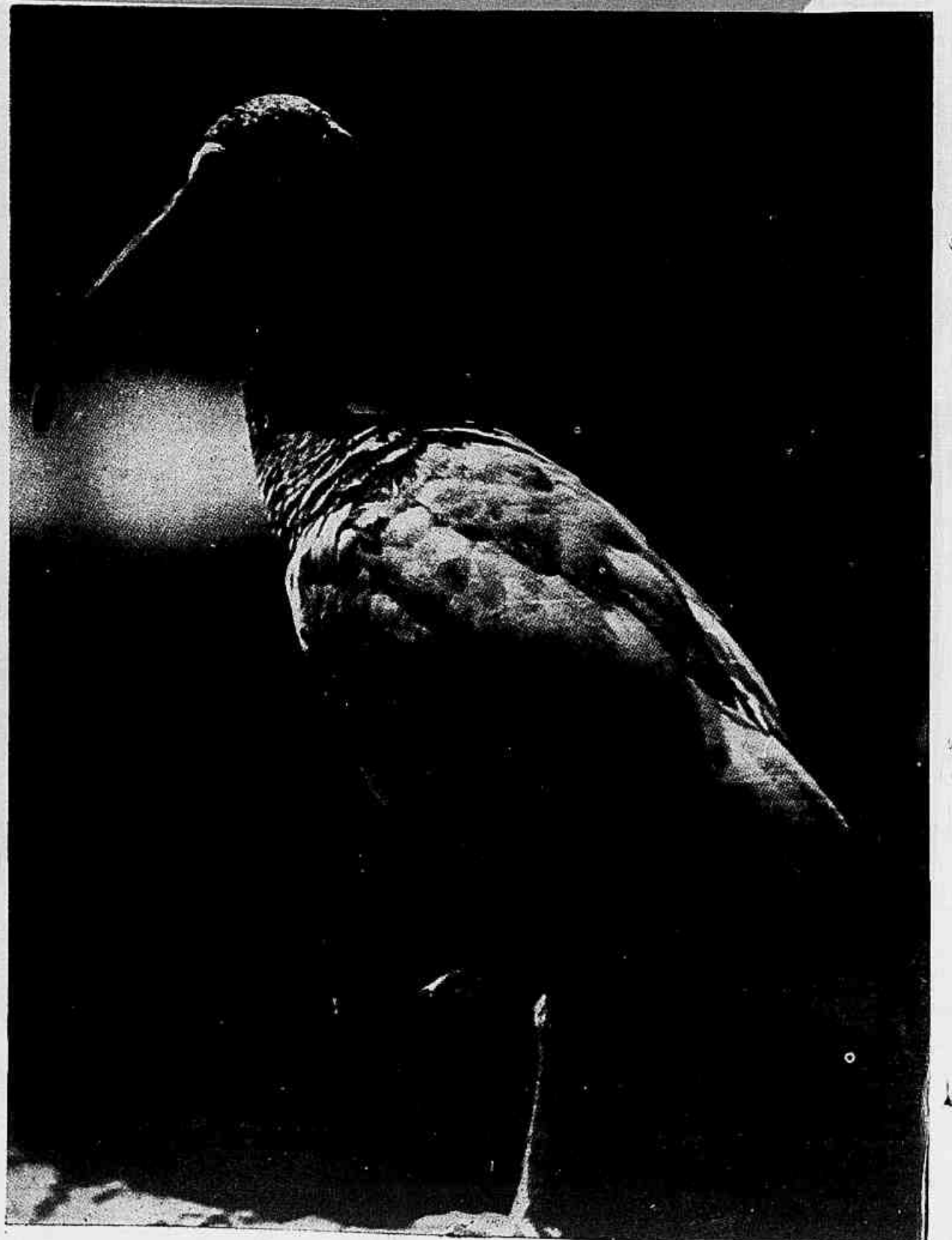
E perto das gaiolas dos macacos-pregos, das rolinhas e pombas trocaes e gallegas e do tanque do jacaré-ssu, o viveiro das colhereiras, guarás, marrecões, patos selvagens, cararás, mergulhões, curicacas e saracuras, cuja polychromia de plumagem — azul, branca, vermelha, amarella, verde, cinzenta, preta e rosa — forma um scenario de extraordinaria belleza, que jamais esquecerei!

E o viveiro dos jacarés e cobras de tantas espécies! E o das gralhas de cabeça preta e pennas de um azul de varios tons, a contrastar com o dos periquitos barulhentos, perto das palmeiras paxiubas

A êma está com fome!

Ao lado:

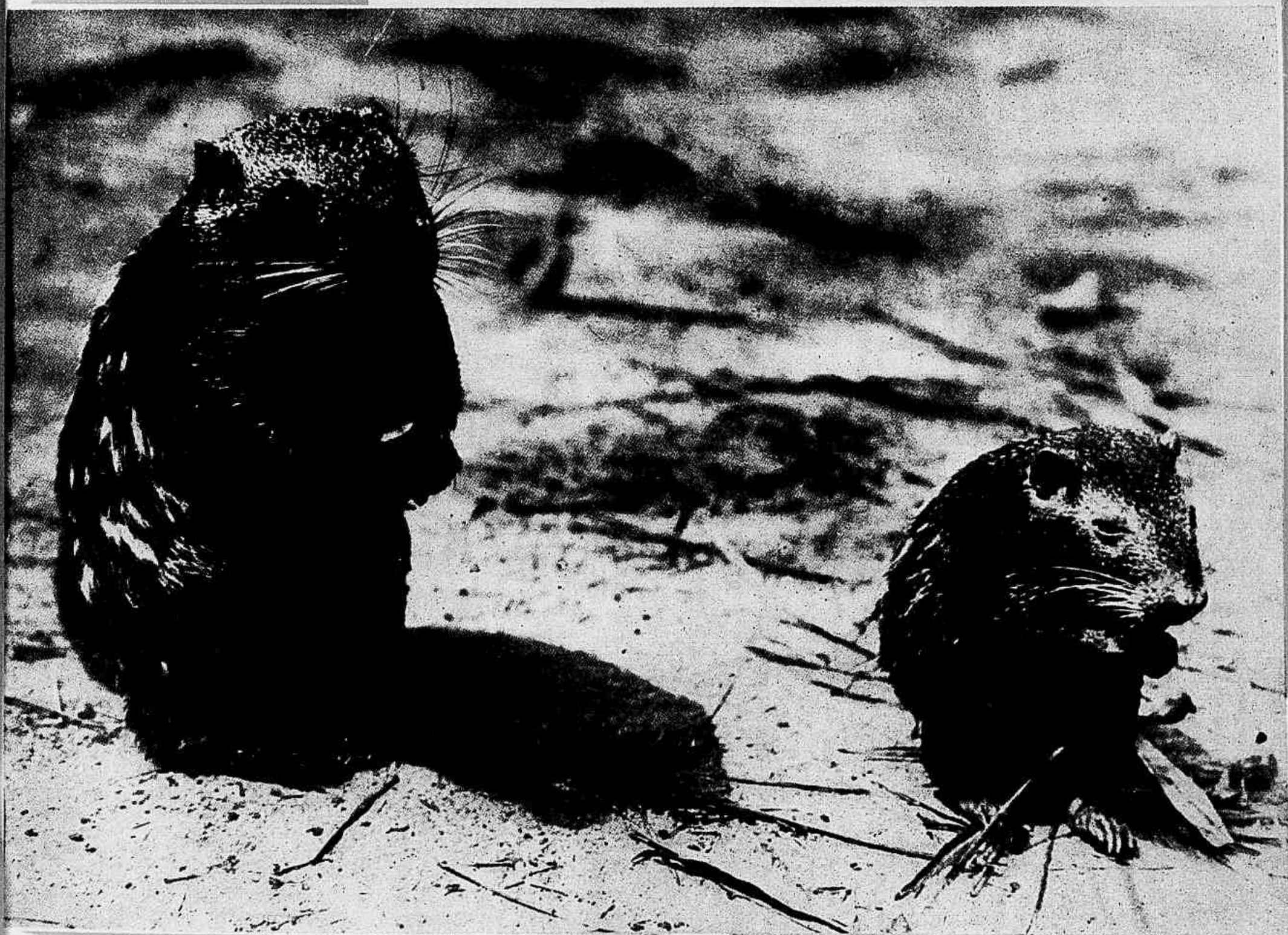
Guará marajoára.



DO MUSEU PARAENSE

por NENÊ MACAGGI

As araras fazem algazarra com os papagaios. Espalham-se castanheiras e guajará, tucumans, papucóvas-sórórcas, marupás, balsamos, palmeiras mucajás, saboeiros de frutos espumosos como o sabão, caféiros de folhas largas, palmeiras inajás, dendezeiros, buritys e um formidável **apuh de balsado**, ou ficus de Marajó. Quantos galhos elle solta lá de cima em direcção á terra! Essa arvore chegaria a ter mais de 50 metros de diâmetro, razão pela qual é podada frequentemente, porque, se se esgalhasse ainda mais, mataria dois cheirosíssimos paus-rosa, um pau amarelo plantado em 1936 por D. Pedro Gastão de Bragança e Orléans, uma pupunharana plantada pela princesa Theresa Maria de



Cauuan ou cegonha da Amazônia.

Orléans e Bragança, em 1939, um babassú plantado em 1938 pelo general Estigarribia, duas jarinas, uma plantada pela princesa Francisca Maria de Orléans e Bragança, e outra por Alzira Vargas em 1936, um pau-brasil plantado pelo Presidente Vargas em 1940 e uma bacaba plantada por von Ihering, o fundador da piscicultura brasileira! Que mortandade! É preciso, pois, que esses galhos alongados e horizontaes sejam mutilados, para não prejudicarem as outras plantas que precisam de espaço e de vida.

Uma pérgula cobre-se de trepadeira e deixa pender varios "ourigos" de orquideas, dando muita graça ao recanto.

Voltando pela esquerda, as residencias dos funcionarios, os ranchos onde se prepara a comida dos animais, os urucuzeiros de frutos escarlates, uma frondosa jutahyrana, dois terra-aquarios de peixinhos, tartarugas e pirarucús, viveiros de periquitos australianos, gaiolas de acutypurús (nosso esquilo) e macacos-da-noite, a camara escura, de serviço fotografico, as Salas de Preparação de Zoologia, Botanica, Ethnologia e Desenho e, guinchando, um rarissimo macaquinho amazonico, de bigodes brancos á Kaizer.

Palmeiras, "rolhas de pirarucus", marajás, cacaús de frutos grudados como os do cacau cercam os medalhões de Martius e De Spix, oferta da Rainha da Baviera. Perto da gaiola de um lindo gavião real, cinzento e preto e de cabeça total-

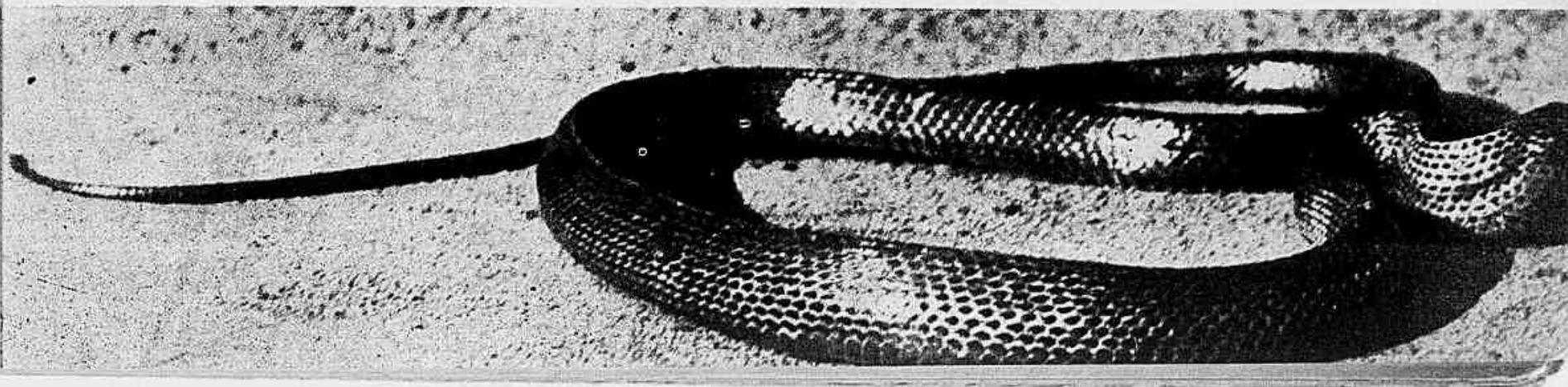
(Conclue na pagina 38)

Estas pacas-aranas saboreiam um pedaço de abóbora.

Ao alto: — Taquiri da Amazônia.

Em baixo, ao lado: — Após a digestão, a cobra pepêua descansa...

(Fotografias de
EDUARDO KRATZENSTEIN)





Senhorinha Maria de Lourdes Mendes Serra, da sociedade carioca, fantasiada de Princesa das Czardas, no baile de Aleluia, realizado no Club Ginastico Português.

NOTICIARIO ELEGANTE

ANIVERSARIOS

ABRIL
19
SABADO

as sras. Maria Celeste Muller e Maria Luiza de Queiroz Santos; a senhorita Nadyr Vale; os dres. Paulo Camara da Mota e Astrogildo Teixeira de Mello; os srs. Manoel Bandeira, da Academia Brasileira, e Hermógenes Galloulektydio.

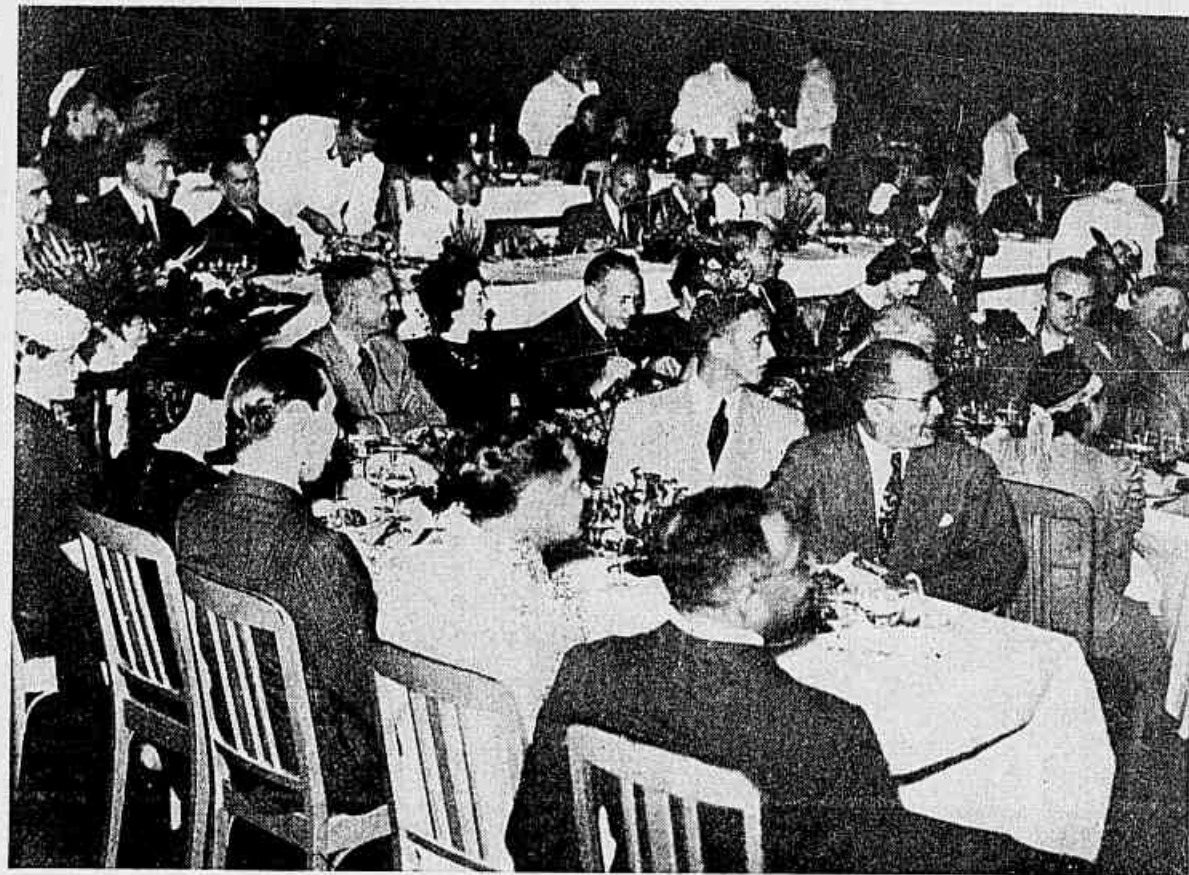
Passa hoje tambem a data natalícia de S. Ex. o sr. Getúlio Vargas, Presidente da República.

ABRIL
20
DOMINGO

as sras. Lídia Goycochêa Maria Guedes Soares e Nancy Del-Vecchio; as senhoritas Marieta Gouvêa, Maria Inez Guimarães e Myriam Nazareth; os dres. Souza Bandeira Filho, Fernandes Coelho e João Berquó.

ABRIL
21
SEGUNDA FEIRA

as sras. Alvina Clara dos Santos, Euvelina Loureiro Quintais e Leonor Lucena de Queiroz; as senhoritas Luiza Rebelo e Marieta C. Viana; o dr. Luiz Carlos de Aguiar; o prof. Antônio Austregésilo, da Academia Brasileira e da Academia de Medicina.



AO INTERVENTOR NO PIAUÍ Elementos de destaque na colonia piauiense do Rio, ofereceram um jantar íntimo ao dr. Leônidas Melo, interventor federal no Piauí, e sua exma. esposa. O nosso clichê fixa um aspêto da festiva reunião, em que se vê o homenageado. Em nome da colônia piauiense fez uma saudação ao dr. Leônidas Melo o escritor Berilo Neves, professor do Colegio Militar e vice-presidente do Touring Club do Brasil.

ABRIL
22
TERÇA FEIRA

as sras. Heloisa de Menezes Doria e Amélia Martins Pereira; as senhoritas Olga Pio Dutra, Cecília Ferreira de Azevedo e Jenny Espinola; o dr. Almiro Campos.

ABRIL
23
QUARTA FEIRA

as sras. Alencastro Graça e Dinorah de Alencar; as senhoritas Hilda Carlos Machado, Altair Villaboim e Maria Bustamante de Carvalho; os dres. Jorge de Abreu e Graça Melo.

ABRIL
24
QUINTA FEIRA

as sras. Ruth B. Leal e Levi Autran; as senhoritas Odete Soares Costa e Aylina Couto; a escritora Nenê Macaggi, nossa colaboradora; o ministro Carlos Maximiliano; o dr. Justino Menezes.

ABRIL
25
SEXTA FEIRA

as sras. Lindolfo Xavier e Artur Meireles; as senhoritas Helena Rocha Miranda e Stela de Carvalho; o dr. Gastão Franca do Amaral.



AO MINISTRO DO EQUADOR

O Chanceler Oswaldo Aranha saudando o dr. Niteri Lafronte, Ministro do Equador, e senhora no banquete realizado em sua homenagem no Palacio Itamaraty, por motivo de sua partida do Rio de Janeiro.



ROTARY CLUB — O almoço ás senhoras dos rotarianos, as quaes irão participar da proxima reunião rotária no Ceará.

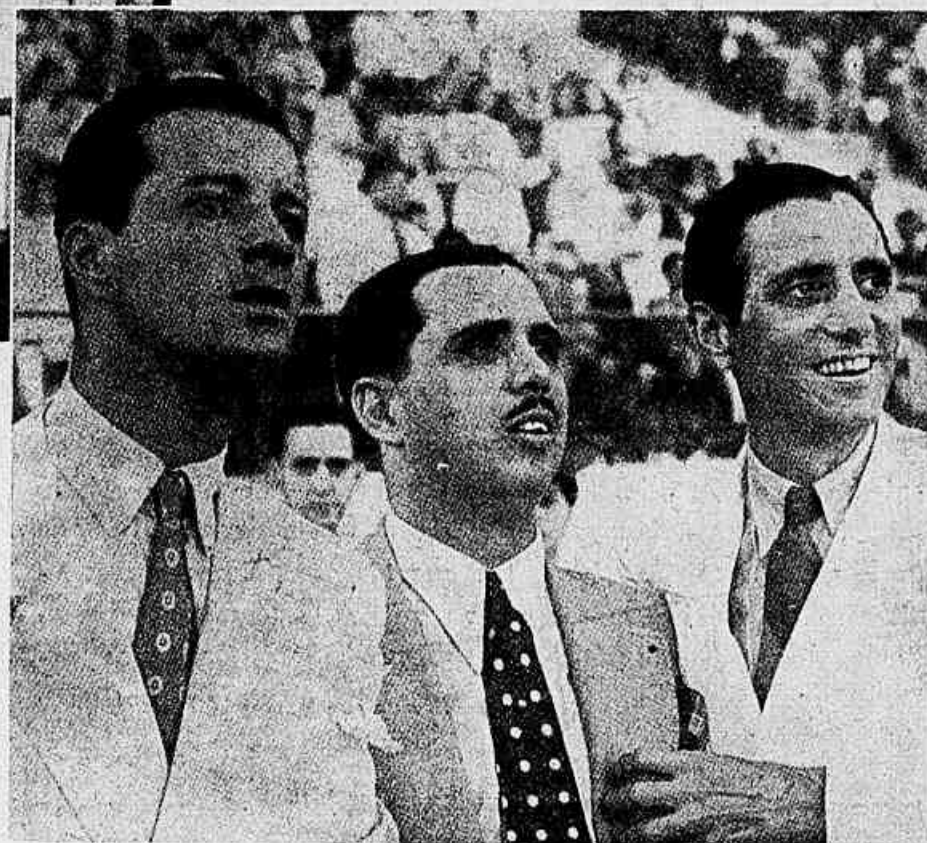
O JOCKEY CLUB *Mundano*



Depois de muito esperar, o fotografo consegue a esmola de uma pôse...



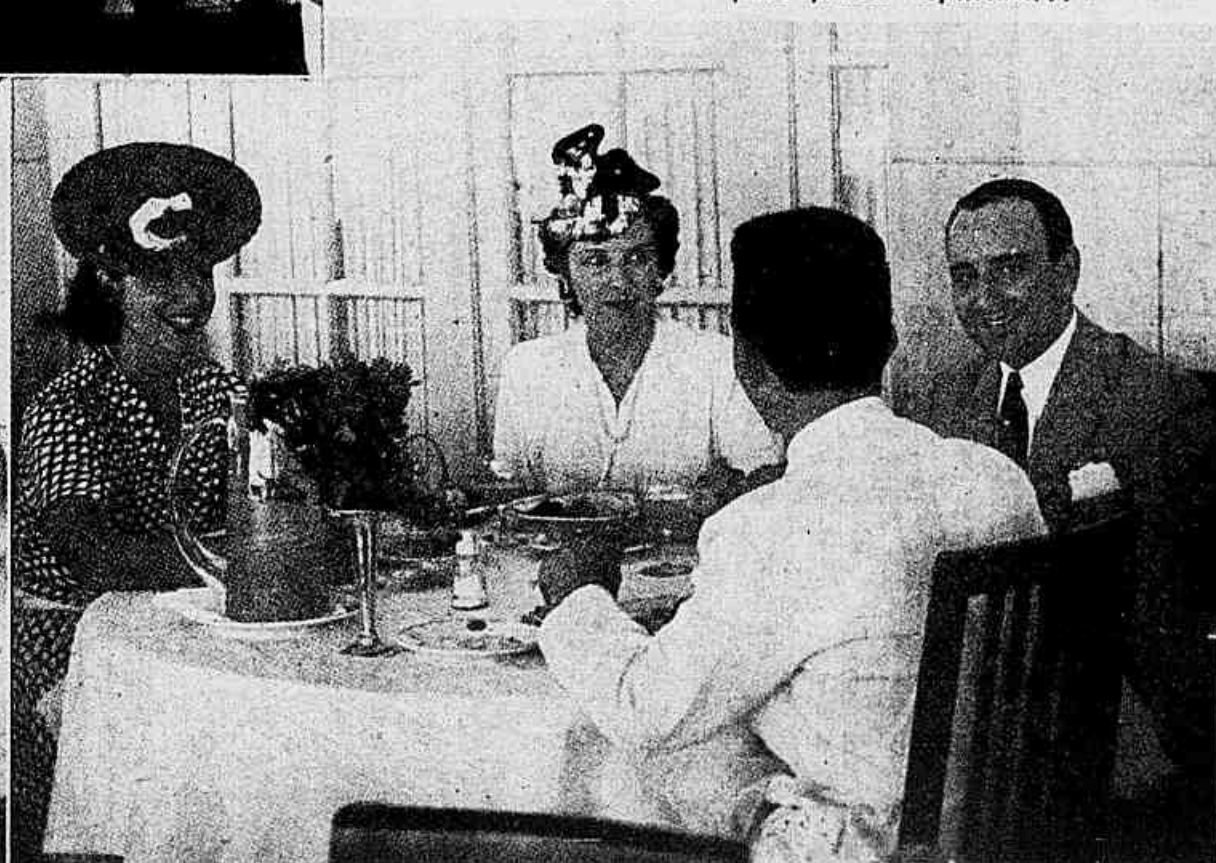
Alguns aspectos da reunião social no hipodromo da Gavea com que o Jockey Club Brasileiro deu incio á temporada oficial de 1941.



Um bom passeio faz bem á saude do passeante... e ao humor de quem aprecia.



Jantar no Jockey pode ser um motivo de puro prazer espiritual...





A PROCISSÃO DO SENHOR MORTO

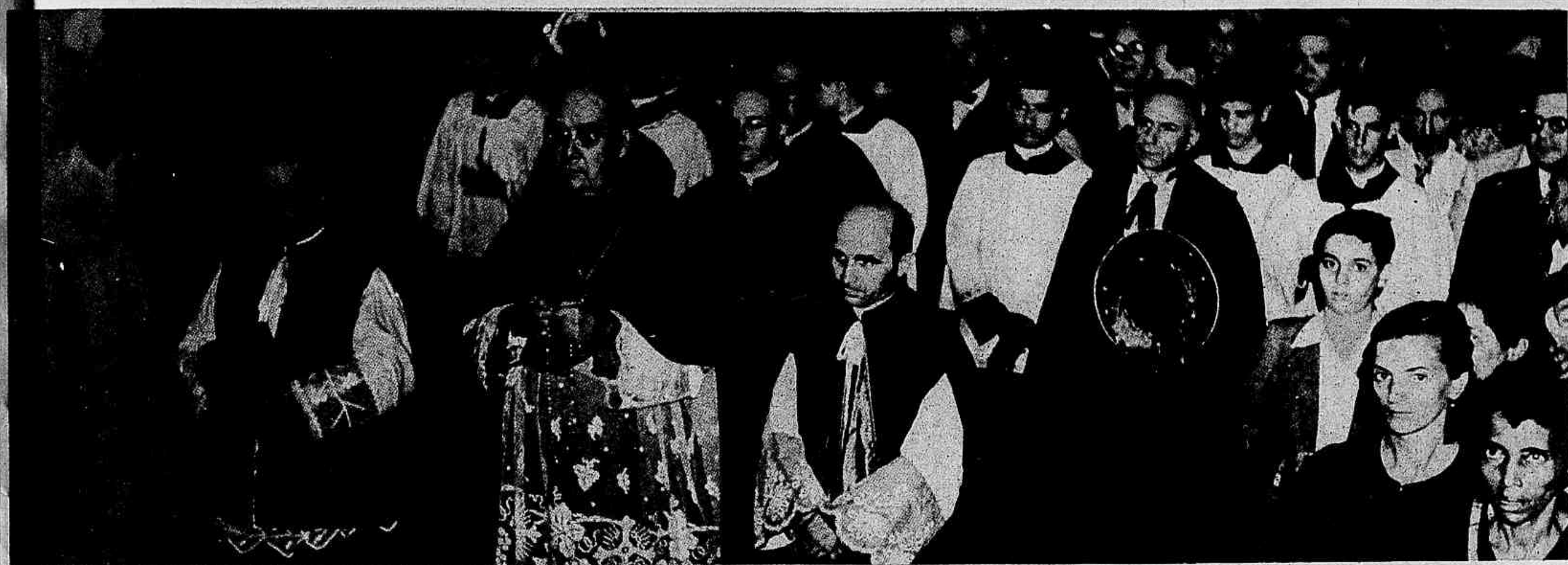
Mais uma vez, na sexta-feira santa, realizou-se a comovente e tradicional procissão do Senhor Morto, que sai da Cathedral e passa por diversas ruas de nossa cidade até chegar á igreja de São Francisco de Paula, em que termina. Dessa expressiva demonstração de sentimento de religiosidade do povo carioca, apresentamos os aspectos mais característicos. Vemos nesta página: ao alto, a imagem de Nossa Senhora das Dôres ricamente vestida de tecidos roxos, que vai á frente da procissão,



em baixo, o pálio-sacro sob o qual caminham o Cardeal dom Sebastião Leme e altas autoridades religiosas; acima destas linhas, o esquife simbólico levado pelos samaritanos.

Na outra página vemos a figura que representa Verônica, a qual leva o lenço com o rosto de Jesús durante toda a procissão, tendo ao seu lado o anjo cantôr. Mais ao fundo desse mesmo aspecto se pôde vêr a Cruz levada pelos seminaristas. Na fotografia do centro está o Cardeal Leme ladeado por monsenhor Caruso e por monsenhor Lapenda. O último aspecto mostra-nos a procissão entrando no templo do Largo de São Francisco, local em que terminou.





QUE É MELHOR? ESCREVER UM ROMANCE PARECIDO COM A VIDA OU VIVER UMA VIDA PARECIDA COM UM ROMANCE?

Os homens que escrevem romances, em geral, não se parecem com o que imaginamos deles e por isso comumente decepcionam os leitores que procuram conhecê-los pessoalmente. Estes os colocam num plano tão maravilhoso como o em que giram os personagens da literatura e esperam deles aventuras estranhas, frases paradoxais e um desprezo completo pelo que a vida tem de comum e monótono.

Observado isso começou a aparecer em todas as conversas a afirmação de que o romancista escreve o que sonha fazer, mas é impotente para realizar. O escritor de imaginação não seria mais do que um falhado na vida verdadeira, um homem que não realizara seus ideais de amor ou de aventura, os mesmos ideais belos e eternos de todo o homem.

Entretanto há desmentidos fortes da própria realidade. Muitos romancistas nunca desejaram mais do que uma vida de funcionário público ou pai de família exemplar, enquanto que outros, como Jack London, fizeram muito do que apareceram como irreal nos seus livros.

Mas não é isso que vamos perguntar aos intelectuais brasileiros. Unicamente queremos saber se preferem escrever um romance profundo, vigoroso, capaz de representar com ironia ou com poesia a realidade, ou viver com intensidade, minuto a minuto, transformando a existência num verdadeiro romance.

O primeiro que encontramos foi Joel Silveira. O conhecido cronista estava na sua mesa de trabalho na redação de



Joel Silveira.

"Diretrizes", quando o nosso fotógrafo bateu inesperadamente uma chapa. Mas Joel não se assustou.

— E' para a REVISTA DA SEMANA, explicamos. — Você pode nos dar a sua preferência entre o escrever um grande romance ou viver uma vida romântica?

— Pois não. O ideal seria não escrever nada. Fazer tudo. Entretanto é muito difícil, pois você sabe que a vida se escreve por linhas tortas que nunca se endireitam. Eu, com toda essa alma de aventureiro à "Robin Hood", não passo de escritor nesta calma e pacífica cidade. Mas nem por isso vou meter uma bala na cabeça. Queria ganhar 10.000 contos na loteria. Passearia pelo mundo inteiro como turista, "flirtando", vivendo o mais possível e fazendo sonetos.

— Mas não há prêmio de 10.000 contos, Joel!

— Justamente por isso é que eu ainda não sou freguês dos vendedores de bilhetes. O maior prêmio é de 5.000 contos e isso é muito pouco; por enquanto faço greve. Olhe! Na vida de jornal preferiria ser correspondente estrangeiro.

Pouco depois estávamos na redação de "Vamos Lêr!". Clovis Ramalheze atendeu-nos gentilmente e prontificou-se a responder a este rápido inquérito.

— Todos os homens amam e preferem



Clovis Ramalheze.

a aventura. Isso é, todavia, uma questão relativa. Nós, que não passamos de sedentários, invejamos a figura de Marco Polo. Este, porém, estava sempre com a idéia de voltar a Veneza.

A vida de um jornalista não passa de uma aventura e de uma janela para o mundo. Estamos em contacto com as misérias e as glórias da vida. Até os acontecimentos mais distantes influem numa redação. Ainda há pouco telefonei para o nosso observador diplomático e ele pediu que esperasse um instante mais, para ver si o país "A" declarava ou não guerra ao país "B". E essa demora no ultimatum longínquo atrazava um pouco nossos trabalhos. Não há nada tão surpreendente como a vida. Escrevi há alguns meses o romance "Ciranda", que proximamente será publicado. Estava certo de ter imaginado a maior parte dos personagens e já ia colocar no prefácio que eram simples produtos do cérebro de um romancista. Entretanto, as semanas foram passando e os personagens, um a um, aparecendo na vida real.

Fomos nesse momento até a janela. Clovis Ramalheze olhou os navios no cais e disse-nos:

— Nos momentos líricos olho amorosamente esses cargueiros, com uma vontade louca de largar tudo isto e ser um simples grumele. Mas até agora ainda não o fiz. E talvez nunca o faça.

Minutos após fazíamos a pergunta a Hamilton Barata. O vigoroso romancista de "Equador" respondeu com entusiasmo:

— Para a minha concepção do mundo e da existência, é melhor escrever um romance parecido com a vida. A existên-



Hamilton Barata.

cia no plano da mente, no plano do espírito, é mais "real" do que a vida na estera das coisas concretas. Para o artista, para o intelectual, para o homem de pensamento, no meio da universal ilusão sensualista ou sensória, as reali-

dades mais belas são as que vivem no Absoluto da suprema idealidade. Romeu e Julieta, Tristão e Isolda, Fausto e Margarida são mais resplandecentes do que os mais perfeitos amantes do nosso bairro ou da nossa rua. A plenitude da existência está na Arte e criar Arte — a Arte que confere ao homem a imortalidade dos deuses — é a mais poderosa forma de vida, é a vitória mais excelsa do que todas as outras. Shakespeare é um triunfador maior e mais radiante do que Napoleão.

Demos um rápido pulo à redação de "D. Casmurro" e ali encontramos Clovis de Gusmão em pleno trabalho. Fizemos a nossa pergunta e o conhecido escritor nos respondeu com interessante questão.

— Vida e Romance! Haverá mesmo diferença entre estas duas palavras? — E, como sorríssemos de sua dúvida, prosseguiu: — Vou contar a você alguns fatos em que elas se confundem. Eu, por exemplo, escrevi um romance. No fim de tudo fui dar um balanço no livro e che-



Clovis de Gusmão.

guei à conclusão de que havia mais de mim, ali, do que num livro de memórias. As paisagens que me impressionaram, os sentimentos que me comoveram em dias idos, os homens bons ou maus que encontrei...

E Clovis de Gusmão nos diz recordando-se:

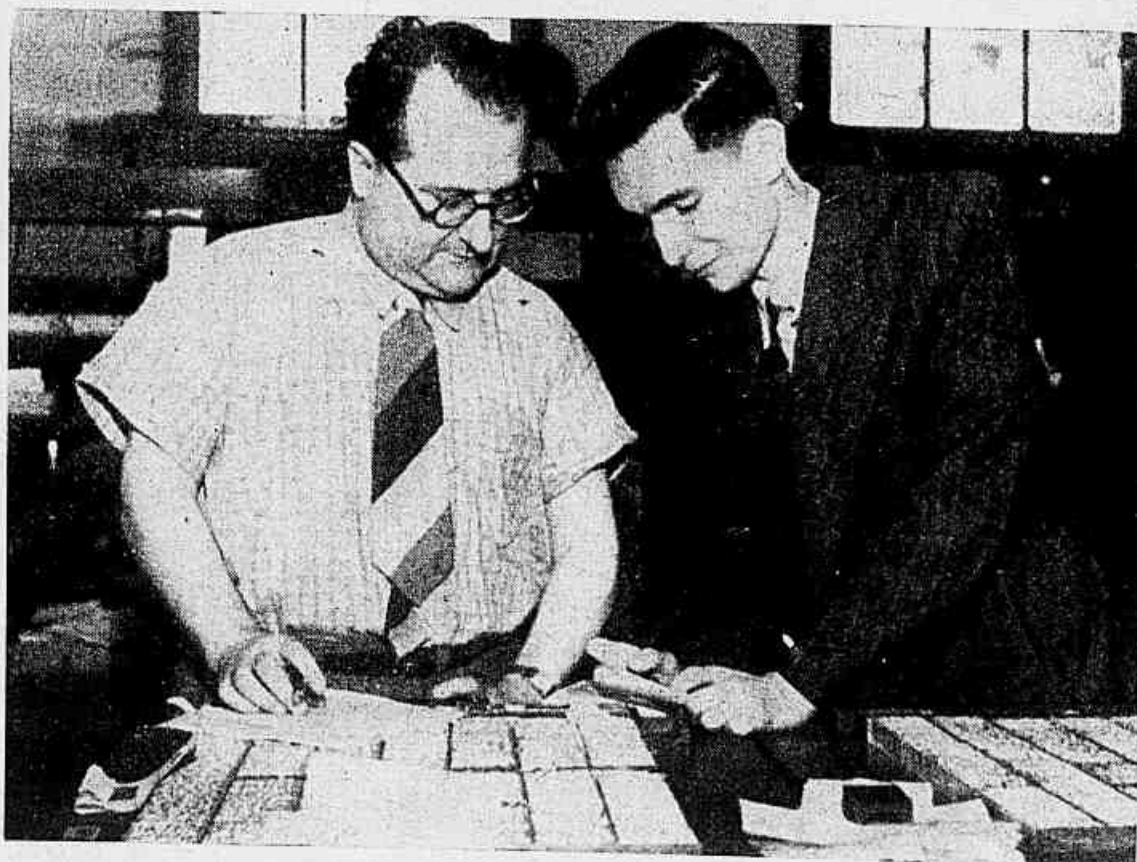
— A vida? Não sei em que se possa diferenciar de qualquer romance. Um dia me encontrei numa pequena vila do litoral paulista, isolada entre as montanhas e o mar. Morava num sobradão; à roda de mim as casas caíam numa média de nove por ano, e quem fosse além do mato ralo que cercava a vila decadente encontraria porções de bronze com monogramas semi-enterrados. Um ambiente de romance... Doutra vez, à beira do Paraná, junto à velha floresta dos índios Caiuás. O meu companheiro, um antigo peão goiano que a boa ou má sorte tornou marinheiro daquele rio, contava-me casos de lá de cima. Estávamos próximo do barranco e, perto de nós, os paraquaios cantavam carregando latas de querozene. Si V. chegar lá nos hervaís, dizia-me ele, e procurar alguém, um amigo seu extraviado, jamais o encontrará. Mas sei que ele está aqui, você dirá. De dentro do portão o paraquiao falará em guaraní. Petein caray — um homem! Você não sabe que "petein caray" quer dizer um homem, mas o que está na outra ponta do telefone rudimentar não o ignora e virá buscar você. Os criminosos se ocultam nos hervaís e a grande vantagem que teem é dizer que não estão ali... Por isso o homem de lá de dentro fingirá que está vendo num livro e responderá para V.: Não, não está aqui! Nos hervaís, nunca estão os que a gente procura... Mas tudo isso parece um romance, eu disse.

— No ano em que eu nasci, em Humaitá, no rio Madeira, os índios assaltaram a povoação. Não, meu velho, isso não é um romance, é a vida. Voltando à sua pergunta, vale mais escrever um mau romance e viver uma vida intensa. Mas si se puder viver uma grande vida e escrever bons romances será melhor...

Alvaro Moreira não estava em "Dom Casmurro". Fomos às oficinas em que é feito esse jornal e ali o encontramos dirigindo a paginação.

Todavia nos atendeu durante alguns minutos:

— Olhe, rapaz, si eu pudesse escrever um romance palpitante e profundo não hesitaria: escreveria o romance, pois a vida eu já a conheço bem e não tenho a respeito nenhuma ilusão. Até hoje só escrevi o que tenho vivido... Pensamos, às vezes, que a vida é uma coisa boa e que a gente é que é ruim. E' o contrário, amigo Barata. A vida é ruim e a gente é que é boa. Mas ficamos estragados a pouco e pouco. Humilhados. Recalcados. Rebaixados. A vida brinca com todos nós, fazendo-nos de bonecos. O que eu quero é um lapis e um papel para brincar com a vida...



Alvaro Moreira fala ao nosso redator.



Resistencia com que são equipados os aquecedores elétricos "Alada".

Em 5 do corrente, a conceituada firma desta praça J. M. Mello & Cia. Ltda ofereceu um cocktail à imprensa para apresentação aos jornalistas de um novo invento que vem revolucionar completamente a técnica do aquecimento por meio de eletricidade. A novidade que maior sensação causou aos visitantes foi, sem dúvida, a apresentação dos aquecedores elétricos "ALADA", fabricados por Tinsley & Filhos Ltda, de São Paulo. Este maravilhoso invento do sr. Aladar Fehér vem facilitar aos arquitetos e construtores a tarefa difícil de escolher e encontrar o material necessário para uma instalação sanitária moderna, num prédio moderno.

Para conhecimento dos interessados, vale a pena fazermos aqui uma ligeira descrição destes aparelhos, incontestavelmente a última palavra em perfeição e técnica.

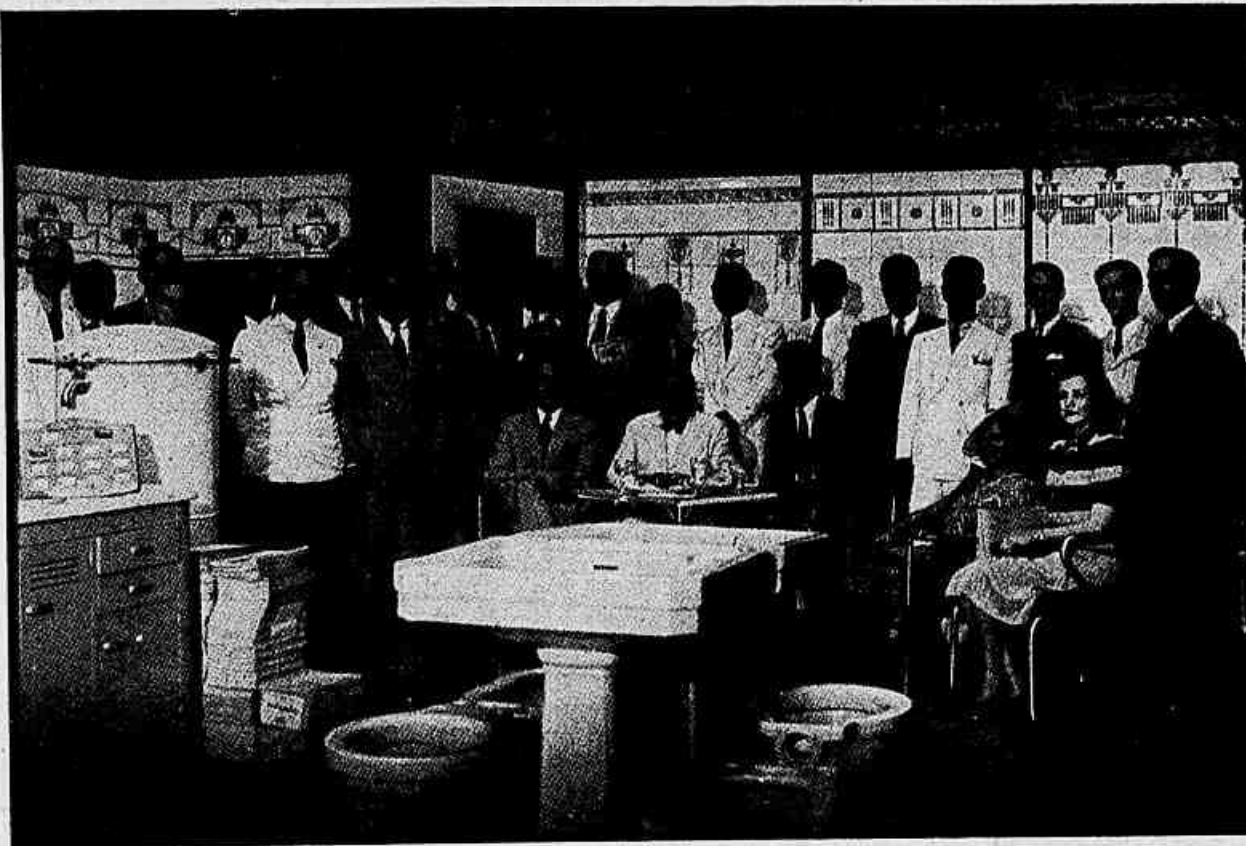
As deficiências inerentes a quase todas as resistências termo-elétricas até hoje manufaturadas foram completamente eliminadas na resistência patenteada sob n.º 27.147, por causa dos seguintes característicos:

- 1.º) — O fio de resistência é de um metal que à temperatura em que trabalha a resistência não encandece, transformando assim toda a energia elétrica em energia de calor;
- 2.º) — este fio, cujo coeficiente de dilatação é idêntico ao do vidro "Pirrex", é fundido dentro de uma barra fina deste vidro, evitando assim qualquer contacto com o ar

e com a humidade, tornando a oxidação do fio impossível;

- 3.º) — como o volume da barra de vidro, em que a resistência se encontra

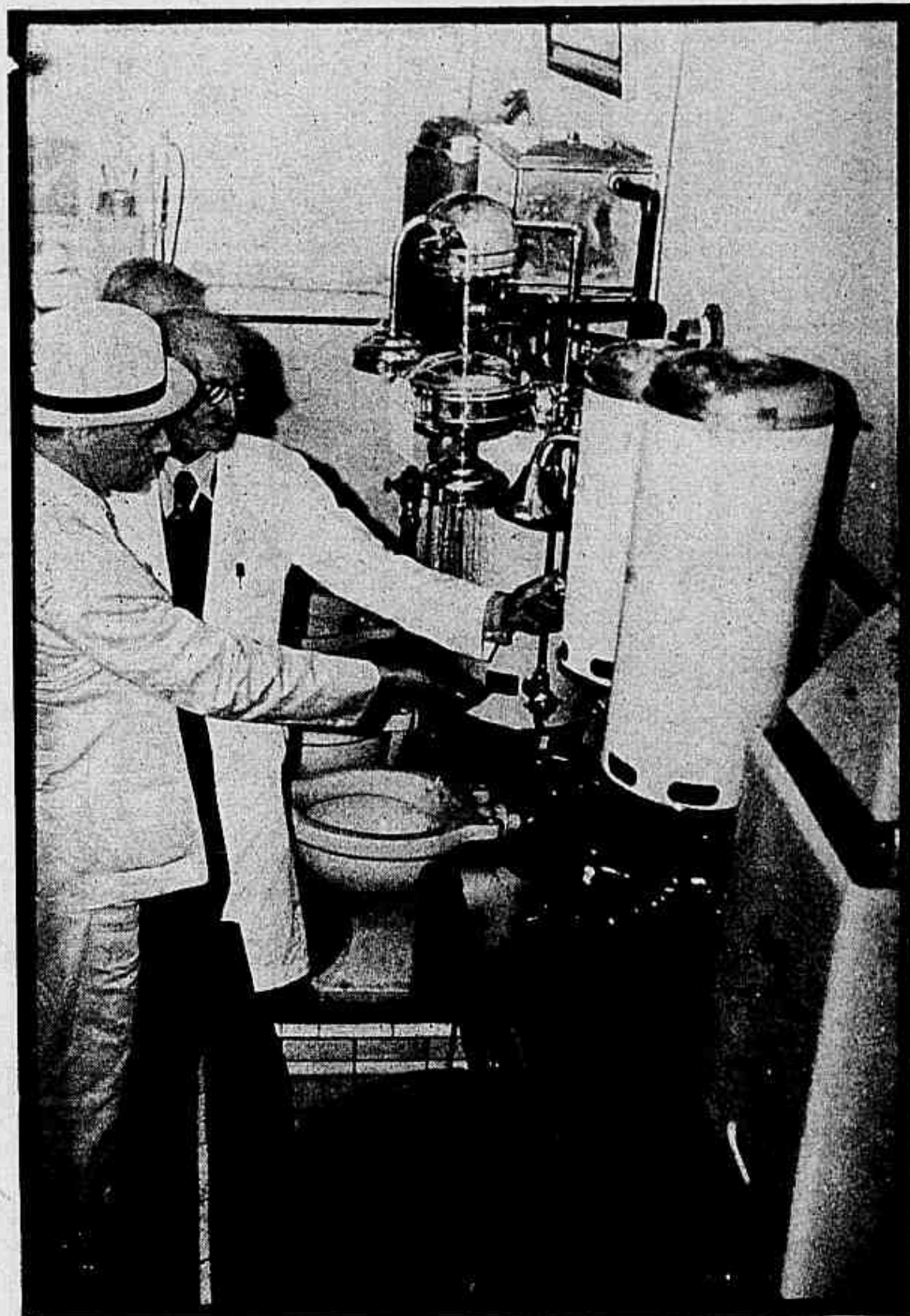
fundida, é muitas vezes menor do que o volume do material isolante (seja porcelana, barro refratário, mica ou amianto), no qual se ins-



Um aspecto da reunião.

Um acontecimento notavel no comércio do Rio de Janeiro

Apresentação de uma nova invenção pela firma J. M. Mello & Cia. Ltda.



Uma demonstração do funcionamento do aquecedor elétrico "Alada"

talam as resistências comuns, a velocidade de aquecimento também é muito maior, porque se evita o aquecimento preliminar ou simultâneo de uma matéria inerte. Por estas características principais deduzem-se facilmente as vantagens práticas da nova invenção: economia em comparação com os outros similares, durabilidade ilimitada e maior segurança.

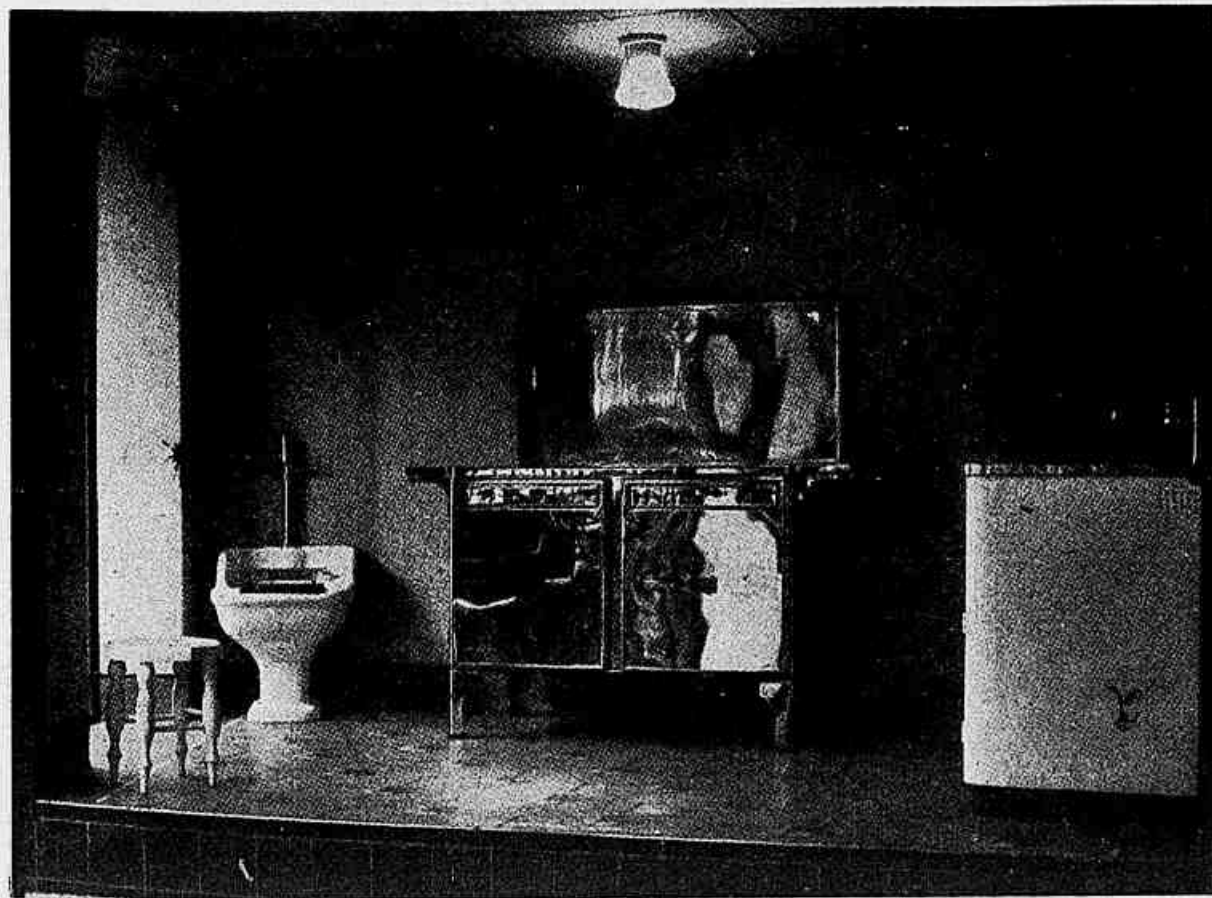
MATERIAL PARA REVESTIMENTO DA ARMSTRONG CORK CO.

Prenderam a atenção, não só dos jornalistas como dos demais convivas, os dois conjuntos em exposição representados por uma cozinha e banheiro, tendo os pisos e paredes revestidos com o que de mais moderno existe na parte que se refere ao acabamento das modernas construções, material esse de fabricação da firma Armstrong Cork Co. e distribuído nesta praça pela conceituada firma J. M. Mello & Cia. Ltda.

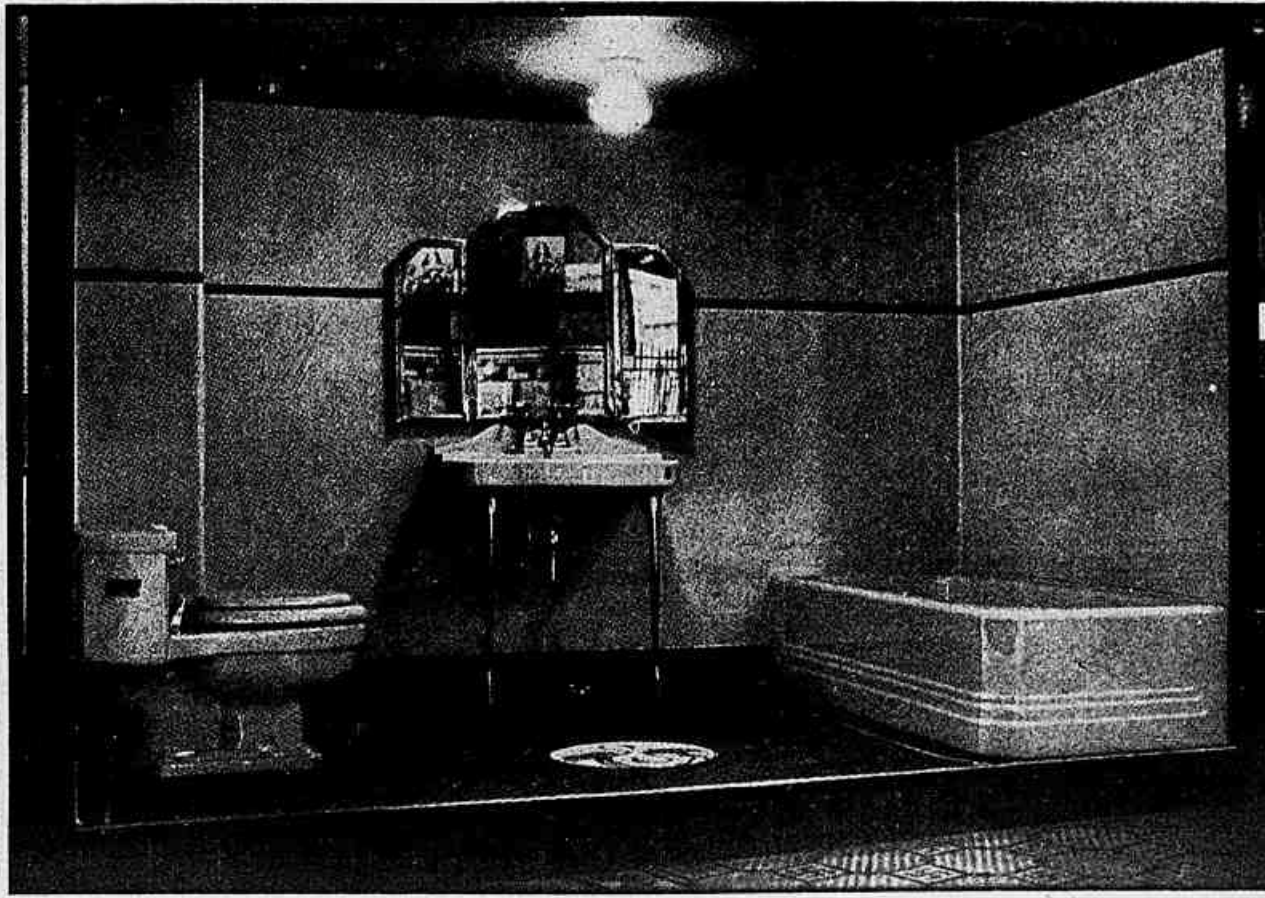
Para se ter uma idéia da elegância e bom gosto que representam os revestimentos daquela importante firma americana, basta citar que os mais luxuosos apartamentos e edifícios de Nova York utilizam-se daquele material.

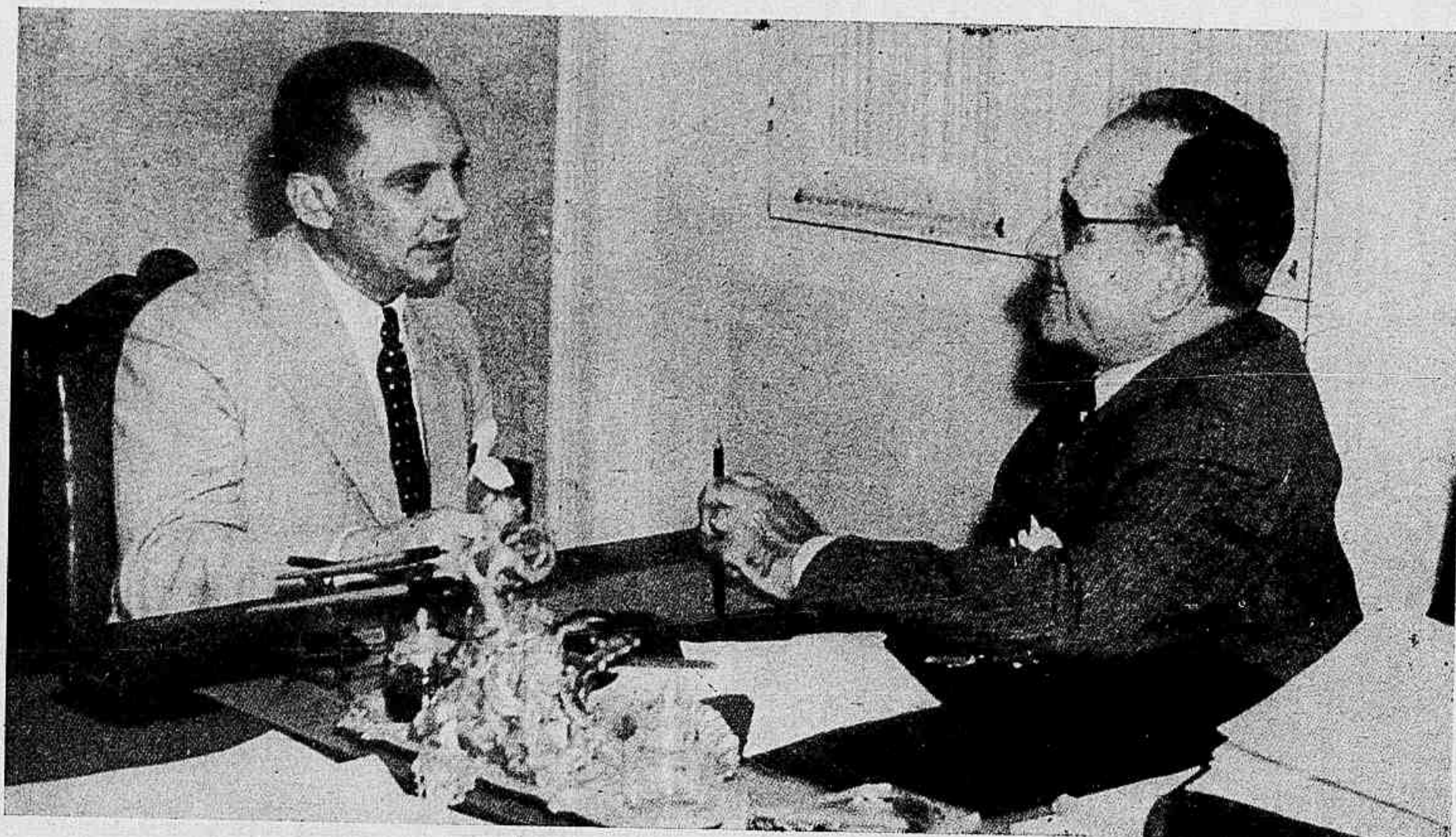
Essa mesma tendência pelo elegante e confortável já se vem experimentando entre nós, por parte da quasi maioria dos construtores que, dessa forma, brindam os seus clientes com a elegância que os americanos tanto apreciam e que causa satisfação à mais simples dona de casa.

Cozinha com piso, paredes e pia revestidos com material da Armstrong Cork Co.



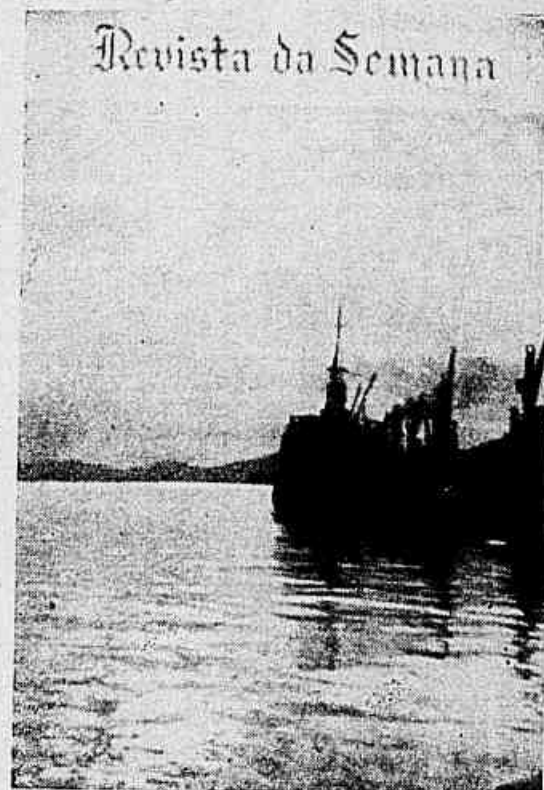
Banheiro com piso e paredes revestidos com material da Armstrong Cork Co.





NO PALACIO RIO NEGRO Flagrante apanhado no gabinete presidencial do Palacio Rio Negro, em Petropolis, quando o sr. Ruy Carneiro, interventor federal na Parahyba, apresentava suas despedidas ao chefe da Nação por ter de regressar ao seu Estado, depois de permanecer no Rio resolvendo diversos assumptos atinentes á administração parahybana.

A nossa capa



Os barcos que ancoram nas plácidas enseadas do nosso litoral já não tem velas romanticas enfunadas pelo vento. En-

Noticias e commentarios

O NOTICIÁRIO DOS JORNAIS CARIOCAS

De forma nenhuma se pode dizer que seja pequeno o número de páginas dos órgãos de imprensa desta cidade. E' verdade que não se compara ao dos jornais norte-americanos ou mesmo argentinos. Todavia, é suficiente para uma boa divulgação do que acontece em nossa cidade, em nosso país e no mundo.

E' de lastimar, portanto, a inexistência quasi que absoluta de notícias dos Estados em nossa imprensa. Não há em nossos grandes jornais uma ou mesmo meia página reservada aos acontecimentos dos diversos rincões de nossa terra. Raramen-

te se sabe o que houve e o que há em nosso interior. Fazendo o reverso da medalha páginas e páginas são reservadas ao foot-ball e ao que ocorre nas outras partes do mundo.

E' verdade que há algumas excepções, si bem que poucas. São as dos jornais que publicam alguns telegramas vindos dos Estados. Entretanto, esses telegramas são em grande número meras notícias oficiais.

Houve no último Carnaval uma música "Nós queremos uma valsa". Os cariocas e outros habitantes desta cidade estão cantando: — Queremos notícias de todo o Brasil...



A "SUBIDA DA MONTANHA"

O sr. Herbert Moses, presidente do Automovel Clube do Brasil, entregando o premio ao sr. Geraldo Avelar, vencedor da recente prova automobilistica verificada na estrada Rio-Petropolis.



CLUBE MUNICIPAL Grupo colhido no baile de Aleluia nos salões do Clube Municipal.

tretanto, quanta poesia ainda há neles, mesmo com os mastros de ferro e com as chaminés fumarentas, na hora suave em que o sol começa a mergulhar por trás das últimas montanhas! Os navios, os cargueiros de todo o mundo, entram lentamente na penumbra e suas sombras tornam-se cada vez maiores até se confundirem na escuridão que se aproxima.

A costa, ao longe, também não possui mais o risco de prata formado pelas belas praias brasileiras. Ali é o porto de Santos. Cais, armazens, chaminés, edificações de toda sorte, são fixados em conjunto pela nossa vista deslumbrada. Morrem os velhos cenários, mas a beleza continua porque vive mais na alma humana que nas cousas.

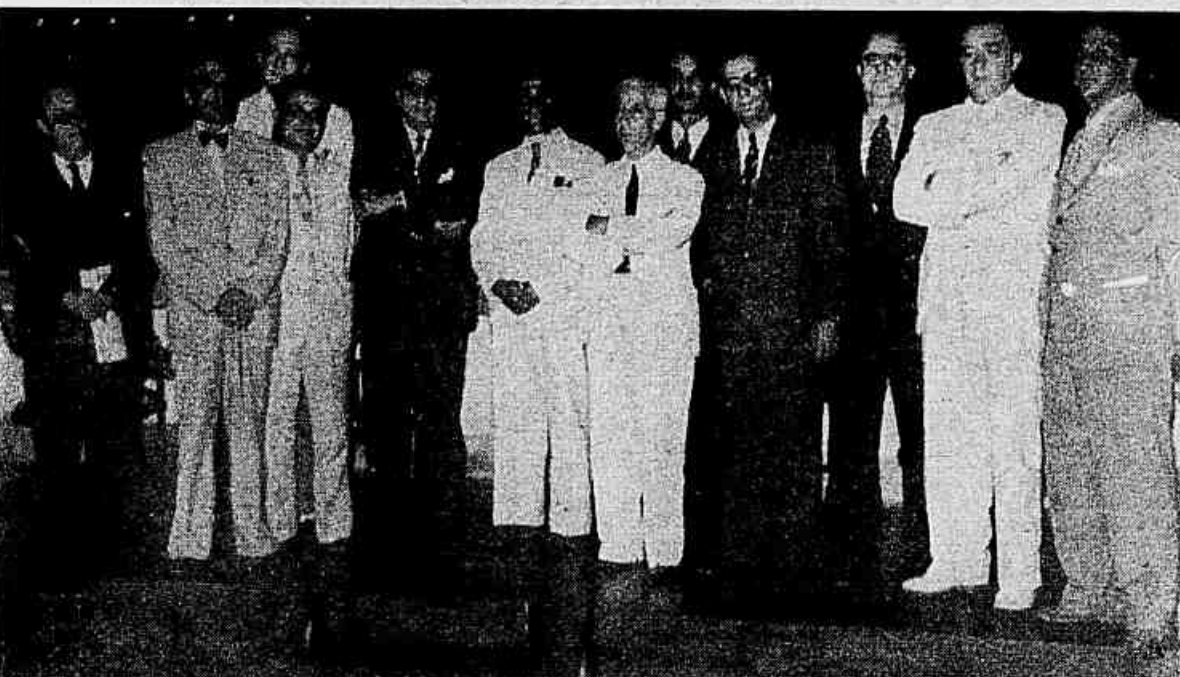
Olhemos bem a fotografia. O céu e os reflexos de luz nas águas do mar não mudaram. E' a única coisa de paisagem que nos mostra a Santos de Braz Cubas, nesta bela fotografia de Boris Kauffmann. Numa reta que se prolonga até ao infinito as ondas ficam divinamente luminosas. E' a música de todo o fim de tarde no porto de Santos.

**PORTUGAL DE MINHA MOCIDADE**

Aspectos tomados no Liceu Literário Português ao realizar-se, por iniciativa do "Grêmio Literário Comendador Rainho", a festa litero-musical, durante a qual o illustre escritor patício Alvaro Moreyra fez uma palestra sobre "Portugal de minha mocidade".

**CIA. SIDERURGICA NACIONAL**

A cerimônia da constituição, na Bolsa de Fundos Públicos. Flagrante colhido quando orava o dr. Guilherme Guinle, presidente da Companhia, nomeado pelo Presidente da República, que se vê ladeado pelos srs. Oscar Weinschenk, Francisco Sá Filho, Marques dos Reis e Ary Torres.

**AS VISITAS A' A. B. I.**

Aspecto tomado durante a visita à Associação Brasileira de Imprensa do jornalista português Gastão de Bettencourt.

**CIRCULO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Aspecto da sessão de instalação dos trabalhos do corrente ano, na qual pronunciaram conferencias o dr. José de Albuquerque, que se vê na fotografia no momento em que falava, o dr. Walfrêdo Machado e as escriptoras Rachel Prado e Mercedes Silveira.

O RELÓGIO MAIS ANTIGO DO BRASIL

Dizem que em Recife apareceu um relógio de 1700, considerado pelo seu possuidor o mais antigo do Brasil e presumido como tendo pertencido aos bandeirantes dos princípios da colonização de Minas.

Será mesmo tão antigo? E' possível. Em geral os relógios são objetos que duram muito, devido ao cuidado que se tem com eles. Mas o mais difícil na história é ter ele pertencido aos bandeiran-

tes. Entranhando-se pelas matas, lutando e morrendo, muitas vezes na miséria, dificilmente eles conservariam consigo um relógio.

Para que o relógio, se existem o sol e as estrelas? perguntar-nos-ia ofendido um Bartolomeu Bueno ou um Paes Leme.

Os bandeirantes conheciam os astros e eram forçados a isso, pois não viviam em ruas asfaltadas com relógios em todos os cafés.

Enfim... Quem sabe?...

**PRENUNCIOS DA TEMPORADA ELEGANTE DE INVERNO**

Com a volta das estações de verão, reaparecem, em seus lugares prediletos, as mais destacadas figuras de nossa sociedade. Tomamos alguns aspectos no grill da Urca, onde já se sucedem as grandes noites como um prenuncio do que será a estação de inverno. Ao centro, o ministro da China.



O commandante Ernani do Amaral Peixoto, interventor federal do Estado do Rio, e sua esposa, sra. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, desembarcando do "strato-clipper" da Pan American Airways, em Miami, nos Estados Unidos, em viagem do Rio de Janeiro para New-York.



Homenagem de "Nação Armada" à Delegação Militar Brasileira do Pentatlo que irá à Argentina, presidida pelo major Antonio Carlos Bittencourt (x) que tem à direita o major Affonso de Carvalho, diretor do vitorioso mensarro.

As maravilhas do Museu Paraense

(Conclusão da página 29)

mente branca, a cascata com o lago dos poraquês e trahyramboias e uma gruta da caixa d'água, tendo dum lado a gaiola dos murucututus (corujas de cabeça branca e preta) e do outro lado um lindo lago de aguapés.

A última gaiola é a dos canários da terra e dos periquitos-estrela e espírito-santo, entre pantanos cheios de raízes, andirobas, árvores de velas, com as suas velinhas verdes caídas, cactus, assahyzeiros, bacabas etc...

Chovisca, mas felizmente já visitei o que queria! Agora falta o Museu, por dentro.

O edifício principal divide-se em 4 Secções: Geologia e Mineralogia, Botânica, Zoologia e Ethnologia.

Na Secção de Geologia e Mineralogia, quantas amostras de madeiras fossilizadas, pedras preciosas, fosseis e minerais! Na de Botânica, que porção de mostradores com sementes, resinas, raízes, madeiras, frutos, fóra de um grande herbario amazonico e uma sala especial a cargo da srta. Evalda Falcão, que reproduz as orchideas que florescem, ocupando apenas para isso papel crepon, oleo, parafina e aquarella. Na Secção de Zoologia (mais de 2.000 peças), quantas amostras de aves, mamíferos, répteis, peixes, crânios de mamíferos, etc... e quantos armarios com preciosidades ornithologicas! Na Secção de Ethnologia (2.442 peças), são varios os mostruários de cerâmica (cerâmica

marajoara, tupy, de Santarém, dos rios Maracá e Villanova), de instrumentos de guerra, caça, pesca e enfeites diversos dos indios da Amazonia!

Aguentou a chuva, porém agora já não me atrapalha. Faz-se tarde, sou forçada — e com que pena! — a deixar todas essas maravilhas, para me despedir do director Dr. Carlos Estevam e do sr. Rodolpho Siqueira, assistente da Secção de Zoologia, os quaes me conduzem até ao ponto do omnibus, que se aproxima.

Ao tomá-lo, pergunto ao Dr. Estevam quando terei o prazer de visitar o Museu nas suas novas instalações e elle me responde, os olhos intelligentes brilhando sob a esperança:

— "Senhorita, o Dr. Getulio Vargas, com a sua larga visão administrativa, compreendeu a importancia de um Museu como o nosso e nos prometeu ajudar a construir a nova sede. E assim, sob o patrocínio e orientação segura desses dois benemeritos e sempre louvados: Chefes do nosso Governo — o Presidente Vargas e o Interventor José Malcher — dentro de algum tempo será construido o novo Museu, cuja planta já está feita e cujo orçamento vai para mais de 1.500.000\$000.

Com perseverança tudo se alcança e por isso lhe affirmo, senhorita que ainda ha de ver o que será, na sua alta finalidade, o "MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI".

MOLESTIAS DOS PULMÕES.

Dr. Friedmann

Rua Alvaro Alvim n.º 24, de 1.º a 4.º.

MUSICA - Temporada oficial de 1941

Conclusão da pag. 15

vozes. Como disciplina, afinação e execução, não temos outras palavras senão de elogio. Quanto ao traje, é de lamentar que os coristas do Rio não possuam todos, como os de São Paulo, uniformes apropriados, isto é, *smoking* para os homens e vestido de *soirée* branco para as senhoras. Como admitir que houvesse senhoras de preto e cavalheiros de roupa clara?

Não creiam os senhores coristas que o lado estético nos passa despercebido!

b) Os SOLISTAS

A soprano Mary Gazzzi, a mezzo-soprano Iracema Bastos Ribeiro, o tenor Armando Assis Pacheco e o baixo Duilio Baronti foram os solistas da noite. Todos agradaram como conjunto. O tenor e a mezzo-soprano não possuem um timbre de voz dos mais agradáveis. O mesmo não acontece com o baixo e principalmente com a soprano, cujo timbre é algo belo.

c) A ORQUESTRA

A orquestra municipal desincumbiu-se bem de sua missão, aliás muito facil, pois, como disse, a parte orquestral da *Missa* é simples. Julgo-me no dever de chamar a atenção para certos naipes da orquestra, principalmente instrumentos de arco, que ficam tocando com uma indiferença e com uma falta de gosto incrível. Outros ha que ficam recostados nas cadeiras como se estivessem em casa, deitados numa espreguiçadeira ou coisa semelhante, a esfregar o arco de violino com tamanha displicencia que nos causa dó. Isso deu causa a que os 1.º Violinos dessem "estrapata" fóra.

Os trompetes convidados para reforçar os da orquestra não afinaram os seus instrumentos com aqueles. E' uma falta injustificável. Nós outros tivemos que suportá-los com a desafinação e tudo. Isso não é justo. Deve haver mais cuidado, quando se tratar de coisa séria como esta.

d) O REGENTE

O maestro Armando Belardi foi o regente do conjunto. Conhecedor abalizado da partitura, emprestou-lhe uma interpretação digna de nota. O ilustre musicista brasileiro, que tanto tem feito pela cultura musical da Capital Paulista e a quem coube apresentar a mesma obra, em 1.ª audição em S. Paulo, em 25 de Janeiro de 1940, merece as mais justas homenagens. Só quem sabe o esforço que isso representa, em nosso meio, poderá compreender a justeza dos aplausos de que foi alvo o nosso maestro.

Eu, particularmente, envio-lhe minhas irrestritas felicitações.

JOSÉ SIQUEIRA



UM ASPECTO DA INTERESSANTE FESTA DA "SINFONIA DO BEIJO"

Fixamos aspectos da interessante e original revista radiofonica "A Sinfonia do beijo", levada a efeito pelos artistas da Radio Club do Brasil, dirigidos por Renato Murce, no programma comemorativo do 12.º aniversario do Batom Michel, que a "CASA HERMANN" organizou. Nesse programa assistimos tambem á retransmissão de um concerto de canto executado em Nova York, por Georgette Michel, notavel soprano ligeiro e que foi habilmente aproveitado pela revista "A Sinfonia do Beijo", compondo um conjunto cujo efeito artistico alcançou larga e merecida repercussão.



MAIZENA DURYEA Excita o Appetite

Os convalescentes necessitam de bastante alimento sadio para ganhar energia e restabelecer a saude. MAIZENA DURYEA é o alimento ideal para esse fim, porque as sopas, cereais, mingaus e pudins preparados com MAIZENA DURYEA delicias o paladar mais apurado e, alem disso, são de digestão muito facil. Peça MAIZENA DURYEA. A venda em toda parte.

MAIZENA DURYEA



MAIZENA BRASIL S. A.
CAIXA POSTAL, F. SÃO PAULO
Gratis! Remeta-me seu livro
"Receitas de Cozinha"

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO

F JORNAL DAS FAMILIAS



Dançando a Conga — Vestido de organza preta, saia ampla com babadinhos. Bordado inglês em volta do decote.

MODELOS ELEGANTES.



1 — Gola e punhos de pi-qué branco bordado, vestido juvenil de lã cinzenta.



É uma festa para os Olhos!

- um rosto livre de defeitos e uma beleza sem disfarces

NÃO inveje o fascínio que suas amigas exercem sobre os homens... A mulher bella é sempre uma festa para os olhos de seus admiradores... A Sra. também pode ser admirada. Para isso não use artifícios provisórios para occultar e disfarçar as imperfeições do seu rosto, mas corrija-as para sempre com Leite de Colonia. Com o uso continuo do Leite de Colonia — pela manhã e á noite — a Sra. removerá os defeitos da pelle, espinhas, sardas, manchas, dando ás suas faces um frescôr de mocidade... Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a sua pelle e é excellente como base do pó de arroz.

Leite de Colonia,

STAFIX mantem o cabelo penteado sempre em perfeita harmonia com a toilette



2 — Vestido de crepe vieux-rose claro com desenhos pretos. Galão bordado na golla, punhos e barra da saia.

3 — Vestido de crepe Georgette verde, um laço de renda incrustada na frente.

4 — Vestido de mousseline de seda azul marinho, com entremeios do mesmo tom, sobre forro de tafetá azul marinho.



MADAME JACQUELINE

A ESBELTEZ...

As Aplicações Locais de Parafina Cór Verde, para o Corpo, e as de Cór de Rosa são muito recomendadas para, gentil leitora e amiga, conservar a vossa "ligne".

Contra as "papadas", os "cangotes", as espáduas, pernas e tornozelos grossos, as Aplicações de Parafina Cór de Rosa, feitas todos os dias, regularmente, lhe darão muito bons resultados.

As Aplicações de Parafina Cór Verde, mais fortes, destinam-se a todas as demais partes do corpo que se quer adelgaçar. É necessário, antes de começar, fazer-se boa provisão de paciência e perseverança: a vitória final será, entretanto, muito compensadora, lhe garanto eu...

CORRESPONDÊNCIA

Garota — Essas espinhas desaparecerão bem depressa com o uso da minha Loção Azul, que poderá ser feito 2 vezes ao dia; em seguida aplicará a Loção de Leite de Am. Am. e Hamamelis, que tira as manchas arroxeadas, muitas vezes deixadas pelas espinhas mal tratadas, dando frescura e mocidade à cutis; também segura o pó de arroz. Não use sabão nem sabonete: para tirar o "rouge" e limpar a pele, use só minha Huile Romaine Antique; assim nutrirá e fortalecerá os tecidos do rosto, impedindo que futuramente reapareçam as espinhas.

Santinha — O Vigor dos Seios desenvolve os músculos, sem fazê-lo demasiadamente; pode pois usá-lo sem receio. Para as rugas do canto dos olhos, o Antirugas Especial n.º 2, e para as rugas do pescoço experimente o Tônico Adstringente das 4 Frutas.

Felicidade — O Creme Adstringente Miraculoso lhe devolverá a rigidez dos seios. Na sua idade, isto é bastante fácil; para o seu corpo, experimente em fricções o álcool canforado, que pedirá na farmácia, fraco para não irritar. Para o maquillage e beleza da pele o Tratamento Radia — Creme e Loção, a empregar conjuntamente. 25\$000 cada vidro e pote.

Madame JACQUELINE

Informações — Venda —

PERFUMARIAS CARNEIRO



Vestido de zephyr branco com xadres azul marinho. Gola e punhos de fustão branco.

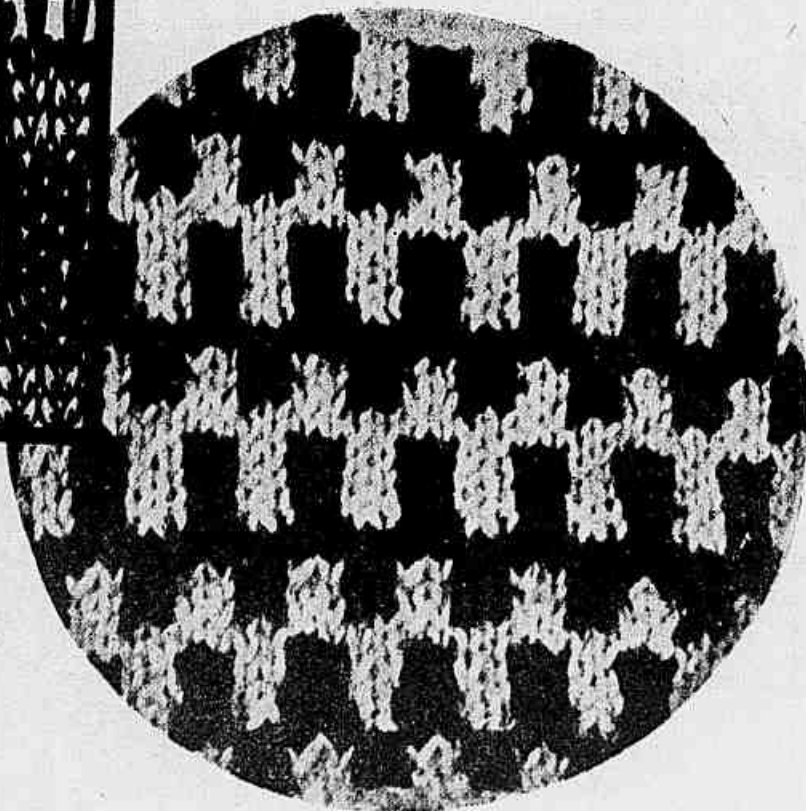
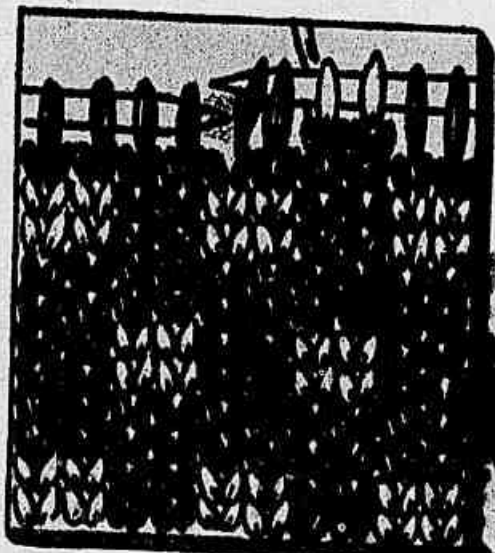


1 — Gola original de crepe ou fustão. 2 — Gola de [renda e crepe. 3 — Gola e jabot de crepe e renda. 4 — Gola guarnecida com babados e laço de setim branco. 5 — Gola de crepe com nervuras, debruada com fita. 6 — Blusa de renda (são necessários 1 metro e 75 centímetros com 90 centímetros de largura, para manequim 44). 7 — Blusa de crepe, guarnecida com pespontos, franzidos e babadinhos (2 metros de tecido de 80 centímetros de largura manequim 44). 8 — Blusa de crepe de fantasia, guarnecida com cadaço zig-zag. (1 metro e 75 centímetros de 80 centímetros de largura, manequim 44). 9 — Blusa de crepe guarnecida com picots metidos dentro de pregas. 10 — Gola de crepe com pespontos, 11 — Gola de crepe com babado e borlas. 12 — Gola de crepe guarnecida com franzidos. 13 — Gola de setim com o jabot enfeitado com rendinha. 14 — Frente de crepe com pontos abertos e laços. 15 — Gola e punhos de cambraja branca bordada.

Ponto de xadrês para vestido de creança

Este ponto de xadrês é de muito fácil execução; pôde ser empregado para vestidos e casacos de creança, assim como para casacos de esporte dos mais velhos. Empregam-se duas lãs de tons opostos: azul e branco; vermelho e branco, etc.

Com a lã vermelha — 1.ª carreira: 2 malhas pelo direito, 2 malhas escorregadas pelo avesso, etc. 2.ª carreira: 2 malhas escorregadas pelo avesso, 2 malhas pelo avesso. **Com a lã branca** — 3.ª carreira: 2 malhas escorregadas pelo avesso, 2 malhas pelo direito. 4.ª carreira: 2 malhas pelo avesso, 2 malhas escorregadas pelo avesso. **Com a lã vermelha**, 5.ª carreira: pelo direito tricotar todas as malhas. 6.ª carreira: pelo avesso tricotar todas as malhas. **Com a lã branca**, 7.ª carreira: 2 malhas pelo direito, 2 malhas escorregadas pelo avesso. 8.ª carreira: 2 malhas escorregadas pelo avesso, 2 malhas pelo avesso. **Com a lã vermelha**, 9.ª carreira: 2 malhas escorregadas pelo avesso, 2 malhas pelo direito. 10.ª carreira: 2 malhas pelo avesso, 2 malhas escorregadas pelo avesso. 11.ª carreira: pelo direito, tricotar todas as malhas. 12.ª carreira: pelo avesso, tricotar todas as malhas. **Com a lã vermelha**, 13.ª carreira: como a primeira carreira, e assim em seguida. Passar o trabalho a ferro no sentido da largura.



Chronica

de Paris

O que devem desejar ahi são antes de tudo vestidos frescos e claros para os bellos dias de outono. A luz irradia sobre os **organdis**, **mousselines**, **organzas**, **voiles**, as laizes bordadas e rendas, enfim todos os tecidos que foram empregados nas toilettes primaveris da estação passada. Esses vestidos, de uma grande leveza, mostram ás vezes a nova linha bluzada, característica da moda atual. As saias movimentadas, as mangas curtas, **echarpes** cruzadas sobre o peito e amarradas atraz formando laços ou longas pontas. Babados, **ruches** e rendas guarnecem muitos desses modelos. Muitos corpos desenharam um **bolero**, outros são incrustados na saia por uma ponta; muitas saias sobem em **corselet**. Numerosas são as pregas finas, os **smoking**, os franzidos, as applicações e os recortes. Impossível imaginar uma moda outonal sem tecidos floridos, coloridos alegres, guarnições fantasistas unindo-se tão bem a mocidade e a bella estação. Uma vez mais vemos os tecidos de fantasia usados para todas as ocasiões, para todas as horas do dia e da noite.

Os tecidos escocizes e listados combinados com os tecidos de um só tom formam vestidos para o dia, muito chics. São muitas vezes formados por duas peças simulando um costume.

Entre os bordados nota-se o de fitas formando linhas ou desenhos interessantes.

Marinette.



RETORNA A *Juventude*

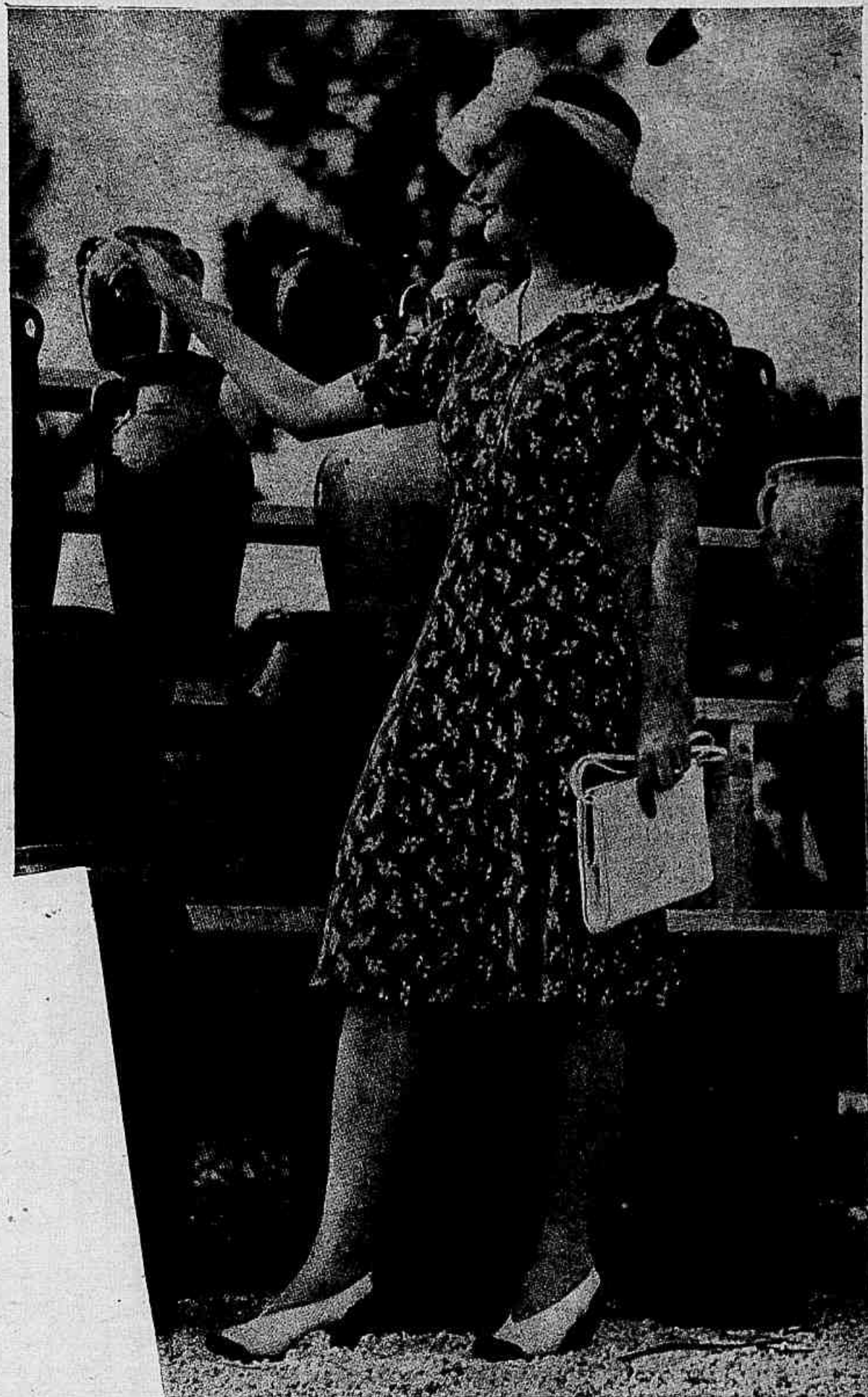
Ensinando como apagar os vestígios do tempo, que qual tributo á belleza se gravaram no rosto feminino, Elizabeth Arden nos indica como retornar á juventude.

O "Ardena Oleo Adstringente" estendido ao deitar-se sobre as partes a serem tratadas, elimina gradativamente as marcas da testa, faz desaparecer as rugas em redor dos olhos e em torno da bocca e alisa as linhas que no pescoço e no cólo se formaram.

Afim de que o "Ardena Oleo Adstringente" produza seus beneficos effeitos, deve ser applicado em urna cutis que com o "Ardena creme de Limpeza" unido ao "Tonico para a Pelle" foi préviamente limpa e preparada.

Elizabeth Arden

SALÃO NO RIO: AVENIDA RIO BRANCO, 257
SALÃO EM S. PAULO: CASA ANGLO-BRASILEIRA



Vestido de crepe côr de cravo com desenhos brancos, gola de renda branca.



Luvas todas rendadas ou misturadas com tecido de malha.

Modelos para Crianças

VESTIDINHO DE TRICOT



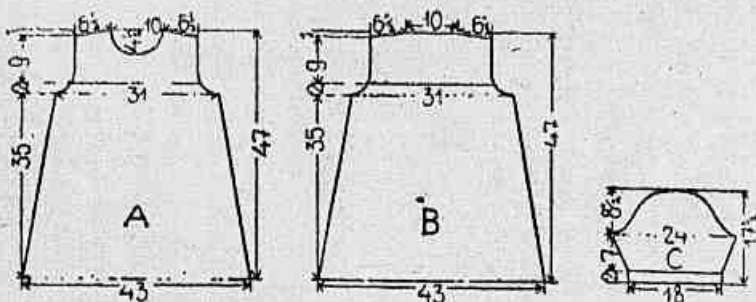
As medidas dadas para criança de dois annos a dois annos e meio. São necessarias 150 grs. de lã rosa trabalhada com fio fino de seda branca, e um pouco de lã angora branca.

Duas agulhas de tricot n. 3 e uma agulha de crochet n. 2.

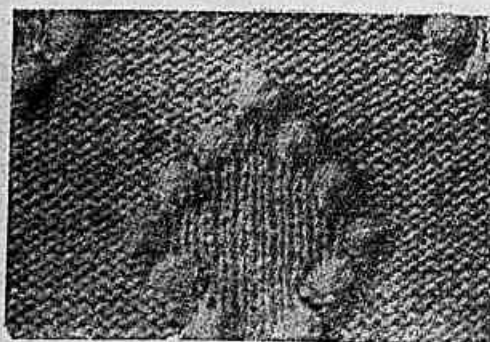
Pontos empregados — Ponto de alcinhas, tricotado seguindo o desenho dos pontos contados e examinar o desenho. Ponto de gaita duplo: duas malhas pelo direito, duas malhas pelo avesso. Ponto de jersey: uma carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso.

Para cada tamanho differente, juntar ou diminuir 3 malhas na frente e 3 malhas nas costas.

Execução: Frente — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 129 malhas (43 centímetros). Tricotar 148 carreiras (35 centímetros) no ponto de alcinhas e começar o primeiro desenho no ponto marcado por uma cruz sobre o desenho dos pontos contados. Diminuir de cada lado 1 malha todas as 8 carreiras. No decorrer das 8 carreiras fechar para cada cava uma vez 5 malhas, duas vezes 2 malhas e uma vez uma malha. Trabalhar em seguida a pala com o ponto de gaita duplo. Tricotar 23 carreiras (5 centímetros e meio) diminuindo para cada cava 1 malha na 4.ª e na 8.ª carreiras. Na carreira seguinte, fechar 7 malhas no meio, para a golla; terminar cada lado (31 malhas) separadamente. Tricotar 14 carreiras, fechando do lado da golla uma vez 3 malhas, duas vezes 2 malhas e quatro vezes uma malha. Tricotar ainda 4 carreiras fechando para formar o hombro duas vezes 10 malhas. As costas são trabalhadas da mesma maneira até o começo da pala. Tricotar 37 carreiras (9 centímetros) no ponto de gaita duplo, diminuindo para cada cava 1 malha



O molde com as suas medidas.



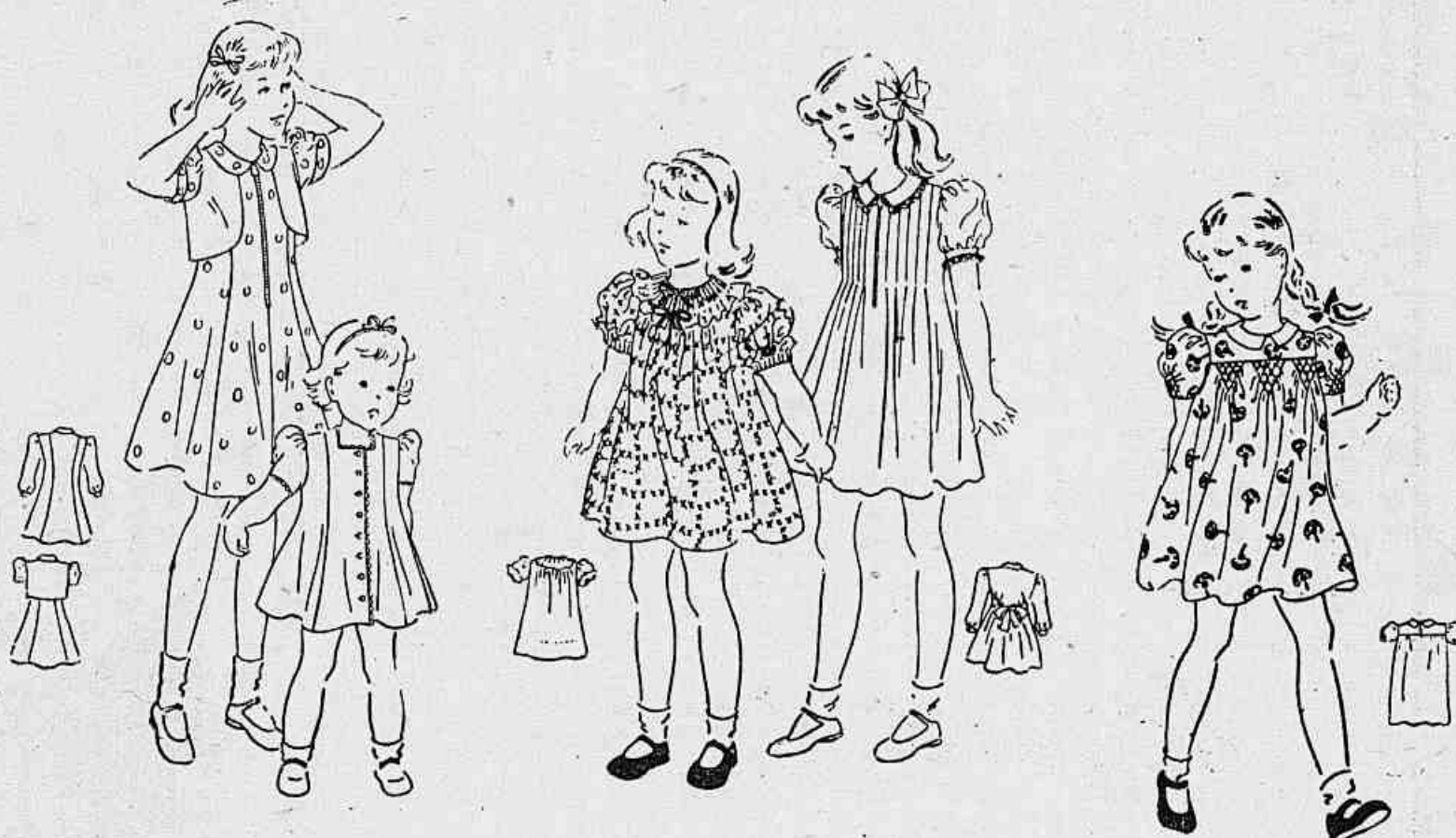
O ponto de alcinhas.

Desenhos dos pontos contados.

BABADORES



1, 2 e 3 — Babadores de fustão, forrados com o mesmo tecido, recortados em festões. Bordados com linha de Argel. 4 — Babador de linho rosa ou azul guarnecido com cadarço zig-zag branco. 5 — De cambraia rosa, bordado e festonado com linha azul. 6 — De cambraia de fantasia, enfeitado com renda. 7 — De fustão felpudo branco, guarnecido com ordens de pespontos azues. 8 — De linho azul com pontos de cadeia executados com linha vermelha. 9 — De zephir de xadrez, debruado com um vize. 10 — De cambraia rosa palido, bordado com ponto de haste com linha rosa mais vivo. 11 — De cambraia branca com barra de cambraia azul, unida com ponto turco. 12 — De fustão de fantasia, com tres carreiras de pespontos no tom do desenho. 13 — De cambraia branca com incrustações de renda ocre. 14 — De cambraia verde claro com bordado no ponto de espiga com linha vermelha. 15 e 16 — De cambraia branca com pontos abertos, um terminado por um babado de tule e o outro por uma bainha aberta.



1 — Vestido de crepe rosa com desenhos brancos. Bolero de crepe branco. 2 — Vestidinho de fustão branco, com bicos de nanzouk vermelho. 3 — Vestido de voile branco, bordado com ponto de cruz verde, guarnecido com babadinhos plissados de voile branco e fita verde. 4 — Vestido de cambraia azul, enfeitado com pregas e renda valencienne. 5 — Vestidinho de crepe georgette ou voile florido, guarnecido com franzidosinho de abelha.

Vestidos para meninas



- 1 — Vestido de crepe georgette azul marinho, fita de setim rosa palido na cintura. 2 — Vestido de crepe da China branco, guarnecido com babadinhos plissados. 3 — Vestido de crepe marocain verde jade, gola de renda. 4 — Vestido de tafetá amarelo claro, enfeitado com babadinhos. 5 — Vestido de crepe da China rosa, com pala e alto das mangas de renda. 6 — Saia e bolero de crepe marocain vermelho, o bolero debruado com setim branco, deste mesmo tecido a blusa e faixa. 7 — Vestido de crepe azul claro, a pala e mangas de crepe de fantasia, viezes de setim mais escuro na gola e nas mangas.

na 4.^a e 8.^a carreiras. Trabalhar ainda mais 4 carreiras fechando para formar o hombro 4 vezes 10 malhas. Fechar as 29 malhas restantes numa só carreira.

Manga — Pôr na agulha de tricot 54 malhas (18 centímetros) e tricotar 2 centímetros de ponto de gaita duplo. Em seguida continuar o trabalho de ponto de gaita duplo sobre as 10 malhas do centro, tricotar no ponto de jersey as malhas encontrando-se de um lado e do outro destas 10 malhas. Tricotar 29 carreiras (7 centímetros) aumentando de 1 malha cada 3 carreiras de cada lado. No decorrer das 36 carreiras seguintes (8 centímetros e meio) fechar de cada lado uma vez 3 malhas, tres vezes 2 malhas, onze vezes 1 malha, duas vezes 2 malhas e uma vez 4 malhas. Fechar as 16 malhas restantes de uma só vez.

Fazer as costuras dos hombros deixando aberturas do lado da gola. Terminar a gola com duas carreiras de pontos baixos executados com a agulha de crochet e a lã angora.

Pregar colchetes de pressão nas aberturas dos hombros.

VARIEDADES

O DIAMANTE AZUL, que tinha fama de ser malefico

Esta pedra ficou celebre não sómente pela sua grande beleza como pela fama de trazer a desgraça aos seus possuidores.

Foi Tavernier, explorador francez, que em 1642 levou da India para a França esta pedra fatidica e a vendeu ao superintendente Fouquet. Este cahindo em des-

Como possuir lábios que os homens adoram!



Baton

Zande

Imprima aos seus lábios, com o Baton ZANDE, esse poder de sedução que subjuga os homens... a suave tonalidade vermelha da própria Natureza. Este baton novo, de grande efeito, é caricioso e dura mais quando aplicado. Não seca os lábios. Seis cores modernas ZANDE.

Só se vende ZANDE nas melhores casas — quatro tamanhos, mas todos a um preço que o põe ao alcance de todos os lábios.



... e o Rouge ZANDE!

Rivaliza com a Natureza em suavidade e encanto de tons. É mais fácil de aplicar. ZANDE adere maravilhosamente à cutis durante muitas horas. Seis cores — para harmonizar com o famoso Baton ZANDE.

graça, foram seus bens confiscados pelo governo, e Luiz XIV fez presente delle á marquez de Montespan, que teve um fim tão lamentavel. Mais tarde, o brilhante azul guarneceu a testa de Maria-Antonieta, tendo-lhe sido tomado na sua volta de Varennes. Roubado em 1792, de onde tinha sido depositado como bem nacional, a joia foi retalhada em Amsterdam. O ourives que se encarregou da operação morreu assim como seu filho, devido a violentos desgostos.

O primeiro que adquiriu o diamante transformado morreu de fome; pouco tempo depois foi adquirido pelo duque de Brunswick, que foi despojado de todos seus bens; Jorge IV da Inglaterra, o seguinte dono da pedra, ficou louco; a actriz parisiense a quem foi dada a joia morreu assassinada.

Emfim desapareceu a joia fatidica no naufragio do Titanic, como o seu ultimo proprietario, o riquissimo norte-americano Edward Mac Lean.

ATAQUES NERVOSOS OU EPILEPTICOS

NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epilepticos é o que se faz com MARAVAL — solução. Este poderoso medicamento, graças á feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL — solução — é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epilepticos.

Não encontrando MARAVAL — solução — nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

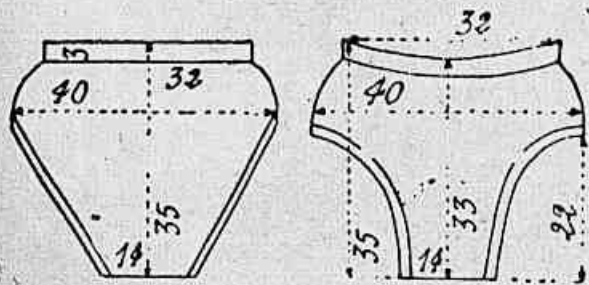
MARAVAL

VESTIDOS PARA A NOITE



1 — Saia subida de setim preto, corpo decotado e bolero de crepe de fantasia. 2 — Vestido de tule grosso preto, sobre forro de crepe de fantasia. 3 — Vestido e casaco curto de foulard azul marinho com pintas brancas. 4 — Vestido de organdi branco com listas verdes.

Slip (calção) de tricot de lã



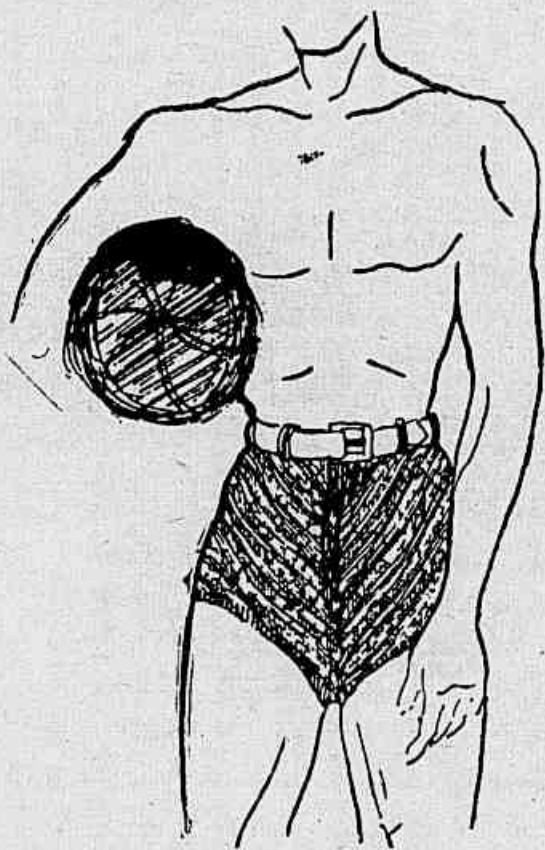
Os moldes com as suas medidas.

Este slip é executado com lã grossa azul marinho, marron ou grenat. O ponto em relevo empregado é indeformável, e elástico.

São necessárias 150 grs. de lã sport marron, duas agulhas de tricot de 4mm. de diâmetro.

Pontos empregados: 1.º — Ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. 2.º — Ponto de fantasia: 1.ª carreira, pelo direito, 2.ª carreira pelo avesso, mas trocando as malhas, quer dizer tricotando a segunda malha antes da primeira, e em seguida a primeira, depois a quarta antes da terceira, etc. Essas duas carreiras repetem-se sempre, mas deslocando uma malha no desenho todas as duas carreiras.

Frente — Pôr na agulha de tricot 30 malhas para a entre-pernas; trabalhar no ponto de fantasia, menos as 4 malhas do centro que são tricotadas no ponto de jersey até em cima para formar uma



tira lisa. Depois de 4 carreiras a direito, aumentar de cada lado todas as 3 carreiras 1 malha (11 vezes), neste momento formar duas pincas, para isto trabalhar em vae-e-vem, deixar 3 malhas á espera no fim da agulha, voltar, deixar 3 malhas á espera, e assim em seguida, quando se tiver 12 malhas á espera de cada lado, retomar todas as malhas e continuar, aumentando de cada lado 1 malha

todas as 2 carreiras 6 vezes, depois 1 malha por carreira 11 vezes, depois 3 malhas por carreira 3 vezes (104 malhas); diminuir em seguida 1 malha de cada lado todas as duas carreiras 13 vezes. Além disso, para dar mais altura sobre os quadris que sobre a frente, a 30 centímetros de altura, no centro, deixar 18 malhas á espera no meio, trabalhar de um só lado, fazer 10 vai-vens deixando de cada

vez 3 malhas a mais á espera do lado do meio da frente, fazer a mesma coisa do outro lado, depois retomar todas as malhas trabalhando no ponto de gaita durante 3 centímetros antes de fechar todas as malhas.

Costas — Apanhar 30 malhas na entre-pernas; trabalhar no ponto de fantasia, com a baguette de jersey no centro, não fazer as pincas, trabalhar a direito durante dois centímetros, depois aumentar em cada extremidade de 1 malha todos os 12 centímetros 37 vezes; fazer 4 carreiras a direito, depois diminuir de cada lado 1 malha todas as 2 carreiras 26 vezes. Quando a costura de lado tiver 9 centímetros de altura, fazer 3 centímetros de ponto de gaita e fechar todas as malhas.

Depois de feitas as costuras dos lados, apanhar em volta de cada perna 140 malhas, fazer 4 carreiras no ponto de gaita. Fazer 6 alças para passar o cinto, tricotando no ponto de gaita sobre 5 malhas durante 16 carreiras.

PENSAMENTOS

Todo o nosso destino está às vezes na diferença de alguns minutos entre a nossa passagem em certo ponto e a passagem de alguém que desejaríamos, mais tarde e ao preço de nossa vida, ter encontrado ali.

P. Bourget.



BRASIL

Menu de almoço

(Receitas sul-americanas)

Torta de batatas com peixe e camarões — Perdizes com repolho —
Emboçado de cabrito — Espargos com creme — Rolinhos de carne
— Favas refogadas — Pastelinhos de ovos — Pudim
de amendoas

TORTA DE BATATAS COM PEIXE E CAMARÕES

Pôr para cozinhar as batatas com as cascas, depois descascar e desfazer como para pirão. A essa massa juntar bastante azeite, vinagre e sal, temperar ao paladar, tudo muito bem misturado. Na travessa pôr folhas de alface, sobre ellas estender a massa em forma de torta, temperando com molho de cebolas cortadas em fatias muito finas e postas durante algumas horas no tempero de vinagre, azeite, pimenta e oregos. Enfeitar com fatias de ovos cozidos, pedaços de peixe frito, camarões cozidos, lascas de queijo, azeitonas e rabanetes.

Urcina P. de Sandoval — (Buenos-Aires)



Aparelho para cortar bem fino o repolho.

PERDIZES COM REPOLHO

Depois das perdizes bem lavadas, são postas no tempero durante algumas horas. São refogadas na manteiga com pedacinhos de toucinho, juntar uma cebola, duas cenouras, um pedaço de aipo, salchichas e um bom repolho (partido como mostra o desenho), este é aferventado antes de pô-lo na panella das perdizes. Juntar um litro de caldo e deixar cozinhar bastante. Arruma-se o repolho na travessa, sobre elle as perdizes e as salchichas.

Constanza Puch de Weigel — (Buenos-Aires)

EMBOÇADO DE CABRITO

Prepara-se um quarto de cabrito desmamado recentemente e põe-se, duas horas, num tempero de vinagre, azeite, pimenta, sal, oregos e um bocadinho de alho moído.

Prepara-se a parte uma massa bem consistente feita com farinha de trigo, seis ovos e a água necessária; depois de bem amassada deixa-se repousar durante uma hora, coberta com um panno. Em seguida estende-se com o rôlo até ficar com a espessura de um centimetro pouco mais ou menos. Tira-se o pedaço de cabrito do tempero, enxuga-se e colloca-se sobre a massa envolvendo-o nella, arruma-se num taboleiro untado com manteiga e vae ao forno coberto com uma folha de papel untado com manteiga (forno moderado). Assim que estiver assado, retira-se o papel para tomar cor. Serve-se com o seguinte molho: desfaz-se miolo de pão em polpa de tomates, creme de leiteria, uma colher de vinagre, tres de azeite, sal e pimenta, tudo bem batido.

Josefa Alvarez — (Lima)

ESPARGOS COM CREME

Fervem-se ligeiramente os espargos em água e sal sem deixar cozinhar muito para não se desfazerem. Atados em pequeninos molhos põem-se durante duas horas em molho de azeite, vinagre, sal e pimenta, servindo-se depois de bem escorridos do tempero com molho amarello feito com leite, manteiga, farinha de trigo e gemma de ovo.

Maria Lopez Beneditto — (Buenos-Aires)

Adeus indigestão!



PARA gozar de melhor saúde, tome a deliciosa Quaker Oats todos os dias. Contém, em abundância, os elementos essenciais para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats fornece, aos intestinos, o necessário volume para um funcionamento fácil. Preparo simples — experimente e veja!

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Insista em comprar a lata com a figura do Quaker — a aveia sem impurezas.



Aqui está o livro que A SENHORA PRECISA



COMER BEM

por Dona Benta

Vale por uma biblioteca de livros de arte culinária - Receitas modernas - Práticas - Econômicas.

1894 RECEITAS de salgados - doces - bebidas - sanduiches e sorvetes.

Para todas as ocasiões: banquetes - lanches rápidos - almoços e jantares de cerimônia e comuns - chás - cocktails, etc.

Algumas Secções Especiais

- Guarnições e combinações de pratos
- Tabelas de calorias e vitaminas dos alimentos
- Regimens para diminuir, aumentar e conservar o peso
- Cozinha vegetariana
- Alimentação da primeira infância

COMPRE HOJE SEU EXEMPLAR

Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 639 - São Paulo

pimenta e tomilho. Este prato é tampado também, e de momento a momento deitam-se nas favas gotas da água que contém. Passada uma hora juntar pedacinhos de presunto e chouriço e meia chávena de anisado.

Deixa-se ainda cozinhar um pouco mais.

Anita F. Monner — (Buenos-Aires)

PASTELINHOS DE OVOS

Fazer uma massa folhada bem extendida com o rôlo e cortar em quadradinhos de oito centímetros, collocar sobre uma toalha. Pôr numa frigideira, bem aquecida, manteiga e, quando estiver bem quente, estrellar ovos pulverizando-os com sal e pimenta. Assim que as claras cozinham, tirar os ovos com cuidado e arrumar sobre os quadradinhos da massa folhada, cobrindo com outro quadrado depois de pôr sobre o ovo uma colher de creme de leiteria. Frigir na banha de porco ou assar no forno; servem-se quentes.

Carolina L. de Castilla — (Buenos-Aires)

BOLO DE AMENDOAS

Fazer uma massa com 250 grs. de farinha de trigo, 250 grs. de manteiga, igual quantidade de amendoas picadinhas ou passadas na machina e de assucar, 2 ovos inteiros e 2 gemmas, uma pitada de sal. Misturar tudo muito bem, mas não amassar muito, deixar descansar uma hora na geladeira. Dividir a massa em 14 pedaços, abrir com o rolo até ficarem finas, formar rodellas de 14 a 15 centímetros de diametro, pôr para assarem em taboleiros e ir arrumando no prato uma sobre as outras pondo, entre cada qual, uma leve camada de marmelada. Seria preferível empregar a goiabada desfeita com um pouco de vinho moscatel, ou então uma marmelada de damasco.

Pôr um prato sobre o bolo para não entufar; este bolo fica mais gostoso no dia seguinte. Servir com creme Chantilly.

THERMOMETROS PARA FEBRE CASELLA-LONDON

Min Casella London 84014

FUNCCIONAMENTO GARANTIDO



— Em que anno nasceu?
— Um pouco antes da guerra...
— A qual? Crimá? ... 70? ...



— Sim, é dos taes banqueiros que, quando se lhes péde as contas, levantam o pé! ...

Chapéus pequenos e chapéus grandes estão na moda



Pequeno chapéu de palha amarelo claro, guarnecido com veludo preto.



Chapéu de fina palha branca, guarnecido com fita de chamalote marrom.



Chapéu de fustão branco com grande rosa branca.



Chapéu cuja copa de palha azul marinho tem uma aba de palha bege claro.



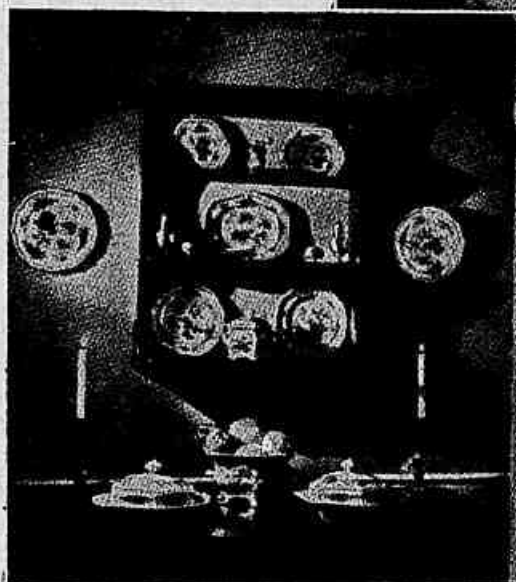
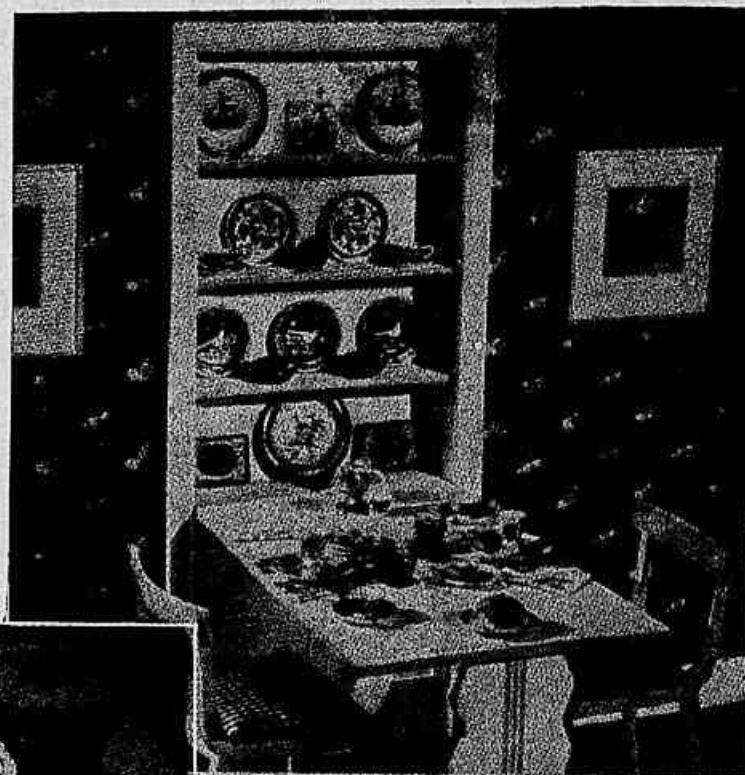
Chapéu de palha azul marinho enfeitado com tulle do mesmo tom.



Chapéu de palha bakou azul marinho, com fita gros-grain vermelha.

ORNAMENTAÇÃO DO LAR

Os pratos na guarnição da sala de jantar



Os pratos com
seus coloridos
vistosos ale-
gram as pare-
des e pratelei-
ras da sala de
jantar.



APARTAMENTOS

A FÁBRICA DE MÓVEIS "LAMAS" expõe em seu grande mostruário anexo às oficinas, à rua Melo e Souza, ns. 100/8 (próximo à estação principal da Leopoldina), inúmeros modelos, especialmente creados para Apartamentos e que resolvem o problema da escassez de espaço, sem prejuízo da boa comodidade e distinção que a vida moderna exige, executando ainda, sob desenhos e em qualquer estilo ou dimensões, modelos especiais, oferecendo também em alguns casos facilidade de pagamento. Solicitem pelos telefones 28-4478 e 48-8211 a ida de um representante com catálogos e outras orientações.

Os móveis "Lamas" vendem-se exclusivamente no mostruário junto à fábrica.

PRECEITOS DE HIGIENE

Os cuidados a tomar com os cabelos

Não nos preocupemos de saber se se deve ou não lavar os cabelos. Esta questão já fez correr muita tinta. Sem grandes resultados aliás, porque os higienistas que discutiam a questão não cederam, cada qual ficando com a sua opinião.

Por nossa parte, achamos que a lavagem da cabeça e dos cabelos é indispensável. Os cabelos, mais expostos às poeiras que qualquer outra parte do corpo e que, pela sua natureza, retêm mais ainda,

devem ser muito cuidados, muito lavados, sobretudo no nosso clima.

É bem evidente que a natureza não faz nada sem razão. Se muniu o couro cabeludo com glândulas sebáceas encarregadas de lubrificá-lo, é porque precisavam os cabelos dessa protecção. Aos cabelos constantemente expostos a toda espécie de poeiras e a certa gordura — muitas vezes excessiva — aderem as impurezas que tiram o brilho dos cabelos e que, misturadas às secreções naturais, nada têm de higienico.

A lavagem da cabeça torna-se pois uma necessidade urgente.

Já os Romanos limpavam as suas cabeças, mas, como naquela época o sabão ainda não era conhecido, era a argila que utilizavam. A formula dos primeiros shampoings não era complicada.

Mas, como não temos a intenção de contar a historia dos shampoings, voltaremos aos meios modernos de limpar os cabelos.

O exame da natureza do cabelo mostra-nos que os fios de cabelo são formados por células ricas em queratine — a queratine sendo atacavel pelos alcalinos. Dahi se tira a conclusão que os shampoings fortemente alcalinos são contra-indicados. Mas parece que não dão a importância que merece esta constatação no entanto elementar, apesar de todos os profissionais terem de ha muito observado que taes shampoings ressecam os cabelos, tornando-os quebradiços.

Isto é tão exato que, para neutralizar o alcali em excesso e evitar seus efeitos

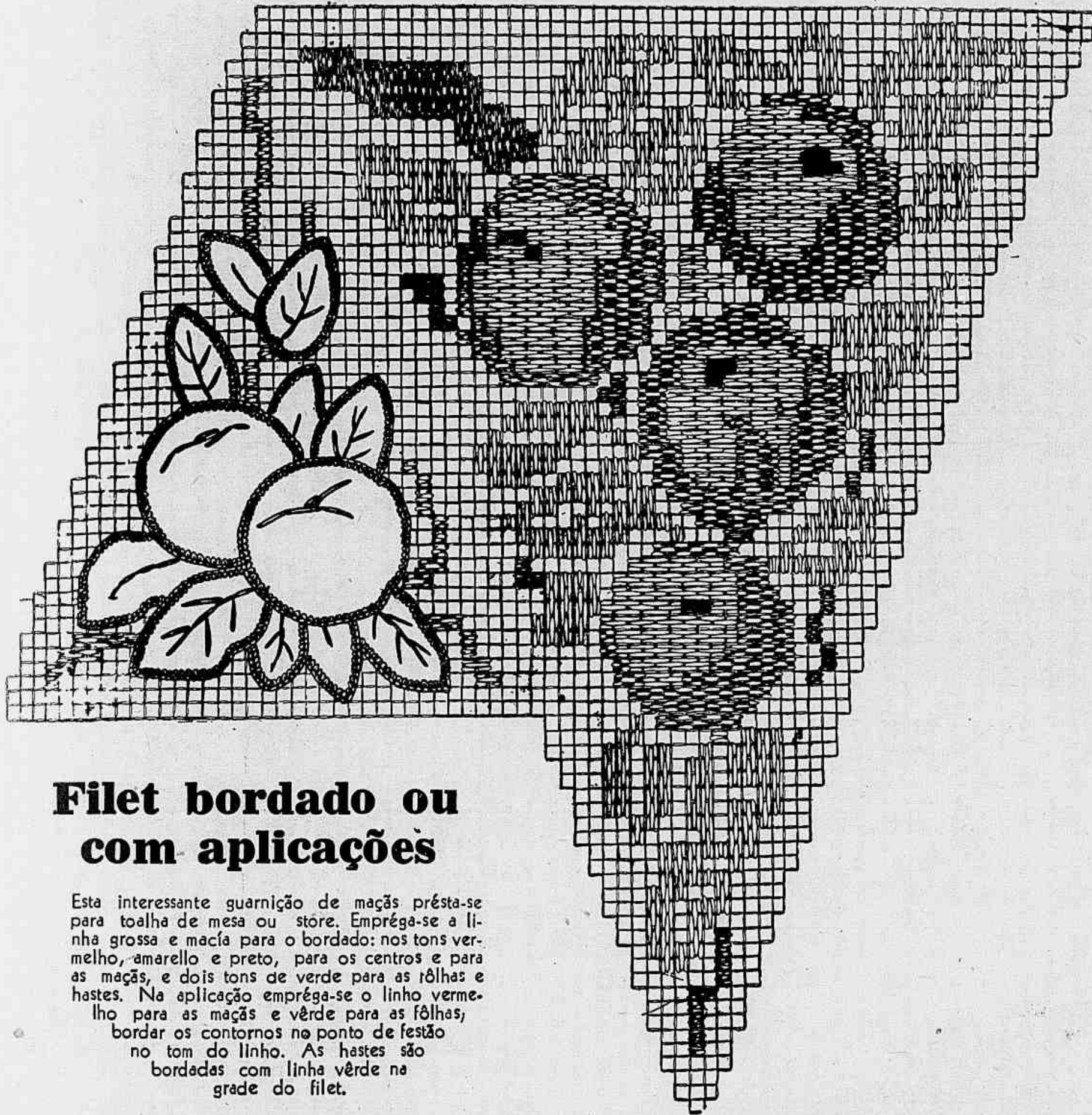
Larga-me!... Deixa-me gritar!...



Xarope São João

E' INDICADO PARA TOSSE E DOENÇAS DO PEITO

Com o seu uso regular: 1 — A tosse cessa rapidamente. 2 — As gripes, constipações ou defluxos cedem, e com ellas as dores do peito e das costas. 3 — Aliviam-se prontamente as crises (aflições) dos asmáticos e os acessos da coqueluche, tornando-se mais ampla e suave a respiração. 4 — As bronquites cedem suavemente, assim como as inflamações da garganta. 5 — A insônia, a febre e os suores noturnos desaparecem. 6 — Acentuam-se as forças e normalizam-se as funções dos órgãos respiratorios.



Filet bordado ou com aplicações

Esta interessante guarnição de maçãs presta-se para toalha de mesa ou store. Emprega-se a linha grossa e macia para o bordado: nos tons vermelho, amarelo e preto, para os centros e para as maçãs, e dois tons de verde para as rólhas e hastes. Na aplicação emprega-se o linho vermelho para as maçãs e verde para as rólhas; bordar os contornos no ponto de festão no tom do linho. As hastes são bordadas com linha verde na grade do filet.

causticos, na agua para enxaguar junta-se acido acetico. Este erro, cometido com conhecimento de causa, parece á primeira vista inexplicavel. Póde-se no entanto explical-o verificando-se que muitas são as pessoas que acreditam que para bem limpar a cabeça e os cabellos é necessario saponificar os corpos gordurosos segregados e acumulados sobre o couro cabelludo e cabellos. Já foi suficientemente demonstrado que essa maneira de ver era errada.

Não basta applicar um alcalino, seja elle qual fôr, sobre as gorduras naturais para saponifical-as. Isto não é tão simples. E, mesmo que a coisa fosse possivel, seria perfeitamente inutil. Não é necessario saponificar as secreções sebaceas, mas simplesmente emulsional-as.

Isto quer dizer que todos os **shampooings** fortemente alcalinos são nocivos e nada justifica seu emprego. Limpam bem, não ha duvida, mas não melhor que os **shampooings** neutros e por conseguinte não causticos e não irritantes para o couro cabelludo.

O cabelo são, o cabelo normal por conseguinte, está constantemente revestido duma fina película invisivel sebacea.

E' á presença desta secreção glandular que elle deve sua flexibilidade e seu brilho. E' graças a ella que os cabellos são pesados e conservam suas ondulações. Os cabellos muito seccos ou fortemente desgordurados são leves, vaporosos. Esta these biologica, confirmada pelas observações dos estudiosos, acaba de ser fortemente reforçada pelo emprego immoderado dos **shampooings** sem sabão desses ultimos annos. Não se sabe ainda se esses productos têm uma acção directa sobre a queratine, mas o que se sabe é que as suas propriedades osmoticas são tão consideraveis que sob a sua acção produz-se uma tal modificação no cabelo que se torna impossivel frizal-o.

A lavagem dos cabellos não deve pois ser synonymo de desgorduramento completo dos cabellos e do couro cabelludo.

Se a principio não quizeram ver nesta affirmação senão uma theoria sem alcance pratico, a experiencia encarregou-se de demonstrar que era preciso tomar em consideração tudo que faz a natureza, sempre cheia de providencias.

Os cabellos limpos não devem em caso algum ficar ressecados sem correr riscos. Esta protecção dos cabellos pela secreção sebacea é mais importante do que se imagina communmente.



Saia de linho marron com xadrez branco, o casaco de linho branco com xadrez marron.

A Beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para enbranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador á vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite á pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta á imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o.

CONSELHOS PRATICOS

Racahout para as creanças

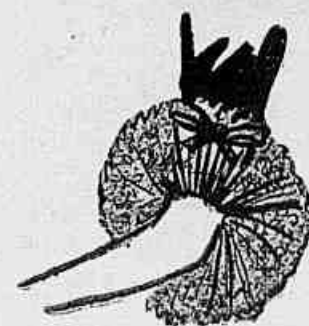
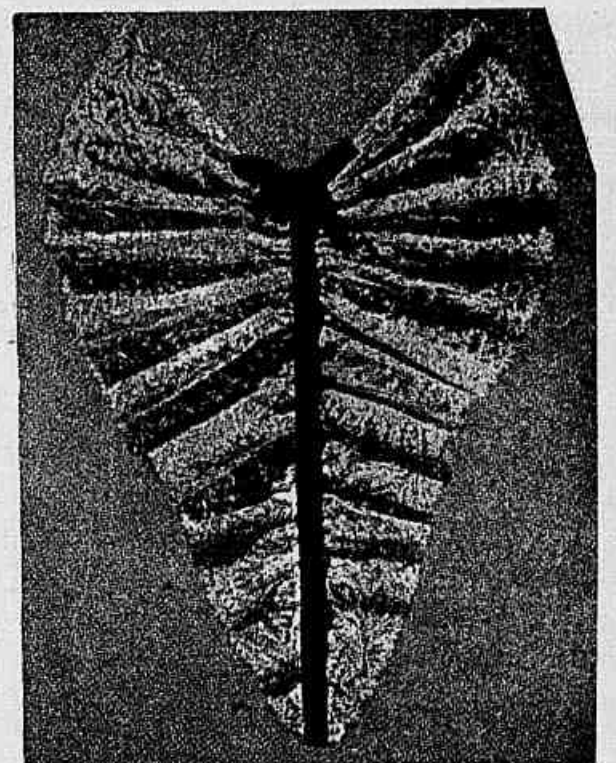
Prepara-se da seguinte maneira: misturar muito bem 250 grs. de crème de arroz, 250 grs. de fecula de batata, igual quantidade de cacáo de muito boa qualidade sem assucar e meio kilo de assucar. Conservar em latas bem fechadas. O mingau póde ser feito com leite ou com agua.

Para concertar os objectos em ebonite

Fazer derreter em fogo muito brando 100 grs. de celophane, depois ir juntando progressivamente 50 grs. de gutta-percha picada em pedacinhos, tornar a massa bem unida, despejar em pequenas placas sobre pedra fria. No momento do emprego, fazer derreter a quantidade necessaria, no fogo, untar as partes a reunir e apertar fortemente até ficar completamente frio, tirar as sobras com a lamina de um canivete, aquecida.

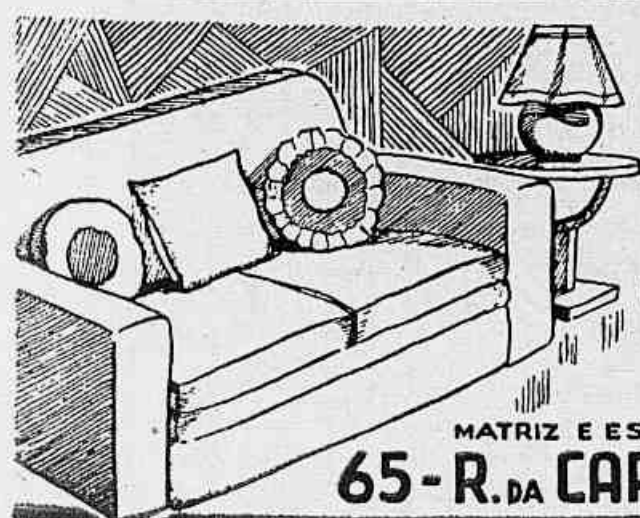
Guarnições de renda

Gola e punhos de renda Valenciennne ou renda Argentan, guarnecidos com ordens de franzidos mantidos por estreitos viezes de setim.



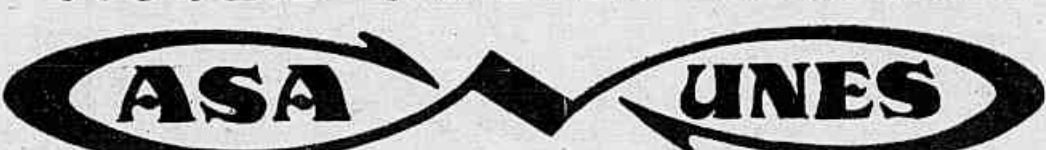
Jabot de renda, com franzidos e fita de velludo.

Punho de renda levemente engommada, mantido por um laço de fita.



GRUPOS ESTOFADOS

MOVEIS-TAPETES-CORTINAS



A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

MATRIZ E ESCRITÓRIOS

E TAMBÉM NO ANEXO A

65-R. DA CARIOCA-67-R. 7 DE SETEMBRO-82 JUNTO A AVENIDA

Pull-over de tricot



Este pull-over pôde ser executado em lã fina ou com linha da grossura do fio perlé n. 12 de colorido alegre. Agulhas de tricot de 2 mm. e meio de diâmetro, 1 agulha de crochet n. 2. Com a lã fina trabalhar com fio duplo.

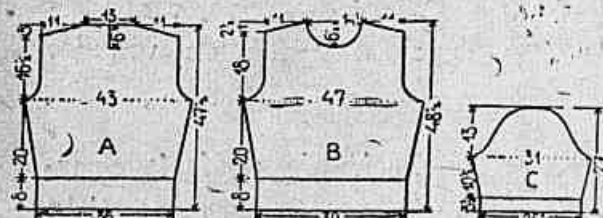
Pontos empregados — Ponto de gaita duplo: 2 malhas pelo direito, 2 malhas pelo avesso. Ponto de jarreteira: tricotar sempre pelo direito. Ponto de renda: trabalhar segundo a fig. 1, com os pontos contados e examinar também a fig. 2.

Para cada manequim acima de 42 ou logo abaixo, aumentar ou diminuir 6 malhas na frente e igual numero nas costas.

Execução: Costas — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 105 malhas (35 centímetros), tricotar - centímetros no ponto de gaita duplo. A primeira carreira depois da gaita é trabalhada da seguinte maneira: 34 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 34 malhas pelo direito. Trabalhar sempre assim o ponto de jarreteira sobre os pontos pelo direito e os de renda sobre os de renda.

Tricotar 75 carreiras (pouco mais ou menos 20 centímetros) aumentando em cada 6ª carreira 1 malha. Fechar para as cavas de cada lado duas vezes 3 malhas, uma vez 2 malhas e quatro vezes 1 malha. Tricotar 38 carreiras a direito (10 centímetros). Separar então o trabalho em dois fechando a malha do meio e terminar cada lado separadamente. Tricotar 11 carreiras (3 centímetros) a direito. Depois tricotar 12 carreiras enfiando o hombro, fechando a partir da cava tres vezes 6 e tres vezes 5 malhas. Fechar de uma só vez as 19 malhas restantes.

Frente — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 117 malhas (39 centímetros) e tricotar primeiro os 8 centímetros no ponto de gaita duplo. A primeira carreira depois do ponto de gaita é trabalhada da seguinte maneira: 25 malhas no ponto de renda, começando no ponto marcado na fig. 1 com uma cruz, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 25 malhas no ponto de renda. Tricotar em seguida no ponto de jarreteira por cima das malhas pelo direito e no ponto de renda sobre as listas de 11 malhas, nas malhas restantes; tricotar alternadamente 16 carreiras no ponto de renda, 16 carreiras no ponto de jarreteira. Fazer 75 carreiras (20 centímetros) no decorrer das 12 carreiras seguintes, fechar para cada cava uma vez 5 malhas, uma vez 3 malhas, duas vezes 2 malhas e duas vezes 1 malha. Tricotar 8 carreiras diminuindo 1 malha na 4ª e na 8ª carreiras. Trabalhar 33 carreiras, separar



Os moldes com as suas medidas

Fig. 1



Fig. 2



O SEU ROSTO TEM

zonas perigosas



CRAVOS e espinhas que se acumulam em certas partes do rosto são um perigo constante, que cumpre evitar, em benefício da beleza das feições. A pelle flacida, sem viço, que começa a encarquilhar-se prematuramente, é campo propicio ao aparecimento de espinhas, cravos e outras imperfeições. Para fortalecer a pelle, revigorando os tecidos, use Rugól em massagens nas faces, na testa e no pescoço. Rugól penetra profundamente nas camadas sub-

cutaneas e fortifica os tecidos, dando viço e beleza á cutis. Use Rugól como seu creme de beleza, retirando o excesso com uma toalha secca ou humida e depois de enxuto poderá fazer sua "maquillage" ou applicar o pó de arroz para sahir. À noite, antes de se deitar, retire com uma toalha humidecida o creme usado durante o dia. Depois, lave bem o rosto e applique nova camada de Rugól. Em pouco tempo sua cutis terá de novo o aspecto sadio da juventude.



LABORATORIOS
ALVIM & FREITAS, LTDA.
SÃO PAULO

**CREME
RUGÓL**

o trabalho em dois fechando as 9 malhas do meio para o decote, terminar cada lado separadamente. Tricotar 14 carreiras fechando do lado do decote uma vez 5 malhas, uma vez 4 malhas, duas vezes 2 malhas e tres vezes 1 malha. Trabalhar em seguida 10 carreiras fechando para o enfiado do hombro, partindo da cava, tres vezes 7 malhas e duas vezes 6 malhas ao mesmo tempo diminuindo 1 malha na 3ª carreira, esta para o decote.

Manga — Pôr na agulha de tricot 79 malhas (26 centímetros e meio), tricotar tres centímetros e meio no ponto de gaita duplo. A primeira carreira depois do ponto de gaita é trabalhada da seguinte maneira: 8 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 15 malhas pelo direito, 11 malhas no ponto de renda, 8 malhas pelo direito. Tricotar em seguida no ponto de jarreteira sobre as malhas pelo direito e no ponto de renda sobre as outras malhas restantes. Trabalhar 39 carreiras (10 centímetros e meio) aumentando de cada lado 1 malha todas as 5 carreiras. No decorrer das 50 carreiras seguintes (13 centímetros), fechar de cada lado uma vez 4 malhas, tres vezes 2 malhas, 17 vezes uma malha, duas vezes 2 malhas, uma vez 3 malhas e uma vez 6 malhas. Fechar as 13 malhas restantes de uma só vez.

Golla — tricotar duas partes iguaes — Começar cada parte pondo na agulha de tricot 57 malhas (19 centímetros). Fazer 1 malha de trancinha no começo e no fim de cada carreira. Primeiro tricotar 1 centimetro no ponto de gaita duplo, seguindo 16 carreiras no ponto de renda. Fechar as malhas num ponto muito frouxo.

Fazer as costuras, depois terminar as beiradas das fendas por uma carreira de ponto, baixos executados com a agulha de crochet. Fechar por meio de colchetes de pressão. Fazer botões com a agulha de crochet.

ESTADO DO RIO

OS BAILES DE ALELUIA EM NITERÓI



Club Central.



Canto do Rio F. C.



C. C. 5 de Julho.



C. C. Bandeirantes.



Humaitá A. C.



C. C. Heróis Brasileiros.

**DOR,
GRIPE,
RESFRIADOS**

GUARAINA



NÃO ATACA O CORAÇÃO
Labs. Raul Leite S/A